

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

**OS SÍMBOLOS DA CULTURA RUSSA NA CONSTRUÇÃO DA COPA DO MUNDO
DE 2018**

Elcio Cassola Padovez

São Paulo

2019

ELCIO CASSOLA PADOVEZ

**OS SÍMBOLOS DA CULTURA RUSSA NA CONSTRUÇÃO DA COPA DO MUNDO
DE 2018**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na área de concentração Comunicação Midiática, linha de pesquisa “Jornalismo, Imagem e Entretenimento”, da Faculdade Cásper Líbero (FCL/SP), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de O. Menezes.

São Paulo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Padovez, Elcio Cassola

Os símbolos da cultura russa na construção da Copa do Mundo de 2018.
/ Elcio Cassola Padovez -- São Paulo, 2018.

111 f.: il ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) – Faculdade
Cásper Líbero, 2018.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio Menezes

1. Comunicação. 2. Ambientes comunicacionais. 2. Símbolos. 3. Cultura
Russa. 4. Megaeventos esportivos I. Padovez, Elcio Cassola. II. Faculdade
Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação e Mercado. III. Título.

CDD 302.2

Bibliotecária responsável: Ana Maria Pereira da Silva - CRB 8/9086

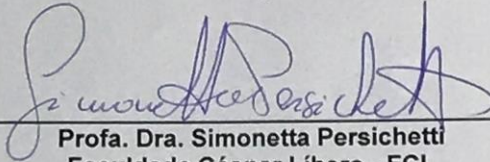
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: ELCIO CASSOLA PADOVEZ

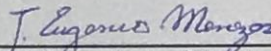
"OS SÍMBOLOS DA CULTURA RUSSA NA CONSTRUÇÃO DA COPA DO MUNDO
DE 2018"



Prof. Dr. Ary José Rocco Júnior
Universidade de São Paulo - USP



Profa. Dra. Simonetta Persichetti
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 13 de março de 2019.

AGRADECIMENTOS

Um projeto transiberiano, de ir atrás das raízes da cultura russa e da tradição secular do país nos esportes, não pode sair da cabeça de uma pessoa só. É uma construção de, pelo menos, quatro anos, de um tijolo de símbolos e aprendizados cotidianos, desde que me estalou a ideia de que a Copa da Rússia poderia ser um ótimo fenômeno de pesquisa para um Mestrado.

Neste caminho de muitos quilômetros por terras brasileiras e russas, passou muita gente, cada uma com sua importância singular. Primeiro, meus pais, Elcio e Giza, que sempre me incentivaram e fazem de tudo para que eu possa correr atrás dos meus sonhos. À minha avó Dirce, que desde a adolescência me diz “Menino, você daria um bom jornalista!” – e gosta de ler e comentar tudo o que produzo. Aos meus irmãos, Marco Aurélio e Júlio Cesar, e também tio Júnior e vó Jamile, com seus corações imensos e doçura árabe.

Também devo agradecer ao Ary Rocco, que me fez acreditar desde o início que eu deveria investir neste projeto, que ele gostaria tanto de ter orientado, mas que, pelas circunstâncias da vida, não foi possível. Foi um privilégio tê-lo como parte da banca, assim como a Simonetta Persichetti, que foi preciosa em me abrir mais os horizontes da imagem e das leituras e análises por detrás dela. Um enorme obrigado ao meu amigo, orientador, confidente e espelho de professor e profissional, José Eugenio Oliveira Menezes, o Zé Eugenio lá de Piraju, filho da minha xará de mãe, a dona Adalgisa. Com ele, entrei de vez nos estudos dos símbolos, na atitude etnográfica e aprendi que estudar e dar aula com Vilém Flusser é mais gostoso. A Fernanda Patrocínio, um obrigado especial pela revisão crítica e cuidadosa do texto e das imagens.

A todos os amigos e conhecidos, do Brasil e da Rússia, que se dispuseram a conversar, dialogar e a enriquecer o tema desta dissertação comigo, seja por meio de uma entrevista, uma dica de livro, artigo ou notícia. E também aos que abriram suas casas durante as visitas à Rússia para me mostrar um país fascinante e fora da janela de um hotel. Meu *spassibo* especial a Sasha Gurdzha, minha amiga russa errante, e por tabela, uma das responsáveis por eu ter me apaixonado por esta nação-continente-enigma.

Por fim, muito obrigado aos meus poucos, mas bons amigos Thiago, Ricardo, Rodrigo, Mariana, André Lucas, Mailson, Gabriel e, ao meu namorado, amigo e parceiro, Henrique Santos, que me conheceu em 2016 e, desde então, teve que entrar no olho do furacão eslavo e aguentar, com muita paciência, este projeto se concretizar e hoje virar o documento histórico a seguir.

БЛАГОДАРНОСТИ¹

Транссибирский проект, обращённый к корням русской культуры и вековым спортивным традициям страны, невозможно было бы создать в одиночку. Он построен из кирпичиков символов и ежедневных исследований, результат, по меньшей мере, четырёх лет работы и одного Кубка мира, с тех пор как мне пришла в голову идея о том, что Кубок мира по футболу в России может стать отличным феноменом для магистерского исследования.

На этом многокилометровом пути по бразильским и российским дорогам я встретил много людей, каждый из которых имел по-своему значим и важен для меня. Прежде всего, я хотел бы поблагодарить своих родителей, Элсио и Жизу, которые всегда поддерживали меня, чтобы я мог следовать за мечтой. Мою бабушку Дирсе, которая с тех пор, как я был подростком, говорила мне: мальчик, из тебя может выйти отличный журналист! и любит читать и комментировать всё, что я делаю. Моих братьев Марку Аурелиу и Жулио Сезара, а также дядю Жуниора и бабушку Жамиле с их огромными сердцами и арабской добротой.

Также я должен поблагодарить Ари Рокку который с самого начала заставил меня поверить в этот проект, руководителем которого он хотел быть, но не смог в силу жизненных обстоятельств. Для меня было большой честью видеть его в составе комиссии, как и Симонетту Персикетти, которая открыла для меня горизонты образа и связанных с ним литературы и анализа. Огромное спасибо моему другу, руководителю, товарищу, образовому учителю и профессионалу Жозе Эужениу Оливейре Менезесу, известному как Зе Эужениу из далёкого Пиражу, сыну тёзки моей матери, доны Адалжизы. Благодаря ему, мне открылись двери мира символов в этнографическом отношении, и я узнал, что учиться и учить с Вилемом Флюссером ещё приятнее. Фернанда Патрочинио, отдельное спасибо за критический и тщательный обзор текста и изображений.

Благодарю всех друзей и знакомых из Бразилии и из России, которые были готовы поговорить, обсудить и обогатить тему этой диссертации, будь то через интервью, книги, статьи или новости. А также тех, кто открыл для меня свои двери во время моих поездок в Россию, чтобы показать мне увлекательную страну не из окна гостиницы. Отдельное

¹ Tradução feita por Volha Yamarleyava, professora do Clube Eslavo (SP).

спасибо Саше Гурдже, моей подругестраннице из России, благодаря которой, среди прочих, я влюбился в этот народ-континент-загадку.

И, наконец, большое спасибо моим немногочисленным, но верным друзьям Тиаго, Рикардо, Родриго, Мариана, Андре Лукас, Майлсон, Габриэль и моему другу и партнеру Энрике Сантосу, который, познакомившись со мной в 2016 году, последовал за мной в самое сердце славянского урагана и у которого хватило терпения дожидаться материализации этого проекта и превращения его в исторический документ, с которым вам предстоит познакомиться.

RESUMO

PADOVEZ, Elcio Cassola. **Os símbolos da cultura russa na construção da Copa do Mundo de 2018**. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero: São Paulo, 2019.

Este trabalho tem como objetivo descrever de que forma a cultura russa, por meio de seus símbolos, ajudou na construção da Copa do Mundo de 2018. A partir do levantamento das raízes culturais de símbolos, como a águia bicéfala, o uso da cor vermelha como informação na sociedade russa e da disciplina dos corpos pela cultura ortodoxa e militar, pretendemos demonstrar que o último Mundial pode ser entendido e observado de duas maneiras: como um megaevento esportivo, de caráter global e seguindo as determinações da FIFA, e como um evento simbólico, no qual a cultura e o poder local querem transmitir mensagens por meio da “segunda realidade” (BYSTRINA, 1990; GUIMARÃES; 2004; KOSSOY, 2007; BAITELLO, 2012) e da formação de um ambiente comunicacional e capilar (BAITELLO, 2008). Como referencial teórico, utilizamos o conceito de raízes da cultura de Ivan Bystrina; do símbolo histórico, de Ernst Cassirer; da cor como informação simbólica, de Luciano Guimarães; de comunidades imaginadas, de Benedict Anderson, além de levantamento bibliográfico da história da tradição russa em megaeventos e no esporte. Já como metodologia, optamos pelo uso da atitude etnográfica e de algumas técnicas desta ciência, aplicada durante o trabalho de campo no país-sede.

Palavras-chave: Comunicação. Ambientes comunicacionais. Símbolos. Cultura Russa. Megaeventos esportivos.

ABSTRACT

PADOVEZ, Elcio Cassola. **The symbols of Russian culture in the construction of the 2018 World Cup**. 2019. 111 P. Dissertation (Master in Communication). Faculdade Cásper Líbero: São Paulo, 2019.

This work aims to describe how Russian culture, through its symbols, helped to build the 2018 World Cup. From the survey of the cultural roots of symbols such as the two-headed eagle, the use of red color as information in Russian Society and the discipline of bodies through orthodox and military culture, we intend to demonstrate that the last World Cup can be understood and observed in two ways: as a sport mega-event, with global character, and following FIFA determinations, and as a symbolic event, in which culture and local power want to convert into messages, build a “second reality” (BYSTRINA, 1990; GUIMARÃES; 2004; KOSSOY, 2007; BAITELLO, 2012) and form a communicational and capillary environment (BAITELLO, 2008). As theoretical reference, we used the concept of Culture Roots, by Ivan Bystrina; historical symbols, by Ernst Cassirer; color as symbolical information, by Luciano Guimarães, and imagined communities, by Benedict Anderson, as well as a bibliographical survey of the history of Russian tradition in mega-events and sport. As methodology, we chose ethnography, applied during the field work in the host country.

Keywords: Communication. Communicational environments. Symbols. Russian Culture. Sports Mega-events.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Homem repleto de símbolos da cultura russa, como a águia bicéfala e a cor vermelha, passeia em frente ao museu Rússia minha história, em Volgogrado	9
Figura 2. Cartaz da Spartakiad dos Povos da União Soviética para a modalidade de tiro	15
Figura 3. Cartaz oficial da Copa do Mundo de 2018	15
Figura 4. O corpo disciplinado pela cultura: exercício paramilitar na cidade de Nijni Novgorod, em 1930	19
Figura 5. Participação da União Soviética em edições de Jogos Olímpicos e a disputa com os Estados Unidos pelo primeiro lugar geral no quadro de medalhas	25
Figura 6. Primeiro mapa do território russo, que começou a ser modelado no século IX, próximo ao Mar Negro e à Ucrânia	31
Figura 7. Quadro com a realização de Copas do Mundo e Olimpíadas entre 2008 e 2018	41
Figura 8. Marco geográfico e imaginário que divide a porção europeia da porção asiática na Rússia. Ele foi demarcado e construído no século XVIII e é uma das atrações de Ecatimburgo	44
Figura 9. Representação da águia bicéfala do século XV	52
Figura 10. Modelo utilizado pela dinastia Romanov	52
Figura 11. Águia em estilo soviético	53
Figura 12. O símbolo em 2018, sob o governo Putin	53
Figura 13. Fachada do museu histórico, parte do complexo da praça vermelha, cujas primeiras obras datam do século XXI	57
Figura 14. O vermelho sanguíneo e ortodoxo foi a cor predominante na era dos czares na Rússia	58
Figura 15. O vermelho soviético, de tom mais intenso, simboliza a chama da revolução e da mudança	58

Figura 16. Aplicação da cor vermelha em muro da cidade de Volgogrado durante a Copa	58
Figura 17. Os mongóis, ao conquistarem Kiev, em 1240, deram início ao domínio de três séculos sobre as terras russas, que só foram reconquistadas pelos príncipes de Moscou no século XV, ao unificar o estado central	61
Figura 18. A guarda imperial russa marcha em uma das muitas batalhas disputadas na Primeira Guerra Mundial	61
Figura 19. Tropa de fuzileiros navais marcha na parada militar que celebrou os 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial	62
Figura 20. Uma das muitas edições do <i>Dosmostroi</i> no século XX	64
Figura 21. A opressão patriarcal russa segue viva e no curso da história. Protesto de mulheres contra a lei que descriminaliza a violência doméstica	65
Figura 22. Símbolos e cores da cultura russa na Fan Fest de Nijni Novgorod, que exibiu no dia 28 de junho de 2018 a vitória da Bélgica sobre a Inglaterra por 1 a 0	67
Figura 23. Início da rua vermelha, em Sochi, onde me hospedei durante três dias	68
Figura 24. A águia bicéfala na pia do banheiro de Sochi foi o primeiro símbolo da cultura russa que encontrei e que começou a confirmar minha hipótese inicial da pesquisa	69
Figura 25. Os símbolos da cultura russa se espalham pelas mais diferentes superfícies e se perpetuam desta maneira na sociedade	70
Figura 26. No novo museu de Rostov-on-Don, é possível observar uma profusão dos três símbolos da cultura russa que ajudaram a operar a segunda realidade na copa do mundo de 2018	73
Figura 27. Tábua de corte que comprei em Rostov-on-Don com a idealização da “família margarina” entre os cossacos daquela região da Rússia	75

Figura 28. Águia bicéfala com cruz de São Jorge homenageia os combatentes russos na Primeira Guerra Mundial	77
Figura 29. Cartaz em ponto de ônibus da parada militar de 9 de maio	77
Figura 30. A mãe Rússia parece pequena ao surgir no salão das glórias militares, mas consegue “vigiar” a colina de Stalingrado de qualquer ponto	79
Figura 31. No cemitério militar, exposto pelas ruas de Volgogrado, é comum ver crianças brincando de guerra e revivendo a história que se recicla diariamente em Volgogrado	80
Figura 32. O diálogo entre passado e presente na Rússia é uma constante. As glórias soviéticas convivem lado a lado com os novos tempos, como a copa do mundo no país.....	80
Figura 33. A comemoração politizada dos descendentes de albaneses-cossovares Xhaka e Shaqiri, jogadores da seleção Suíça de futebol	81
Figura 34. A guerra de águias bicéfalas se expandiu além das bandeiras e fronteiras da sérvia e da Albânia para um jogo de copa do mundo	83
Figura 35. Bandeiras com símbolos da família Romanov na igreja do sangue, em Ecaterimburgo	85
Figura 36. Águia bicéfala no museu construído em cima da casa de madeira na qual os Romanov foram mortos, em 1918	86
Figura 37. Grupos de fiéis ortodoxos visitam o complexo, formado por sete capelas em honra aos Romanov	87
Figura 38. Os símbolos dos czares estão em toda parte como forma de manter a tradição viva	87
Figura 39. Túmulos no cemitério Sherencheskoye, que ficou no controle da facção central durante os anos 1990	89

Figura 40. O reencontro com lisa, em Kazan. Atrás, um segurança vigiava para que o fluxo seguisse em ordem no jogo entre a Alemanha x Coréia do Sul	92
Figura 41. Torcedores no jogo Argentina x Islândia	102
Figura 42. Capas para celular à venda em um shopping de Moscou	102
Figura 43. Caixa de correspondência dos Correios da Rússia	103
Figura 44. Estação de metrô Gorkoievskaya, em Nijni Novgorod	103
Figura 45. Adesivo para carro com o formato da águia bicéfala, em Rostov-on-Don	104
Figura 46. Trono do czar palácio Petergrof – São Petersburgo	104
Figura 47. Uma das salas de exposição que recria a batalha de Stalingrado no museu panorama batalha de Stalingrado – Volgogrado	105
Figura 48. Mosaico feito em homenagem a Vladmir Lênin – centro de Sochi	105
Figura 49. O chamado para a defesa da pátria que atravessa gerações, como os guerreiros do século XVI até o século XX	106
Figura 50. Posto de gasolina com predominância da cor na comunicação visual – centro de Sochi	106
Figura 51. A cor vermelha também predominou no uniforme dos voluntários do mundial, estava visível e em destaque em jaquetas, camisetas, bonés e mochilas desenhados pela adidas	107
Figura 52. A cor também foi um dos destaques da festa de abertura, ao “vestir” Robbie Williams e sua equipe para o show principal	107
Figura 53. Ritual ortodoxo de reverência aos ícones: A tradição pede que homens e mulheres entrem cobertos nos templos.	108

Figura 54. Formatura de um aspirante da marinha russa – cidade de Vladimir

.....

109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – 90 X 90: FUTEBOL, HISTÓRIA E SÍMBOLOS RUSSOS	9
PRÓLOGO – A PRESENÇA DO QUE PARECE AUSENTE	15
CAPÍTULO 1. A HISTÓRIA DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NA UNIÃO SOVIÉTICA (1928-990)	19
1.1 Subam foices e martelos: o <i>homo sovieticus</i> nasceu! (1917-1928)	19
1.2 Um estádio para Lênin jogar bola com o resto do mundo (1930-1970)	21
1.3 Misha: uma lágrima para a eternidade dos megaeventos esportivos (1970- 1989)	25
1.3.1 As rachaduras que desmoronaram a URSS	27
CAPÍTULO 2. A RÚSSIA IMAGINADA COMO NAÇÃO (1990-2018)	31
2.1 O caos pós-URSS tem nome e sobrenome: Boris Yeltsin (1991-1999)	32
2.2 Mãos, pés, corpo e alma de novo Estado: Putin no poder! (2000)	34
2.2.1 A cultura que nasce no sangue	36
2.3 A década dos BRICs (2008-2018)	38
2.3.1 O poder suave que emanou dos emergentes	40
CAPÍTULO 3. ETNOGRAFIAS RUSSAS	44
3.1 A definição e a construção da atitude etnográfica	45
3.1.1 As raízes alemãs da cultura	46
3.1.2 A etnografia multiplicada e comunicada	47
3.2 As raízes da cultura e a definição do símbolo histórico	48
3.3 Duas cabeças pensam melhor do que uma – e têm mais poder	50
3.4 Vermelho é a cor mais quente e da política	53
3.4.1 50 tons de guerra e vermelho	55
3.5 Corpo, cultura e disciplina pelos rituais ortodoxos e militares	58
3.5.1 Minha casa, minhas regras	62
CAPÍTULO 4. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA COPA SIMBÓLICA	67
4.1 Tem uma águia bicéfala na pia do banheiro, <i>Tavaritch!</i>	67

4.2 A glória dos cossacos exposta como símbolo da cultura disciplinar	71
4.3 O Sol da vitória nunca se põe – a Segunda Guerra Mundial Vive em Volgogrado	76
4.4 Símbolo artilheiro e geopolítico	80
4.5 Roteiros sagrados e macabros de Ecatemburgo	84
4.6 Chapeuzinho Vermelho traz simpatia e vigilância na cesta	89
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICE	102

Era precisamente a reprodutibilidade cotidiana infinita das suas insígnias que revelava o verdadeiro poder do Estado (...) com esse formato, o mapa ingressou numa série que poderia ser reproduzida ao infinito, podendo ser transferido para cartazes, selos oficiais, cabeçalhos, capas de revistas e manuais, toalhas de mesa e parede de hotéis. Imediatamente inidentificável, visível por toda a parte, o mapa logo penetrou fundo na imaginação popular, formando um poderoso emblema para os nacionalismos anticoloniais que vinham nascendo.

Benedict Anderson

INTRODUÇÃO – 90 X 90: FUTEBOL, HISTÓRIA E SÍMBOLOS RUSSOS

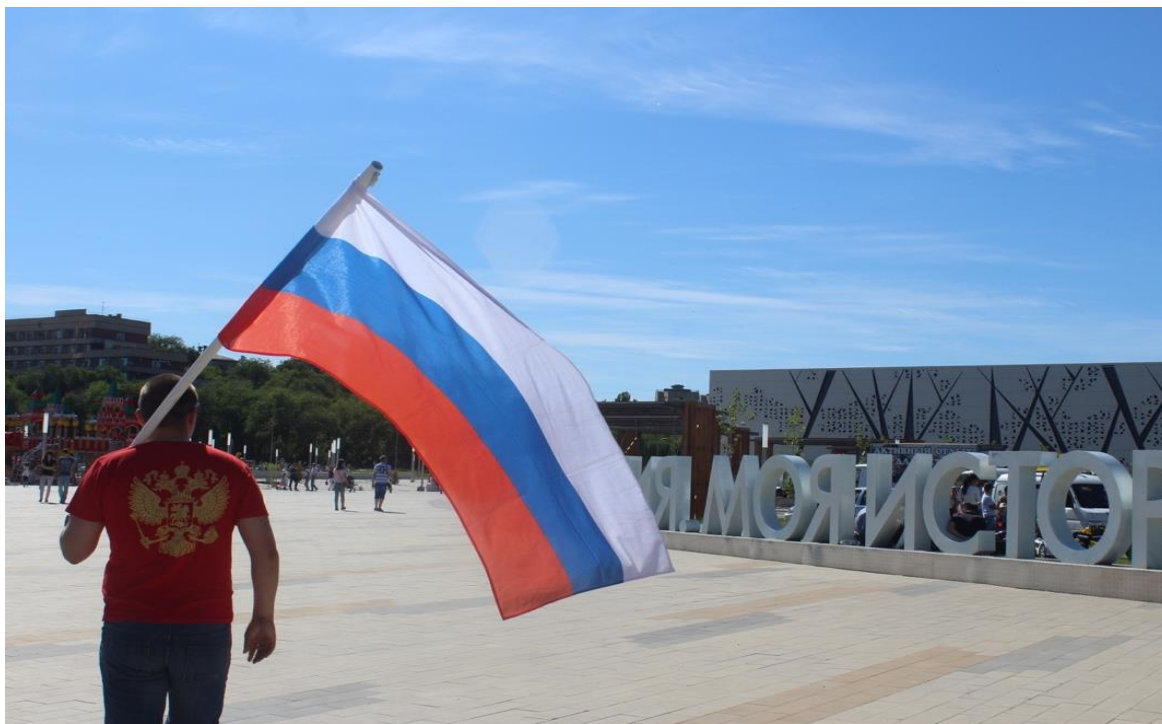


FIGURA 1. Homem repleto de símbolos da cultura russa, como a águia bicéfala e a cor vermelha, passeia em frente ao museu Rússia Minha História, em Volgogrado.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

De que forma alguns símbolos da cultura russa, como a águia bicéfala, a cor vermelha e a disciplina dos corpos pela igreja ortodoxa e pela instituição militar, ajudaram na construção da Copa do Mundo¹ de 2018? Foi com tal pergunta central à esta pesquisa de Mestrado que eu embarquei, em 4 de junho de 2018, para uma viagem de 33 dias pela Rússia. Nesta jornada em busca das raízes da cultura (BYSTRINA, 1990) e da contextualização sócio histórica de cada um dos símbolos escolhidos, além da aplicação deles na contemporaneidade, foram percorridos 41 mil quilômetros, espalhados por 18 cidades em três países (Portugal, Rússia e Emirados Árabes Unidos). Em território russo, foram visitadas 15 cidades, sendo nove delas cidades-sede da Copa do Mundo – e 10 das 12 viagens internas foram feitas por via férrea, a maior e mais extensa do planeta.

Mas esta pesquisa não nasceu apenas quando ingressei no Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Em 2014, pouco antes do início da Copa do Mundo no Brasil, tive o primeiro contato direto com a cultura russa ao produzir a série “As Famílias da Copa” para o

¹ A Copa do Mundo de Futebol da FIFA (FIFA World Cup) é um torneio mundial realizado a cada quatro anos pela Federação Internacional de Futebol desde 1930.

jornal *A Voz Regional*², com circulação na região de Monte Aprazível e Tanabi, no interior paulista. Cada matéria que compunha a série contava a história de uma família vinda de países classificados ao Mundial de Futebol e que haviam emigrado para o interior de São Paulo. Durante a apuração, conheci Sasha Gurdzha, nascida em Moscou (capital da Rússia) e que, na época, vivia em Tanabi. A entrevista me impactou e cogitei se a Copa da Rússia, em 2018, poderia ser objeto de uma pesquisa acadêmica. Assim, guardei este tema como uma semente, que eu lentamente começava a cultivar. Além da colaboração para o jornal, também trabalhei na comunicação da Adidas durante a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. A fornecedora de material esportivo alemã produzia os uniformes da seleção russa e, a partir de ativações de lançamento e do relacionamento com os jogadores russos, que fizeram sua base em Itu (interior do estado de São Paulo), passei a ter cada vez mais curiosidade em me aprofundar nos estudos sobre aquele país e seu povo.

Em maio de 2015, fiz a primeira viagem à Rússia, para visitar as cidades de São Petersburgo e Moscou, e conheci parte da estrutura que estava sendo montada para a Copa do Mundo que aconteceria dentro de três anos. Também fiz contatos com conhecidos russos e comecei a refletir quais seriam os impactos do primeiro Mundial da FIFA naquele país. O fato de ser algo inédito para a história dos megaeventos esportivos ligados ao futebol também atraiu minha curiosidade como pesquisador. Neste mesmo ano, em agosto, passei a frequentar o Grupo de Estudos em Comunicação e Marketing Esportivo (GEPECOM) da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (EFFE/USP), coordenado pelo professor Ary Rocco Jr., e, sob a orientação dele, esbocei o primeiro pré-projeto sobre este fenômeno, com foco na análise de como o conteúdo do site oficial do megaevento esportivo, o *Welcome2018*³, agendaria as pautas dos principais veículos online do país.

A hipótese inicial do projeto acabou não se concretizando por duas razões. A primeira é que eu não segui a pesquisa dentro da USP e a segunda é que, à medida que comparava o conteúdo do veículo oficial com os noticiosos, o *agenda setting*⁴ não se mostrou tão hegemônico quanto eu pensava. Assim, parti em busca de um novo ângulo para estudar este fenômeno com meu novo orientador, o professor José Eugenio de Oliveira Menezes. A partir

² A série “As Famílias da Copa” foi publicada em maio de 2014 no jornal *A Voz Regional*, e trouxe histórias de famílias migrantes da região de Monte Aprazível e Tanabi (SP) vindas da Croácia, México, Rússia e Grécia. As reportagens fazem parte de uma série especial do jornal, veiculada antes do início da Copa do Mundo no Brasil, em 2014.

³ Disponível em: <<http://welcome2018.com/en/>>.

⁴ O conceito de *agenda setting*, inicialmente desenvolvido nos Estados Unidos por autores como Maxwell McCombs e Donald Shaw, em 1972, analisa como os meios de comunicação exercem influência e poder sobre a opinião pública e a sociedade.

de reuniões de orientação e das disciplinas cursadas no primeiro semestre de 2017, chegamos à ideia de se inserir o uso do elemento da cultura na pesquisa e de como ela atua nas esferas simbólica, esportiva, social, política, ritualística e comunicacional. Também passamos a formular a tese de que um megaevento esportivo pode existir de duas maneiras: (1) como um evento padrão FIFA, que altera radicalmente a mobilidade urbana e social das cidades-sede, além de possuir larga escala cultural, significância internacional e maciço apelo popular (ROCHE, 2000, p. 3 e 32), mas também, (2) de maneira simbólica, por meio das raízes da cultura e da operação da segunda realidade, conceitos-chave para esta pesquisa e que ajudam a responder à questão proposta no início desta introdução.

Por se tratar de conceitos amplos e com muitas leituras possíveis, optamos por utilizar o desenvolvido pelo semiótico tcheco Ivan Bystrina (1924-2004), que divide os códigos em primários, secundários e terciários⁵. Este último, também conhecido por hiperlingual, é responsável por operar a "segunda realidade", na qual os símbolos têm um papel central (BYSTRINA, 1990). Como forma de melhorar a compreensão e aumentar o abraço de autores, foram incluídos estudos sobre os mesmos temas a partir dos semióticos brasileiros Luciano Guimarães e Norval Baitello Jr, além do conceito de realidade da produção simbólica (KOSSOY, 2007, p. 14), desenvolvido pelo fotógrafo brasileiro Boris Kossoy, no qual a fotografia pode ser observada como um documento histórico e social e que ajuda a construir e fixar uma memória histórica (IDEM, p. 28 e 31).

Também como construção do referencial teórico, procuramos encontrar uma definição do que é a cultura e, dentre as muitas variáveis, optamos por utilizar a do escritor brasileiro Cristóvão Tezza⁶, na qual a cultura é uma mistura de história, valores, herança, sentimentos, violência, língua, poder e geografia, que move e determina o homem em sua caminhada da terra (TEZZA, 2017). Outro conceito caro à esta dissertação é o de símbolo e o que melhor dialoga com a pesquisa que desenvolvemos é o de símbolo histórico, proposto pelo filósofo alemão Ernst Cassirer (1874-1945). Em *Ensaio sobre o homem: introdução à filosofia da cultura humana* (1994), o símbolo é uma das chaves para se entender a natureza do homem (CASSIRER, 1994), já que, para existir, este precisa criar e interpretar o mundo por meio dos símbolos e que, devido a isso, se transforma em um animal simbólico. Este universo de

⁵ Na Semiótica da Cultura, os códigos primários independem da intenção do homem nas trocas de informações intra-orgânicas ou genéticas. Os secundários tratam dos códigos da linguagem, que organizam as regras sociais ou extra-individuais comunicação. Já os terciários se dedicam aos códigos culturais e que vão operar a "segunda realidade" (GUIMARÃES, 2004, p.5).

⁶ Trecho inspirado na coluna "O mundo e a tribo", do escritor Cristóvão Tezza para o jornal Folha de S.Paulo, publicada no dia 24 de setembro de 2017.

simbolismo, por sua vez, ajuda em seu desenvolvimento cultural e intelectual (CASSIRER, 1994, p. 47-65).

Após definirmos os conceitos mais importantes desta pesquisa, passamos à construção da metodologia, que foi desenvolvida em duas etapas. A primeira trata de um levantamento bibliográfico para a produção dos capítulos iniciais da dissertação, voltados a contextualizar, resumidamente, a história esportiva da URSS⁷/Rússia, a construção da tradição esportiva local, os eventos esportivos internacionais já sediados e disputados no país e as políticas esportivas e de promoção internacional e diplomática realizadas pelos russos dos anos 1920 até 2018. Nesta etapa, também foi levantado o Estado da Arte a partir de buscadores digitais, como Google Acadêmico, Intercom, Compós, Biblioteca Digital de Dissertações e Teses e Centro de Referência do Futebol Brasileiro, com uso das palavras-chave “Rússia e esporte” e “megaevento esportivo”. As produções encontradas e utilizadas como parte da pesquisa bibliográfica foram: *O esporte e relações internacionais: megaeventos esportivos e poder brando*, de Lucas Santos Oliveira (UFRGS, 2014); *A correção de rumos de uma nação: a Rússia sob o comando de Vladimir Putin*, de Luiz Fernando Mocelin Sperancete (PUC/SP, 2016); *A história do uso político no Esporte*, de Mario André Sigolli e Dante de Rossi Júnior (EFFE/USP, 2004).

A segunda etapa da metodologia trata do levantamento de bibliografia para a construção da atitude etnográfica, método utilizado na pesquisa de campo na Rússia e na observação do cultivo dos três símbolos destacados e analisados neste texto, a partir de nove cidades-sede da Copa do Mundo de 2018, sendo elas Sochi, Rostov-on-Don, Volgogrado, Moscou, Kazan, Saransk, Ecatimburgo, Nijni Novgorod e São Petersburgo. O caminho teórico passou pela contextualização histórica da etnografia do século XIX ao XXI, a partir da leitura de *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo* (WINKIN, 1998) e dos artigos “As ciências sociais e a cultura” (ORTIZ, 2002), “A etnografia da comunicação” (MATEUS, 2015) e “Etnografia como prática e experiência” (MAGNANI, 2009).

Após as definições conceituais e metodológicas, partimos para descrever os caminhos que o leitor percorrerá nos quatro capítulos que compõem esta pesquisa. Os três primeiros se concentram na narrativa histórica do esporte na Rússia, tendo como recorte os 90 anos (1928-2018) da história esportiva e dos megaeventos realizados no país, e também, na contextualização sócio histórica dos conceitos já mencionados nesta introdução, assim como dos três símbolos presentes nesta pesquisa.

⁷ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Os eventos históricos e esportivos do país, ocorridos entre 1928 e 2018, serão retratados ao longo do “Capítulo 1” e do “Capítulo 2” desta dissertação.

Em “Capítulo 1. A história dos megaeventos esportivos na União Soviética”, fazemos um resgate histórico desses eventos durante a existência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, tendo como ponto de partida o ano de 1928, quando a, então, URSS organizou a Spartakiad – a versão soviética das Olimpíadas, que, no mesmo ano, foram realizadas em Amsterdã (Holanda). Também serão abordados a criação da seleção soviética de futebol e o *futebol científico*, desenvolvido para a conquista da Copa do Mundo, em 1958. São destacadas também a entrada de esportistas do bloco soviético nos Jogos Olímpicos a partir de 1952, em Helsinki (Finlândia), e a crescente *corrida espacial* por medalhas e pela hegemonia esportiva, competindo com os Estados Unidos – passando pelas Olimpíadas de 1980, em Moscou, e de 1984, em Los Angeles. O capítulo termina com a contextualização das rachaduras que ajudaram a URSS desmoronar, como as políticas liberalizantes de Mikhail Gorbatchov, as denúncias de esquemas estatais de *doping* e os protestos de grupos minoritários ou excluídos, como mulheres e deficientes, por mais acesso e espaço à prática esportiva.

Em “Capítulo 2. A Rússia imaginada como nação”, continuamos o resgate histórico após a queda da União Soviética, em 1991, e o início da reestruturação da Rússia como país, a partir de 1992, com o governo de Boris Yeltsin e suas políticas neoliberais, que ajudaram a criar um clima de caos na nova nação. As *privatizações selvagens* implementadas por Yeltsin também afetaram o esporte, com a venda de clubes estatais a ricos investidores locais, que receberam o nome de *oligarcas russos*. Esta descentralização do Estado ao longo da década de 1990, além de contribuir para o crescimento de problemas sociais, como o desemprego, o aumento da disparidade de classes, o alcoolismo e o fortalecimento da máfia russa, tem como reflexo a busca por uma nova figura que defenda o Estado forte e central e, com a subida de Vladimir Putin ao poder, no último dia do século XX, ela passa, mais uma vez, a ser cultivada. Putin, além de aumentar os investimentos na produção bélica e no crescimento das forças armadas, melhora os índices econômicos e sociais e, com a economia estabilizada, passa a executar um plano esportivo-cultural de valorização das tradições locais, como o retorno da influência da igreja ortodoxa nas decisões do governo e da sociedade, a guinada para pautas mais conservadoras e, na disputa geopolítica com países do Ocidente, em especial, os Estados Unidos e aqueles da União Europeia, para sediar megaeventos esportivos. Neste capítulo também passaremos pela formação do bloco dos BRICs⁸, constituído por países considerados de economia emergente nos primeiros anos do século XXI, sendo eles: África do Sul, Brasil, China, Índia e Rússia. Além disso, considera-se como tais nações, a partir de 2008, iriam

⁸ Grupo econômico e político de cooperação formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

monopolizar a realização de megaeventos esportivos, como forma de promoção internacional e de demonstração de poder suave (BALLERINI, 2017).

Em “Capítulo 3. Etnografias russas”, passaremos por conceitos e autores utilizados para a construção desta dissertação, assim como a definição da metodologia utilizada ao longo da viagem etnográfica pela Rússia. Também será feita a contextualização sócio histórica de cada um dos três símbolos escolhidos durante a pesquisa – a águia bicéfala, o uso da cor vermelha como informação e a disciplina dos corpos pela cultura ortodoxa e militar.

Finalmente, em “Capítulo 4. Histórias e memórias de uma Copa simbólica”, serão contados os bastidores do trabalho de campo e da atitude etnográfica, com o objetivo de compreender a aplicação dos três símbolos na contemporaneidade e em quais locais e eventos eles foram encontrados pelas cidades-sede visitadas durante a realização da Copa do Mundo da Rússia. Neste capítulo, utilizaremos os conceitos de ambientes comunicacionais e comunicação capilar, de Norval Baitello Jr (2008), como forma de demonstrar a multiplicação e a reprodução ao infinito desses símbolos e como eles ajudam a formar este ambiente.

PRÓLOGO – A PRESENÇA DO QUE PARECE AUSENTE



FIGURA 2 (à esquerda). Cartaz da Spartakiad dos Povos da União Soviética para a modalidade de tiro.

CRÉDITO: Gustav Klutis/1928.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

FIGURA 3 (à direita). Cartaz oficial da Copa do Mundo de 2018.

CRÉDITO: Igor Gurovich/Cortesia FIFA/2018.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

Dezoito badaladas ecoam da Praça Vermelha. O relógio central do Kremlin é preciso e, a cada toque, uma memória se levanta do monumental projeto liderado pelo presidente Vladimir Putin, que, a partir de 2000, investiu uma quantia estimada em U\$67 bilhões e muitas horas de trabalho, mobilização e propaganda para reinserir a Rússia no intrincado jogo da geopolítica contemporânea. A XXI edição da Copa do Mundo de Futebol foi apenas o encerramento de um ciclo de grandes eventos esportivos sediados no país. Certamente, o mais poderoso e simbólico nesta caminhada da Rússia para entrar no terceiro milênio como uma das potências mundiais na economia, na política, na diplomacia, nos esportes e na cultura.

Putin, um praticante e entusiasta dos esportes, observa cada detalhe e imagem que se forma da abertura do evento. Ele está atento a cada detalhe a partir das tribunas de honra do sexagenário e remodelado estádio Lujniki, nascido em 1956. No gramado, jogam Rússia e Arábia Saudita, uma partida que não vale só gols ou três pontos. O país anfitrião é assistido pelos olhos do mundo, conectados por meio de TVs, internet, rádio e redes sociais, além dos 81 mil espectadores que se encontram na arena, assim como 20 mil pessoas que se espremem

no espaço da Fan Fest, em uma área próxima. Quando o mandatário russo, com seu olhar siberiano impenetrável, discursava, uma multidão o aplaude, grita seu nome e o reverencia calorosamente.

Nós ficamos responsáveis para que este evento acontecesse de maneira grandiosa, e fizemos de tudo para que os jogadores, torcedores e técnicos pudessem sentir esta atmosfera da festa, e que tivessem o prazer de estar em uma Rússia receptiva, aberta e cordial, e que aqui eles pudessem fazer novos amigos.

E onde quer que vivamos, ou qual tradição sigamos, o amor pelo futebol nos une numa só equipe, unida no amor por este jogo ardente, espetacular e descompromissado.

Nesta unidade, que não é superada nem pela diferença de línguas, nem de ideologias e crenças, está a grande força do futebol, e do esporte como um todo, com sua força de princípios humanistas. Nossa tarefa é guardar esta unidade para as gerações futuras, em nome da evolução do esporte e do fortalecimento da paz e da compreensão mútua entre os povos⁹ (PUTIN, 2018).

O presidente da Federação Russa, apesar de tentar manter sua figura descolada do sucesso da Copa do Mundo e concentrar seu discurso em organização e segurança para recebê-la, segue como a figura central de um longo processo de reconstrução e reposicionamento geopolítico do país, além de ser o grande ator político do partido Rússia Unida, que comanda os rumos nacionais desde 31 de dezembro de 1999, quando Putin, ainda primeiro-ministro, assumiu a presidência após a renúncia de Boris Yeltsin, o primeiro governante eleito democraticamente com o esfacelamento da União Soviética, em 1991.

Este megaevento esportivo de futebol, que mexe com os desejos de muitos países em sediá-lo, pode existir de duas maneiras.

Ao receber o anúncio da FIFA de que será a próxima sede da Copa, a nação escolhida, como observado pelo sociólogo francês Maurice Roche, passa a sofrer alterações na mobilidade urbana e social das cidades-sede, além de possuir larga escala cultural, significância internacional e apelo popular maciço (ROCHE, 2000, p. 3 e p. 32), que se materializam em arenas padrão FIFA, aeroportos, obras de mobilidade urbana e investimentos em turismo, como a rede hoteleira e novas formas de comércio e serviços.

⁹ Trechos selecionados do discurso de abertura da Copa do Mundo, que durou 3min11seg. Após esta partida entre Rússia e Arábia Saudita (5 a 0 para os anfitriões), Putin só foi “reaparecer” oficialmente no evento para assistir à final entre França X Croácia. Nos outros jogos importantes, como os da seleção nacional, o representante oficial era o primeiro-ministro, Dmitri Medvedev, e sua esposa, Svetlana Medvedeva. **Nota do autor:** Eu assisti a este jogo na Fan Fest de Moscou e ali já ficava claro o clamor nacionalista que o número um do país causa na maioria das pessoas, que gritavam energicamente seu nome, assim como gritavam o nome do país e tremulavam a bandeira nacional. A tradução do discurso foi feita por mim e de forma livre.

A euforia para aumentar o fluxo de turistas estrangeiros cresce, assim como o trabalho em se vender a imagem do país como um destino ideal para as próximas férias. Em paralelo com este imenso complexo de infraestrutura, há uma segunda Copa do Mundo, que nem sempre é visível ao primeiro olhar. A segunda realidade (BYSTRINA, 1990; GUIMARÃES; 2004; KOSSOY, 2007; BAITELLO, 2012), que envolve, de maneira simbólica, estádios, praças e outros locais do Mundial, é construída e sedimentada por meio da cultura e da comunicação, em especial, pelos símbolos que são cultivados e atravessam os séculos, enquanto algumas gerações saem de cena para novas aparecerem. Tal carga sócio histórica, que pesa toneladas de anos e tradições, também ajudou a construir a Copa do Mundo da Rússia e está muito viva no discurso fluído que Vladimir Putin mantém com o rico passado da Rússia, sem tirar os olhos do horizonte próximo. Nada mais russo do que isso: um eterno conflito entre a valorização da tradição e, também, o de seguir em frente, rumo ao futuro.

Tal diálogo, que parece um antagonismo, será crucial para se contextualizar os motivos da edição de 2018 do Mundial ter ido parar em terras russas. Não é a primeira vez que o país sedia um megaevento esportivo. Desde 1928, com a realização da edição número um da Spartakiad, a Rússia vem construindo uma longa história de tradição no esporte.

Nesta atitude etnográfica-sócio-histórica-cultural, buscaremos, por meio da contextualização de alguns símbolos russos que não tem prazo de validade, como a águia bicéfala, presente na memória histórica (KOSSOY, 2007) e imaginada (ANDERSON, 1983) no dia a dia da Rússia desde 1472, do uso da cor vermelha enquanto informação (GUIMARÃES, 2004) em vários momentos da história nacional, como durante a União Soviética (1917-1991), e da disciplina dos corpos por meio da cultura, atar as pontas de 1928 a 2018 neste jogo de 90 anos, repleto de nuances, jogadas e estratégias – disputado pelos estádios e gramados da rica tradição esportiva e cultural dos russos em megaeventos esportivos.

CAPÍTULO 1. A HISTÓRIA DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NA UNIÃO SOVIÉTICA (1928-1990)



FIGURA 4. O corpo disciplinado pela cultura: exercício paramilitar na cidade de Nijni Novgorod, em 1930.
CRÉDITO: H. Kaneliosh/Museu da Fotografia Russa.
REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

1.1. Subam foices e martelos: o *homo sovieticus* nasceu!

A realização da Copa do Mundo na Rússia, em 2018, não foi algo feito por acaso. Para entender esta afirmação é preciso fazer um mergulho sócio histórico nas raízes soviéticas, já que, durante os 71 anos de formação, modelação e queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), entre 1917 e 1991, o esporte foi um dos pilares na construção do *homo sovieticus* (ALEKSIEVITCH, 2016). Este homem, ideologicamente, se guiava pela valorização da cultura física e de eventos de grande escala para incentivar a não competição em busca de recordes ou prêmios individuais pelos atletas, uma vez que o Partido Comunista rechaçava as “ideias burguesas do esporte” e o via como demonstração de força do coletivo, a competição enquanto ferramenta de disciplina, cidadania e, também, política.

Já nos primeiros anos da União Soviética, os líderes do Kremlin decidiram se manter fora do sistema internacional burguês (DE JESUS, 2010, p. 2) e se desvincular dos czares, que,

desde o fim do século XIX, apoiaram e fizeram parte da fundação de instituições sociais de raízes burguesas, como o Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1894, e a Federação Internacional de Futebol (FIFA), em 1904. Enquanto a última geração dos Romanov governou a Rússia, sob o cetro de Nicolau II (1894-1917), a delegação olímpica nacional participou dos Jogos Olímpicos em Paris (1900), Londres (1908) e Estocolmo (1912), além disso uma primeira ideia de seleção de futebol começava a ser imaginada.

A partir dos anos 1920, houve uma grande ruptura deste modelo. Na visão soviética, o novo sistema esportivo do país deveria ser calcado em três pilares: jogos, educação física e esporte (DE JESUS, 2010, p. 2). Essa tríade visava formar, num primeiro momento, não atletas de alto rendimento, mas, sim, cidadãos, que, por meio da prática esportiva, estariam aptos ao trabalho e à defesa da União Soviética. Havia ainda grupos ideologicamente mais radicais, como os higienistas, que acreditavam que o modelo capitalista de esporte era prejudicial à mente e ao corpo, e o Cultura Proletária (*Proletkult*), que defendia que o que vinha da Europa Ocidental eram relíquias do passado e heranças degeneradas (IDEM, p. 7).

Lênin enxergava a importância da educação física no treinamento militar e na preparação para o trabalho, concebendo que o esporte seria uma força para o desenvolvimento individual harmonioso. Ademais, ele esperava que a participação em todos os tipos de cultura física seria um meio para que as mulheres se envolvessem mais na sociedade e via, além da dimensão prática da cultura física, que a juventude precisava da “alegria da vida”, como o esporte saudável, a ginástica, a natação e os exercícios físicos de todo o tipo (RIORDAN, 1977, p. 64 *apud* PEPPARD, 1982, p. 25).

Com a implantação do programa de internacionalismo proletário por meio do esporte, assim como a condenação de um modelo burguês em políticas esportivas, os *tavariçths* (camaradas) decidiram se desvincular de entidades internacionais, como o COI, e, por consequência, a boicotar a participação soviética nas Olimpíadas, considerado um evento para desviar as atenções dos trabalhadores para o treinamento de novas guerras imperialistas. A preparação militar para defender a URSS era prioridade, com o esporte coletivo ocupando um papel muito importante nesta estratégia. Modalidades esportivas, como o futebol, o hóquei, o basquete e o vôlei, passaram a ser estimuladas pelo Partido Comunista como maneira de selecionar homens fortes e sem vícios para fortalecer o Exército Vermelho.

O esporte também possuía viés de cidadania e foi implementado em regiões rurais e centros menores do país enquanto prática de combate aos vícios, como o alcoolismo. Este tipo de política pública dialogava com o aumento do número de escolas de ginástica e métodos surgidos por toda a Europa durante o século XIX, que visavam, principalmente, o

desenvolvimento pedagógico, higiênico e social do homem (JUNIOR; SIGOLI, 2004, p. 112). O auge da política esportiva proletária foi alcançado em 1928, quando a Internacional Desportiva Vermelha (IDP) organizou o que podemos considerar como o primeiro megaevento esportivo na história da URSS/Rússia: a *Spartakiad*, a resposta bolchevique aos Jogos Olímpicos, que naquele mesmo verão, seriam disputados em Amsterdã, na Holanda. Além de contrabalançar o evento olímpico capitalista, a competição soviética em Moscou demonstraria o internacionalismo proletário (RIORDAN, 1998, p. 69-70)¹⁰.

1.2 Um estádio para Lênin jogar bola com o resto do mundo (1930-1970)

De 1930 em diante, Josef Stalin (1878-1953) e o Partido Comunista passaram a ter cada vez mais claro que, para promover e demonstrar a superioridade do sistema comunista (GOUNOT, 1998, p. 417), o esporte deveria figurar como uma das bases centrais, assim como as artes. Esses dois pontos deveriam ser trabalhados como ferramentas de diplomacia e, durante o pré-Segunda Guerra Mundial (1939-1954), os soviéticos passaram a se reconciliar, gradualmente, ao COI e à FIFA e também a fomentar alianças com os países de linha social-democrata, como a França e a Inglaterra, devido ao crescimento preocupante dos social-nacionalistas, liderados por Adolf Hitler (1889-1945), na Alemanha, e Benito Mussolini (1883-1945), na Itália.

Internamente, Stalin oficializou o russo como língua oficial das 15 repúblicas que constituíam a União Soviética e que estavam espalhadas pela Europa Ocidental e Oriental e também pela Ásia Central. Tal decisão pode ser interpretada como a busca pela hegemonia da cultura russa sobre outros povos soviéticos e que criaria o sentido de unidade e de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1983)¹¹, além de reforçar um processo acelerado de

¹⁰ Apesar da grande repercussão dos primeiros jogos soviéticos dentro da URSS, que em 1928 contava com seis dos 15 países que a formariam até 1991 (Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, Armênia, Geórgia e Azerbaijão), a *Spartakiad* sofreu muitas transformações e, a partir da década de 1930, passou a ter importância apenas interna e a ser realizada também nos países satélites em escala menor, muito em função de a União Soviética ter estreitado laços e se filiado gradativamente à FIFA e ao COI. Em 1931, tentou-se realizar uma edição em Berlim (Alemanha), mas foi combatida e cancelada pelo governo de Weimar. Em Moscou, ainda foram realizadas edições de *Spartakiadas* em 1933, 1954 (*Spartakiad dos Povos da União Soviética*) e 1973, rebatizada de *Spartakiad da Juventude*, evento preparatório para os Jogos Olímpicos de 1980 e que contou, entre atletas profissionais, amadores, dirigentes e público, com cerca de 200 milhões de pessoas (JENKINS; SIMON, 1992, p. 65), em quase um mês de festa no Estádio Lênin, hoje o Lujniki.

¹¹ Para o historiador britânico Benedict Anderson (1936-2015) uma das ideias possíveis para definir uma comunidade imaginada é a de um organismo sociológico que atravessa o tempo vazio e homogêneo e faz a analogia exata do tempo de nação, concebido como uma comunidade sólida que percorre constantemente a história, seja em sentido ascendente ou descendente (ANDERSON, 1983, p. 56). O autor também observa que esta construção se dá por meio da criação de imagens e da força da língua em gerar comunidades imaginadas (p. 189) e de outros símbolos, como as bandeiras, que auxiliam na formação da condição nacional (*nation-ness*) dos países.

cirilização russificante obrigatória, segundo Seton-Watson (1977, p. 317 *apud* ANDERSON, 2008, p. 82). Este fator de unidade pela língua também passou a ser trabalhado na esfera esportiva, reforçando um só time (o soviético), e que, a partir de 1935, passou a ser reintegrado ao quadro de países federados do COI. Alinhada à França e à Inglaterra, a URSS boicotou os Jogos Olímpicos de Berlim (1936) e foi convidada a participar dos Jogos da Internacional Esportiva do Trabalho, que foram disputados em Antuérpia, na Bélgica, sob a organização da Liga das Nações, entidade a qual a URSS se filiou em 1934, como uma das respostas ao crescimento do nazi-fascismo no continente europeu.

A seleção nacional de futebol, que seguia as mesmas diretrizes das modalidades olímpicas, de selecionar os melhores atletas de cada república soviética e os aglutinar em um só time, entrou definitivamente para a FIFA em 1946, num cenário europeu na qual a URSS estava em alta por ser uma das vencedoras da Segunda Guerra Mundial.

Com poder de influência em ascensão, tanto militar quanto cultural e desportivamente, os soviéticos passaram a brindar os ideais do esporte moderno e, dentro dos gramados, puderam ampliar os desafios e seus adversários¹², além de investir em infraestrutura interna para a prática futebolística e olímpica de alto nível, com a inauguração do complexo poliesportivo Estádio Central Lênin, em 1956, e do Estádio Central de Ecatimburgo, em 1957. Dentro das competições esportivas, a União Soviética começa a *assustar* o restante do mundo ainda na década de 1950, num momento cada vez mais crescente de separação ideológico-político-cultural entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, capitaneado pela URSS – e, também, numa etapa ao longo do século XX na qual os megaeventos esportivos passam a crescer em prestígio e a serem utilizados como uma ferramenta de *Soft Power* (NYE, 1994) na *batalha campal* da geopolítica das nações em tempos de Guerra Fria (1945-1991).

Já na estreia da bandeira vermelha em Olimpíadas, em Helsinki (1952), a delegação comunista ficou no segundo lugar geral, com 76 medalhas conquistadas, e só perdeu para os Estados Unidos no desempate do número de medalhas de ouro, 40 a 22. O resultado, que, para qualquer estreatante, deveria ser bastante comemorado, desagradou a cúpula do Partido

¹² O futebol já era bastante popular na URSS nos anos 1920, e num primeiro momento de internacionalização proletária, serviu como ferramenta diplomática com os vizinhos mais próximos, como a Hungria e a Finlândia, e também, para reforçar a superioridade dela sob repúblicas consideradas “atrasadas” da Ásia Central. Já na década de 1930, a seleção soviética de futebol, que começava a ser imaginada e a se formar, começa a ter experiências e trocas de ideias de jogo com países ocidentais, como a Alemanha, a Inglaterra e a França, e a fazer excursões para disputar amistosos, como em 1945, entre o Dínamo de Moscou e o Arsenal (Inglaterra), vencido pelos moscovitas por 4 a 3. Esses intercâmbios foram cruciais no desenvolvimento de um DNA russificado de jogar bola, que viria a ser conhecido nos anos 1950 e 1960 como “futebol científico”.

Comunista Soviético, que, cada vez mais envolvida no uso do esporte como ferramenta de política externa, tomou uma atitude radical e passou a interferir no conteúdo produzido pelos meios de comunicação dentro do bloco e determinou que eles noticiassem, de maneira falsa, que a URSS havia vencido a competição contra os norte-americanos, segundo Washburn (1956, p. 499 *apud* DE JESUS, 2010, p.16).

No futebol, apesar de não rivalizar com os Estados Unidos no projeto de se vencer uma Copa do Mundo, os soviéticos tinham como um dos seus principais objetivos esportivos e diplomáticos levar a taça do Mundial para Moscou. Num contexto europeu, ser campeão do megaevento esportivo organizado pela FIFA traria enorme prestígio, já nos anos 1950.

A partir da medalha de ouro na modalidade, conquistada na edição dos Jogos Olímpicos de 1956, em Melbourne (Austrália), a seleção soviética de futebol teve ainda mais certeza de que, em dois anos, na Suécia, eles seriam imbatíveis com um estilo de jogo que:

Como tudo o que parecia vir da URSS, seu futebol tinha uma aura de modernidade e mistério que dava medo. Era o "futebol científico" em que os jogadores estavam preparados para correr 180 minutos e, depois, sapatear balalaicas sobre os bofes dos adversários. Dizia-se que em dia de jogo, eles faziam quatro horas de ginástica pela manhã. Dizia-se também que a KGB espalhara espiões pelo mundo, filmando partidas e que seus "computadores eletrônicos" – haviam produzido um sistema perfeito para derrotar qualquer equipe (CASTRO, 1996, p. 155).

Só que, apesar de investirem em conhecimentos, que na contemporaneidade da bola são considerados métodos bastante atuais, como exames para se medir a taxa de desgaste muscular dos atletas, treinamentos preparados a partir de relatórios vindos da fisiologia e esquemas táticos desenhados por meio de programas de computador, a esquadra da foice e do martelo viu a lógica científica ser derrotada pela mágica de um par de pernas tortas e endiabradas pertencentes a Mané Garrincha. Em três minutos de partida, válida pela última rodada do Grupo 4, e considerada por muitos cronistas esportivos como o “Jogo do Século”, a seleção brasileira acertou duas bolas na trave em conclusões de Mané, que ainda driblou vários marcadores soviéticos e deu a assistência para o gol de Vavá. Garrincha ainda presenciou o 2 a 0 com o mesmo Vavá, além de 36 chutes a gol, sendo 18 deles com perigo (CASTRO, 1996, p. 165). Com este resultado, a União Soviética ficou em segundo lugar na chave e precisou enfrentar a Suécia nas quartas de final. Os suecos despacharam os vizinhos para casa com um placar de 2 a 0; o Brasil venceria sua primeira Copa do Mundo sobre a mesma Suécia, por 5 a 2.

Porém, o projeto político-esportivo da URSS não se limitava a conquistar o torneio máximo da FIFA. Com o falecimento de Stalin, em 1953, o próximo secretário geral do Partido

Comunista, Nikita Khrushchov (1894-1971) aumentou os investimentos nesta área e determinou a criação de escolas especiais para o esporte, divididas em três categorias: crianças e jovens, escolas diurnas orientadas para o esporte e internatos esportivos (DE JESUS, 2010, p.18). Um dos objetivos centrais era a formação de novos atletas de alta performance e que pudessem manter o país no topo das disputas com o Ocidente.

Em 1960, a União Soviética se tornou a primeira nação campeã da Copa Europeia – que viria a ser, anos depois, a Eurocopa –, ao vencer a Iugoslávia em Paris, pelo placar de 2 a 1. Ainda neste ano, a delegação soviética venceria os Jogos Olímpicos de Roma e acirraria ainda mais a corrida das medalhas olímpicas com os Estados Unidos, como veremos no quadro a seguir:

A corrida espacial das medalhas

1952 HelsinKI (Finlândia)

EUA em 1º (76) e URSS em 2º (71)

1965 Melbourne (Austrália)

URSS em 1º (98) e EUA em 2º (74)

1960 Roma – Itália

URSS em 1º (103) e EUA em 2º (71)

1964 Tóquio – Japão

EUA em 1º (90) e URSS em 2º (96)

1968 Cidade do México – México

EUA em 1º (108) e URSS em 2º (91)

1972 Munique – Alemanha

URSS em 1º (91) e EUA em 2º (94)

1976 Montreal – Canadá

URSS em 1º (125) e EUA em 2º (94)

1980 Rússia – Moscou

URSS em 1º (195). Os EUA não participaram assim como outros 64 países.

1984 Los Angeles – EUA

EUA em 1º (174). A URSS não participou.

1988 Seul – Coreia do Sul

URSS em 1º (132) e EUA em 2º (94)

FIGURA 5. Participação da União Soviética em edições de Jogos Olímpicos e a disputa com os Estados Unidos pelo primeiro lugar geral no quadro de medalhas.

CRÉDITO: Arte Estadão.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

1.3 Misha: uma lágrima para a eternidade dos megaeventos esportivos (1970/1989)

A relação estreita entre os soviéticos e os megaeventos esportivos continuou muito viva nos anos 1970. Se, para o Partido Comunista, figurar entre o primeiro e o segundo lugar no quadro geral de medalhas das Olimpíadas já era rotina desde 1952, o grande objetivo do Estado passou a também se mostrar como um lugar ideal para recebê-los. Na visão dos líderes da União Soviética, sediar os primeiros Jogos no Leste Europeu traria enorme prestígio internacional e geopolítico, e, por tabela, tiraria da cidade americana de Los Angeles o direito de receber a edição de 1980 das Olimpíadas. E eles conseguiram! Em 1974, o Comitê Olímpico Internacional decidiu que Moscou receberia os cinco aros coloridos, para o desgosto dos norte-americanos, que, desde o anúncio, procuraram uma maneira de boicotá-los. Em 1979, ela apareceu, após o exército soviético invadir o Afeganistão, que era alinhado aos Estados Unidos. O início do conflito na Ásia Central, a menos de um ano da competição em Moscou, fez com que os dirigentes americanos oficializassem um boicote ao megaevento esportivo moscovita, seguidos por outras 64 nações do bloco capitalista.

A crença dos americanos era de que competição no bloco comunista seria um fracasso e mostraria ao mundo uma nação atrasada, incapaz de sediar os Jogos Olímpicos. Na opinião do analista político russo, Vilém Ivanov, em entrevista para o jornal *Sputnik* (2017), os Estados Unidos não estavam interessados no êxito dessas Olimpíadas (1980), porque elas foram organizadas pela União Soviética. Já para o historiador russo Aleksei Pilko, também em entrevista ao *Sputnik* (2017), os Jogos em Moscou "Foram destinados a demonstrar que a URSS era um país desenvolvido, com uma sociedade bastante moderna, que o nível de vida na União Soviética era elevado e que a sua demonização pelo Ocidente não tinha fundamento"¹³.

Para o comitê organizador da 22ª edição dos Jogos Olímpicos, era questão de honra que tudo ocorresse da melhor maneira possível e, também, se tornasse inesquecível no imaginário dos megaeventos esportivos mais lembrados da história do século XX. Para que isso se concretizasse, a partir de 1979, Moscou passou por um radical processo de limpeza, que incluía melhoria nos parques da cidade e a determinação de que criminosos e prostitutas fossem presos (DE JESUS, 2010, p. 22) e permanecessem na cadeia até o fim dos jogos, como uma das formas de, internamente, demonstrar poder e, ao restante do mundo, mostrar que a União Soviética era um lugar seguro para uma visita. Além das transformações estruturais, a URSS, que sempre se mostrou habilidosa em atacar os sistemas de audiência nos meios de comunicação e engajá-la

¹³ Trechos retirados de entrevistas feitas pelo site *Sputnik*, em junho de 2017. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_05_29/O-esporte-como-arma-na-Guerra-Fria9027>. Acesso em: 26 ago. 2018.

emocionalmente por meio do esporte (HAZAN, 1982, p. 18), preparou uma festa simbólica para surpreender o mundo ocidental, que esperava uma exibição de poder duro (NYE, 1994), como uma parada militar, para abrir as Olimpíadas.

Mesmo que a Olimpíada na União Soviética tenha registrado apenas 80 países participantes, o menor número desde Melbourne (1956), a construção narrativa feita pelas imagens geradas pela TV surpreendeu aqueles que esperavam ver um país sombrio, representado por um urso velho e mal-humorado. Ao invés de frieza, a ternura da ursinha Misha, a simpática mascote olímpica de 1980. Na cerimônia de encerramento dos Jogos, no dia 2 de agosto de 1980, ele iniciou sua transformação no símbolo que vive mais do que os homens (PROSS, 1990; BAITELLO, 2007) – enquanto era formada por um imenso mosaico vindo das arquibancadas. A lágrima da despedida, assim como o ursinho de tons amarronzados, criou uma forte memória simbólica deste megaevento esportivo, até mesmo para quem não o pode acompanhar, mas que, 38 anos após a apresentação deste símbolo, segue muito viva e presente no imaginário esportivo e dos principais momentos da vida soviética.

Vale registrar também que, no início dos anos 1980, a transmissão televisiva a cores, tanto da Copa do Mundo quanto dos Jogos Olímpicos, era uma realidade que se expandia em qualidade e número de espectadores.

Através da televisão, o esporte se tornou não apenas espetáculo esportivo, o que ele sempre foi para seus apreciadores que assistiam a um encontro esportivo, mas grande espetáculo pura e simplesmente, parte do show midiático, do *storytelling* e do *entertainment*, e dirigido a todo mundo, não apenas aos apaixonados pelo esporte, sem distinção de idade, de sexo, de país, de meio social (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 29).

Ao longo da década de 1980, os esportistas vermelhos ainda se destacariam no cenário internacional, ao retribuir o boicote imposto pelos norte-americanos e seus aliados a Moscou. Nas Olimpíadas de Los Angeles (1984), o bloco das 15 repúblicas soviéticas, assim como alguns países aliados, como a Alemanha Oriental, a Tchecoslováquia, a Hungria e Cuba, procurou esvaziar a competição ao privá-la da participação de alguns dos principais atletas em modalidades como o atletismo, a luta greco-romana e o vôlei, por exemplo. No futebol, a seleção soviética, que tem como melhor resultado a fase de semifinal em Copas do Mundo (1966), voltou a fazer uma boa campanha em 1982, na Espanha, e chegou às quartas, quando foi eliminada pela Polônia. Na edição seguinte, em 1986, no México, a CCCP¹⁴ se despediu

¹⁴ A sigla CCCP, no alfabeto cirílico (um dos dois utilizados na língua russa), é referente à União das Repúblicas Socialistas Soviética.

dos jogos nas oitavas de final, diante da Bélgica. Em 1988, os futebolistas do bloco socialista conquistariam o último título dentro dos gramados, ao derrotar o Brasil por 2 a 1, nas Olimpíadas de Seul – vitória que representou o bicampeonato olímpico.

1.3.1 As rachaduras que desmoronaram a URSS

Por mais segura que fosse a estrutura exibida pela União Soviética aos olhos do mundo, muitas rachaduras começaram a aparecer desde os anos 1970 e o esporte não passaria ileso por este processo. O *homo sovieticus*, tão venerado e enigmático em sete décadas do século XX, começou a se esfarelar frente ao acúmulo de transformações sócio-político-estruturais. Com a subida de Mikhail Gorbachov ao cargo de secretário-geral do Partido Comunista, em 11 de março de 1985, foi aprovado um pacote de mudanças mais liberalizantes, cujos pilares estavam na *Glasnost*, a abertura econômica, e na *Perestroika*, que prometia mais transparência política. Na esfera esportiva, a onda de mudanças guinadas ao capitalismo passou a valer a partir de 1987, quando Gorbachov instituiu a cobrança para uso de aparelhos mantidos pelo Estado, como piscinas, academias e estádios (DE JESUS, 2010, p. 23), fato que revoltou boa parte da população e teve, como um dos reflexos, o surgimento vertiginoso de clubes e academias cooperativos.

Os ventos de maior abertura da URSS beneficiaram ainda grupos que viviam à margem da organização e dos interesses esportivos dos soviéticos, como as mulheres e os deficientes físicos. As mulheres, que eram proibidas de disputar modalidades como futebol, judô e halterofilismo até o fim dos anos 1970, por sua suposta fragilidade física, começaram a reivindicar mais espaço e a conquistá-lo sob a governança de Gorbachov, que, junto da Federação Soviética de Futebol, instituiu, em 1987, o primeiro torneio feminino nacional. Os atletas com algum tipo de deficiência também começaram a ter mais visibilidade com a realização do primeiro evento organizado exclusivamente para eles, em 1988, na cidade de Tallin (Estônia), o que também marcou a entrada da URSS em competições organizadas pelo COI no segmento paralímpico.

Outros problemas sensíveis na cultura esportiva que, ao final do século XX, passou a ser cada vez mais voltada ao espetáculo e ao *marketing*, também passaram a respingar e a influenciar os rumos dentro da União Soviética. Muitos atletas, que vestiam vermelho e deveriam servir aos ideais socialistas e ao Estado, passaram a exigir que ficassem com a premiação recebida por seus feitos conquistados, assim como o direito de viver sobre as bases de uma economia capitalista, o que daria abertura à assinatura de contratos com patrocinadores

e marcas esportivas. Outro tema, que era tabu e considerado um vício dos capitalistas, também veio à tona para perturbar ainda mais as associações esportivas da URSS: o uso sistematizado e crescente de esteroides. Atletas como o halterofilista ucraniano Yuri Vlasov, medalha de ouro na categoria mais de 90kg, nos Jogos Olímpicos de Roma (1960), foi uma das muitas vezes a denunciar e tornar mais pública a política dopante promovida de maneira estatal. Vlasov acusou uma das referências da modalidade, o russo Arkady Vorobiev, bicampeão olímpico na categoria menos de 90kg, de ser um dos responsáveis diretos na distribuição de esteroides, visando aumentar a performance da equipe de halterofilismo soviética.

Tantas transformações, além de marcas e cicatrizes na firme e espessa pele, começaram a mostrar que o velho Urso Vermelho, surgido e cultivado em tempos nos quais o esporte tinha como um dos principais objetivos o uso político (muito utilizado até 1990), já estava cansado e, cada vez mais, a partir do início dos anos 1990, integrado a um mundo no qual o esporte terá cada vez mais, como foco, o uso econômico – no qual o capital passou a dar as cartas.

CAPÍTULO 2. A RÚSSIA IMAGINADA COMO NAÇÃO (1990-2018)

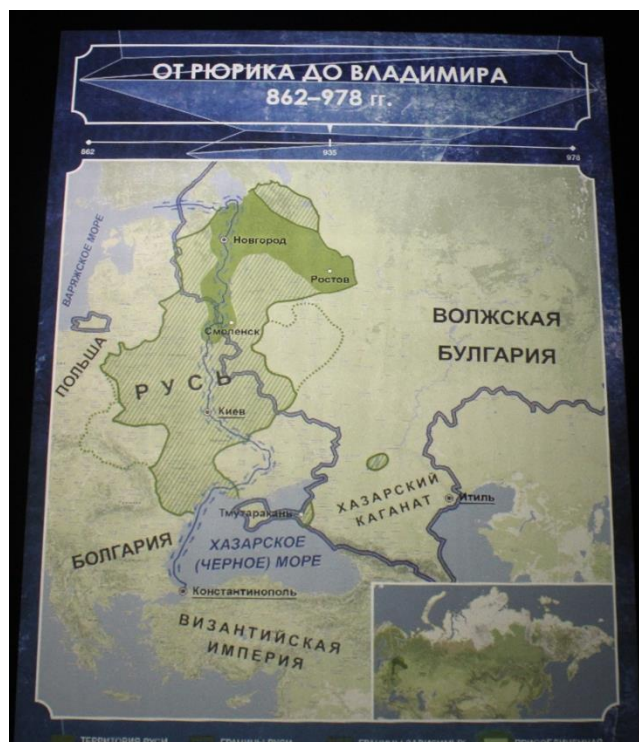


FIGURA 6. Primeiro mapa do território russo, que começou a ser modelado no século IX, próximo ao Mar Negro e à Ucrânia.

CRÉDITO: Museu Rússia Minha História – Volgogrado.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

Existe uma diferença muito grande na percepção do que é uma Copa do Mundo. A África do Sul, em 2010, foi a mesma coisa. Eu fui falar com Thabo Mbeki, que chegou a ser presidente da África do Sul, e eu perguntei para ele: “Qual é a função dessa Copa?”. E ele falou: “É um instrumento de política externa”. No caso do Putin, é muito claro que isso faz parte de um instrumento político de mostrar à comunidade internacional que a Rússia faz parte do jogo das grandes nações.

Jamil Chade

Nações, religiões, corporações e dinheiro são entidades que existem apenas na imaginação humana (...) tais ficções podem ser úteis, o problema é quando as pessoas esquecem que essas são histórias imaginárias e começam a acreditar que estão diante da realidade absoluta.

Yuval Noah Harari

2.1 O caos pós-URSS tem nome e sobrenome: Boris Yeltsin (1991-1999)

Nos tempos da União Soviética, havia pão. De uma noite para o dia, ou melhor, a partir do dia 26 de dezembro de 1991, quando na comunidade imaginada (ANDERSON, 1983) da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que cobria 2/8 do mundo, não havia nem mais a certeza de que o alimento simples, produzido a partir dos fartos campos de trigo da URSS, estaria disponível para consumo.

O Estado já não possuía alma. Era uma pessoa livre. Havia poucas pessoas como aquela. Havia mais pessoas que se irritavam com a liberdade: “Comprei três jornais e em cada um tinha uma verdade. Onde é que está a verdade real? Antes você lia o jornal *Pravda* de manhã e ficava sabendo de tudo. Entendia tudo” (ALEKSIEVTICH, 2016, p. 23).

A transição da economia socialista para a capitalista bagunçou a certeza de muitos da sociedade russa, que não conseguiam entender, em um primeiro momento, um ambiente de transformações aceleradas e que viam surgir o desenvolvimento de corporações e instituições transnacionais. Se antes era o Estado quem ditava os rumos da nação e imaginava as ideologias para ela, agora era a vez dessas companhias serem os atores que influenciavam o que aconteceria no mercado, na política e também na cultura e no esporte, que, sem o aporte do Estado, entrou no fluxo da globalização e nas estruturas neoliberais da economia de mercado (JUNIOR; SIGOLI, 2004, p. 112 e 118).

Dentro da Rússia, agora sem suas 14 repúblicas, tal fenômeno também se deu de forma irreversível e rápida, principalmente por influência de Boris Yeltsin, o primeiro presidente eleito do país. Yeltsin assumiu o posto presidencial em 10 de julho de 1991, uma data de intenso conflito ideológico entre os que defendiam a soberania do novo país e os que queriam que a Rússia permanecesse como parte da União Soviética, governada ainda por Gorbachov. Tal impasse só se resolveu no fim do mencionado ano, com a dissolução soviética. Ele governou até 31 de dezembro de 1999 e, neste período de quase uma década, fez soprar país adentro ares liberalizantes e, na esteira dele, o caos administrativo, econômico, político e social.

Yeltsin, nascido na cidade de Ecaterimburgo, consolidou seu poder em 1993, com a queda do grupo Soviete Supremo, que, dentro do governo russo, ainda se pautava pela ideologia sovieta de proteção dos bens do Estado e de valorização nacional. O mandatário, naquele momento, pensava totalmente o oposto e, com as denominadas *privatizações selvagens*, viu a chance de mexer no grande espólio estatal da URSS e agradar amigos influentes, que até o início dos anos 1990 eram ricos, mas que, depois, passaram a comandar operações e ações de

companhias de gás, petróleo, mineração, bancos e até times de futebol – passaram, então, a ser conhecidos no mercado financeiro global como os *oligarcas russos*. Este grupo influente comprava os patrimônios nacionais a preços irrisórios e sem concorrência para, assim, continuar a corromper o governo e, por meio de contratos fraudulentos, aumentar seus patrimônios e influência sobre o Estado (SPERANCETE, 2016, p. 83).

Com a privatização dos clubes mais populares da Rússia, as raízes soviéticas foram postas em segundo plano para dar lugar às estratégias mercadológicas e de lucro. O CSKA Moscou, time favorito do exército, o Dínamo de Moscou, o clube da KBG (a polícia secreta soviética), e até o Spartak, o único clube dentro da Rússia considerado oriundo das categorias populares, entraram na esteira do mercado global e que, segundo Aleksandr Bubnov, viraram times nos quais você conhece o presidente, mas seus donos, nunca¹⁵.

Além da remodelação esportiva, o governo neoliberal de Yelstsin diminuiu os recursos federais para o complexo militar-bélico-industrial e deteriorou os índices político-sociais russos. Entre os reflexos alarmantes daquilo que muitos historiadores especializados em Rússia, como Angelo Segrillo (2015), classificam como *período negro*, a taxa de desemprego chegou a 14%, o trabalho informal disparou, assim como a inflação e a desvalorização do rublo, os mercados se desabasteceram e problemas sociais, combatidos pelos soviéticos, como o abismo entre classes e o alcoolismo, passaram a ser, mais uma vez, protagonistas na estrutura social do país.

Contudo, o erro mais grave da gestão Yeltsin foi o fato dele ter mexido em algo muito caro aos russos: o Estado central. Ao descentralizá-lo, o presidente mergulhou a Rússia no caos e a deixou sem rumo. Para efeito de comparação na longa história nacional, nos episódios nos quais o país esteve sem núcleo definido, ele regrediu e foi dominado por outros povos. Isso acontece já nas raízes de sua fundação e imaginação da Rússia, no século IX, quando ela surgiu no que hoje é a cidade de Kiev, enquanto que os povos eslavos da Rus' Kievana eram vassalos do Príncipe de Kiev. O fato de não possuir um Estado central facilitou a invasão dos povos mongóis, em 1223, algo que só foi controlado em 1480, quando os príncipes moscovitas centralizam o país em Moscou e expulsam o exército inimigo definitivamente.

Vale também pontuar que uma das poucas heranças soviéticas que “sobreviveu” à turbulenta era de Boris Yeltsin no Kremlin foi a tradição dos atletas em Jogos Olímpicos. Em

¹⁵ Aleksandr Bubnov foi jogador da seleção soviética de futebol entre os anos de 1977 a 1987 e, atualmente, trabalha como executivo da Federação Russa de Futebol. Em 2014, ele deu uma entrevista ao canal SporTV e falou sobre o período de transição do futebol da URSS para a Rússia. **Ex-URSS: de Camaradas a Magnatas**. Temporada 7. Episódio 1. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/sportv/v/2011707/>>. Acesso em: 4 set. 2018.

1992, a delegação olímpica russa, formada por 12 dos 15 países da ex-URSS (exceto a Estônia, a Lituânia e a Letônia, que formaram a Comunidade dos Países Independentes – CEI), devido ao escasso tempo de se formarem novos comitês, viajou à edição de Barcelona e conquistou o primeiro lugar no quadro de medalhas. Quatro anos depois, em Atlanta (1996), os russos, já sem as outras repúblicas, alcançaram o segundo lugar geral, apenas atrás dos Estados Unidos (COI, 2018). O Comitê Olímpico Russo também herdou todos os resultados obtidos em Olimpíadas entre 1952 a 1988.

Em relação às Copas do Mundo, não se pode dizer o mesmo. Se a União Soviética chegou a colecionar boas participações até 1986, a década de 1990 fez com que a Rússia se tornasse um figurante na geopolítica da bola da FIFA. Na edição dos Estados Unidos (1994), a seleção nacional não passou da fase de grupos, enquanto que na França (1998) ela não conseguiu nem se classificar (FIFA, 2018).

Assim como no período do julgo mongol, entre os séculos XIII e XV, segundo a tradição russa, havia a falta de um líder que trouxesse estabilidade e defesa de uma palavra muito utilizada no vocabulário da língua russa: o *garstudarsva* (*сильный защитник государства*), que significa o defensor do Estado forte e central. Em 31 de dezembro de 1999, sob o nome de Vladimir Vladimirovich Putin, este defensor foi, mais uma vez, recriado.

2.2 Mãos, pés, corpo e alma do Estado: Putin no poder! (2000)

Quando nos atacam, que esperem o inferno de volta.
Vladimir Putin¹⁶.

Após a renúncia de Boris Yeltsin à Presidência da Federação Russa e a sua indicação para que o, então, primeiro-ministro, Vladimir Putin, ocupasse a cadeira principal das dependências do Kremlin e, junto dele, o partido Rússia Unida, o discurso do liberalismo econômico, a abertura desenfreada do mercado e a perda das referências nas tradições culturais dão lugar à outra narrativa muito mais agradável aos ouvidos de muitos russos apegados ao peso dos séculos e da construção diária da memória histórica (KOSSOY, 2007, p. 41). O que

¹⁶ Trecho retirado da conversa que Vladimir Putin teve com o lutador de MMA russo Khabib Nurmagomedov ao recebê-lo e cumprimentá-lo, após a vitória no UFC 229 contra o irlandês Connor McGregor. A luta, em Las Vegas (Estados Unidos) ocorreu em 7 de outubro de 2018 e terminou em pancadaria entre os lutadores e suas equipes. **Putin recebe Khabib e apoia o campeão:** "Quando nos atacam, que esperem o inferno de volta". Disponível em: <<https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/putin-recebe-khabib-e-apoia-o-campeao-quando-nos-atacam-que-esperem-o-inferno-de-volta.ghhtml>>. Acesso em: 27 out. 2018.

estava em jogo agora era trazer de volta ao debate político a recuperação da grandeza perdida do país e o papel que o cidadão russo tinha neste sentido. Para esta missão de resgate, Putin se apresentou como a figura que preencheria tal vácuo e, a partir de uma tríade formada por nacionalismo, estatismo e conservadorismo¹⁷, o novo Estado proposto pelo Rússia Unida buscou resgatar o orgulho nacional, que fora abalado durante o período Yeltsin e passou a prover as necessidades básicas de sobrevivência, no plano econômico e social, e também, a manutenção e a elevação das tradições culturais do país (SPERANCETE, 2016, p. 109). Sob seu governo, o Ministério da Cultura, considerado uma das instituições mais fortes e atuantes na Rússia contemporânea, ganhou ainda mais importância.

O atual presidente da Rússia, que alterna o cargo com o de primeiro-ministro desde 2000, trouxe de casa as referências do que se espera de um bom russo. Nascido em 7 de outubro de 1952, em São Petersburgo, Putin é o único sobrevivente dentre os quatro filhos do casal Vladimir Spiridonovitch Putin (1911-1999), ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, e de Maria Ivanovna Shelomova (1911-1998), operária de uma indústria têxtil. Desde pequeno, aprendeu a valorizar a força da disciplina militar, tanto que, um de seus programas favoritos, durante a transição da infância para a adolescência, era assistir a filmes soviéticos de espionagem e tão logo terminou a faculdade de Direito, aos 23 anos (1975), ingressou no Comitê de Segurança Nacional (a KGB), onde permaneceu até 1991, no cargo de tenente-coronel. Nos 15 anos em que permaneceu na entidade, Putin reforçou sua paixão pela prática esportiva, em especial, por modalidades de luta, como o judô, e de gelo, como o hóquei, além do tiro e da caça recreativa.

Muitos de seus atributos físicos conquistados por meio do exercício e da disciplina são frequentemente utilizados para vender a imagem de um presidente ativo e destemido. Em mercados de artesanato, lojas de estação de metrô e bancas de jornal, espalhados pelas 1.110 cidades da Rússia, é comum se deparar com álbuns que trazem imagens de Putin cavalcando em ursos, cavalos ou relaxando em um rio congelado – além de uma infinidade de *souvenires* que estampam seu rosto, como canecas, camisetas e, até mesmo, embalagens de marcas de chocolate. O culto à personalidade de Vladimir Putin é tão intenso que ele virou até tema de uma exposição. Em 2017, o Ultra Museu de Arte Moderna (UMAM) organizou a mostra *Super*

¹⁷ A política proposta pelo partido Rússia Unida, de nacionalismo, estatismo e conservadorismo, dialoga com a proposta de Sergei Uvarov (1776-1855), em 1833, conhecida, atualmente, como Nacionalidade Oficial. O ministro da Educação do Czar Nicolau I (1796-1855) propunha uma doutrina baseada na tríade "Ortodoxia, Autocracia e Nacionalidade" (SEGRILLLO, 2017, p. 21). Esta proposta nunca foi implementada, mas acabou herdada pelas gerações posteriores e encontrou espaço no discurso de Putin acerca do resgate como forma de aproveitar as qualidades dos regimes czaristas e soviéticos para a reconstrução da nova Rússia.

Putin, com 30 quadros retratando o chefe do Estado russo como super-herói, ao transformá-lo em Batman e Super-Homem, por exemplo¹⁸.

A entrada definitiva na esfera política se deu tão logo a União Soviética se desmembrou. No início de 1992, Putin renunciou a patente que possuía na KGB, por não concordar com os rumos que o país estava tomando, e, entre 1995 e 1997, ocupou a chefia legislativa da região de São Petersburgo. Posteriormente, em agosto de 1996, iniciou sua ascensão de influência nos círculos moscovitas, ao ser indicado por Yeltsin como vice assessor da presidência. Putin também foi diretor do Serviço Nacional de Segurança da Federação Russa (FSB) instituição que substituiu a KGB – cargo que exerceu até o dia 5 de agosto de 1999, quando foi eleito primeiro-ministro.

2.2.1 A cultura que nasce no sangue

Vladimir Putin, ao longo dos últimos 18 anos, tem se cristalizado como a figura decisiva para consolidar a ideia do Estado central e forte, aquele que ditará os rumos da nação e o controle da anarquia e da desordem, além de restabelecer autoridade e a importância do patriarcado.

(...) Na Rússia, onde o Estado joga um papel exagerado como sujeito principal da política social, as características do modelo liberal são consideradas absolutamente inaceitáveis, e pesquisas relatam que os russos preferem que o Estado deve proteger a todos (...) e esta tradição tem atravessado diversos sistemas políticos, como o imperialismo autocrático e o soviético (ZUBELZÚ, 2007, p. 109-110 *apud* SPERANCETE, 2016, p. 93).

Sob seu governo, Moscou passou a ser, mais uma vez, o centro administrativo, financeiro, tributário, da justiça e das forças militares. O setor bélico, um dos motores da indústria nos tempos soviético e jogado para escanteio por Yeltsin, voltou a ser protagonista a partir do ano 2000, expandiu o orçamento federal na área da defesa e reorganizou o complexo industrial de defesa sob o comando de Sergey Ivanov, oficial de confiança de Putin (SPERANCETE, 2016, p. 101). A Rússia, como estratégia para reforçar seu papel regional e para breca a influência dos Estados Unidos e da União Europeia sobre países subdesenvolvidos

¹⁸ Segundo Yulia Diusheva, a idealizadora da exposição, Putin é realmente um herói, que inspira as pessoas a querer uma nova Rússia. **‘Super Putin’**: presidente russo vira herói em exposição. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/super-putin-presidente-russo-vira-heroi-em-exposicao/>>. Acesso em: 28 out. 2018.

e emergentes, passou a exportar armamentos e inteligência militar para parceiros, como a China, a Síria, a Venezuela e o Irã.

A nova configuração do país, após sete décadas da URSS e quase uma de Boris Yeltsin, buscou reestruturar o poder de influência em três frentes: a consolidação nos níveis local e regional (região do Cáucaso e países da Ásia Central), o aumento dos diálogos com a União Europeia acerca de cooperação, como forma de diminuir a influência dos Estados Unidos no continente, e a construção de novas coalisões multilaterais internacionais, como a entrada no bloco dos BRICs e as alianças como com a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. Segundo Sperancete (2016, p. 119), “A política externa russa não objetiva reconstruir as fronteiras geográficas da extinta União Soviética, mas tem como estratégia de estabelecer uma nova esfera de influência política, econômica e diplomática a nível regional”.

Putin também adotou novos planos econômicos com o intuito de fazer a Rússia voltar a crescer em pé de igualdade com os países mais desenvolvidos. De 2005 a 2008, foi posto em prática o plano de desenvolvimento econômico-social da Federação Russa, seguido pelo de direções básicas da política orçamentária e tributária (2008 a 2010), tendo como objetivo duplicar o Produto Interno Bruto (PIB) até 2010. Segundo dados do Banco Mundial (2016), o PIB russo saltou de U\$259 bilhões, no início dos anos 2000, para U\$1,525 trilhão, no final da mesma década. Os índices de crescimento também impressionavam e, nas projeções do Banco Central Russo e da Agência Estatal Russa (TASS), os primeiros anos do terceiro milênio chegaram a registrar 8% de crescimento a cada 12 meses.

Com a economia em alta e a estabilização das políticas de bem-estar social, com melhoras da estabilidade do poder de compra e do bolso do cidadão, Putin também passou a implementar políticas culturais mais conservadoras. Na esfera religiosa, a igreja ortodoxa voltou a ocupar um lugar de destaque na vida russa e a figura do patriarca, o líder supremo, passou a andar de mãos dadas com o presidente e a ajudar nas decisões dos rumos do país, o qual se estima que 70% da população se declara ortodoxa (SEGRILLO, 2010). A ortodoxia também influenciou na defesa do chamado direito do sangue (*jus sanguinis*), que funciona nos seguintes moldes:

Russkii é o russo étnico, aquele que é filho de pai ou mãe russa. *Rossiyanin* é qualquer pessoa que nasce e vive na Rússia (cidadão da Rússia por nascimento ou vivência, por exemplo), mas não necessariamente russo étnico. Essa diferenciação reflete o modo como a nacionalidade é definida na Rússia: pelo *jus sanguinis* (direito do sangue) enquanto no Brasil temos o *jus soli* (princípio do direito do solo). O conceito de *jus sanguinis* eterniza as diferenças étnicas do país, fazendo com que na Rússia haja dezena de nacionalidades há séculos, mantendo suas próprias culturas distintas (SEGRILLO, 2012, p. 3).

Esta política tem como foco valorizar e tornar hegemônica os 81% da população russa que se declara como étnica (VERSOSISKAYA, 2010), mesmo que o artigo três da constituição federal pregue que a Rússia é um país multinacional, cuja soberania das mais de 100 etnias que o compõe está garantida (KONSTIUTSSIA, 1993). Nesta construção narrativa de valorização de elementos da cultura e da condição nacional (ANDERSON, 1983, p. 28) russa, o Ocidente também vem sendo moldado na perspectiva caseira como o outro e não converge com os ideais da identidade russa. Os avanços considerados mais liberais, como os direitos LGBTQ+, não encontraram espaço no governo de Vladimir Putin. Muito pelo contrário: a mistura entre Estado e Igreja aumentou a imposição de um papel heteronormativo e ações contra os setores da sociedade que, na ótica governamental, desrespeitam a defesa da família tradicional. Desde 2013, vigora em todo território russo a lei de anti-propaganda gay, que proíbe qualquer tipo de veiculação/publicidade com conteúdo homossexual para menores de 14 anos, que, segundo o governo, pode ser prejudicial na formação de jovens, já que estimula a homossexualidade como algo natural. Em 2012, nesta cruzada conservadora, a Duma, a câmara russa, aprovou um veto, com duração de 100 anos, que proíbe qualquer evento de manifestações gays em público, nas ruas da capital.

2.3 A década dos BRICs (2008-2018)

Além da reorganização das políticas econômicas e culturais do governo Putin, o esporte também voltou a ocupar uma das pautas centrais do governo. Neste projeto de realinhamento da Rússia no tabuleiro da geopolítica global, voltar a sediar megaeventos esportivos, dentre outros de mesmo alcance, entrou com força na pauta do Kremlin, que aproveitou a euforia econômica interna, aliada à crise global, para pleitear ser a sede tanto da Copa do Mundo quanto das Olimpíadas. Soma-se ainda dois fatores decisivos que ajudaram a impulsionar as candidaturas de países considerados emergentes para organizar megaeventos esportivos.

O primeiro deles foi a falência do banco norte-americano Lehman Brothers. Em 15 de setembro de 2008, a instituição financeira, que emprestava crédito imobiliário dentro dos Estados Unidos a juros baixos, se deparou com um recorde de inadimplência e queda de confiança do setor, o que a fez pedir concordata e fechar as portas. Isso foi só o início do estouro da crise imobiliária que se alastrou pelos Estados Unidos, afetou a economia real de muitos países do mundo e chegou a fazer o índice Ibovespa (Brasil) recuar 7,59% só nesse dia (G1,

2018)¹⁹. A grande crise de 2008 só não fez mais vítimas, num curto prazo, pelo fato de países de economias emergentes, como o Brasil, a Rússia e a África do Sul, adotarem políticas fiscais expansionistas, com o objetivo de aquecer a produção e o consumo interno, tendo como estímulo a renúncia fiscal do governo em alguns tributos, como o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Tal estratégia, que gerou aparente controle fiscal e manutenção dos índices de crescimento, cobraria um preço alto na década seguinte – o caro custo organizacional para sediar tanto a Copa do Mundo quanto as Olimpíadas ajudaria a aumentar esta agonia econômica e social²⁰.

Outro fator que estimulou a corrida dos países emergentes em sediar megaeventos esportivos foi a desistência, cada vez maior, de nações de economia sólida, que já não demonstram tanto interesse em arcar com a conta alta de tais eventos, assim como exigências impostas pelo COI e pela FIFA. Só no caso da entidade que rege o futebol, o país que é escolhido como próxima sede do Mundial deve seguir à risca o documento *Estádios de Futebol: Recomendações e quesitos técnicos* (MAZZEI; ROCCO, 2014, p. 191), redigido pela FIFA, com os 11 pontos considerados fundamentais para a realização exitosa do megaevento esportivo, a exemplo de segurança, mobilidade urbana e construção ou adequação de arenas, seguindo o padrão idealizado por ela. A entidade também exige dos países-candidatos o compromisso de oferecer isenção fiscal e se responsabilizar por toda a organização logística e estrutural da Copa do Mundo, algo que tanto o Brasil quanto a Rússia concordaram, sem titubear, arcar com os riscos e eventuais prejuízos a médio e longo prazos.

Para efeito de comparação, tanto o Brasil quanto a Rússia receberam pouco mais de um milhão de turistas estrangeiros, sendo que o Brasil investiu R\$32,33 bilhões para a Copa de 2014 (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2014) e teve um retorno de R\$30 bilhões com o evento. Ou seja, apresentou um déficit de R\$2,33 bilhões, que precisou ser assumido pelo governo Dilma Rousseff (2010-2016). No caso da FIFA, o lucro estimado foi de R\$4,8 bilhões. Já no caso russo, o Comitê Local anunciou a conta final na casa dos R\$40 bilhões de investimentos, os mais caros da história. A expectativa, segundo o governo russo, é que até o fim de 2018, o evento representasse um lucro próximo a R\$14,2 bilhões e o crescimento de 1% do PIB, número pequeno, mas que evitou que a Rússia entrasse em recessão já em 2018. A

¹⁹ G1. **Quebra do banco Lehman Brothers completa 10 anos relembre a crise de 2018**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/09/15/quebra-do-banco-lehman-brothers-completa-10-anos-relembre-a-crise-de-2008.ghtml>>. Acesso em: 31 out. 2018.

²⁰ ESTADÃO. **Copa do mundo mais cara da história salva a Rússia da estagnação econômica**. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo-mais-cara-da-historia-salva-a-russia-da-estagnacao-economica,70002343354>. Acesso em 1º de novembro, às 14h09.

FIFA, pelo contrário, não sabe o que é problema no bolso, e faturou R\$5,2 bilhões de acordo com suas projeções (ESTADÃO, 2018).

2.3.1 O poder suave que emanou dos emergentes

Contudo, em 2 de dezembro de 2010 – data a qual a FIFA confirmou a Rússia e o Catar como os próximos países a sediarem a Copa do Mundo, em 2018 e 2022, respectivamente – não havia o clima de apreensão econômica que tomava conta das nações em desenvolvimento. Pelo contrário: com a virada do milênio, passou a ser cada mais comum a realização de megaeventos esportivos em sedes fora do eixo Estados Unidos-Europa ocidental. Em 2000, a Austrália recebeu as Olimpíadas de Sydney. Dois anos depois, a Ásia teve sua primeira edição de uma Copa do Mundo, dividida entre a Coreia do Sul e o Japão. Já em 2004, a Grécia foi a casa dos Jogos Olímpicos, pela segunda vez na Era Moderna do esporte. A partir de 2006, esta escalada dos países emergentes ganharia a formação do bloco dos BRICs, constituído, inicialmente, por Brasil, China, Índia e Rússia, tendo a inclusão da África do Sul em 2011 (BRASIL GOV, 2017)²¹. Entre 2008, com as Olimpíadas de Pequim, até 2018, com o Mundial de Futebol em solo russo, os BRICs praticamente *monopolizaram* a realização dos dois megaeventos esportivos, como se observa no quadro a seguir:

²¹ BRASIL GOV. Agrupamento Brasil-Rússia-Índia-China-África do Sul (BRICs). Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/conteudos-excedentes/agrupamento-brasil-russia-india-china-africa-do-sul->>. Acesso em 22 de janeiro, às 10h31.

A década dos BRICS (2008-2018)

Com exceção dos Jogos de Londres, em 2012, o bloco dos países emergentes, formado por Brasil, África do Sul, Índia, China e Rússia praticamente dominou a realização de megaeventos esportivos

2008 – Jogos Olímpicos de Pequim

2010 – Copa do Mundo na África do Sul

2013 – Copa das Confederações no Brasil e início da realização de mundiais das mais diferentes modalidades na Rússia.

2014 – Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi (Rússia), etapa de Sochi da Fórmula 1 e Copa do Mundo no Brasil

2016 – Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro

2017 – Copa das Confederações na Rússia e Mundial Sub-20 de Futebol na Índia

2018 – Copa do Mundo da Rússia

FIGURA 7. Quadro com a realização de Copas do Mundo e Olimpíadas entre 2008 e 2018.

CRÉDITO: Estadão.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

A Rússia, que fechou esta década dos BRICs, teve o seu próprio ciclo esportivo, estimado em U\$67 bilhões (FOLHA, 2018). Tal ciclo foi iniciado com a decisão da Liga dos Campeões da Europa, em 2008, com o jogo entre o Manchester United e o Chelsea, e contou ainda com os mundiais de judô, atletismo (Diamond League, 2015), taekwondo e esgrima (2015), natação (Mundial de 2015) e pentatlo moderno (2016). A cidade de Sochi, que, em 2013, sediou as Olimpíadas de Inverno em um complexo poliesportivo erguido para esta finalidade e para receber a Copa do Mundo, incluiu no projeto uma pista de automobilismo, pois, em 2014, passou a integrar a Fórmula 1. Em Kazan, a cidade se preparou para ser uma

das 11 sedes do Mundial com a Universíade (2013) e sendo uma das quatro sedes da Copa das Confederações (2017).

Os países de economia emergente passaram a enxergar tais eventos contemporâneos do esporte como uma ferramenta poderosa de promoção da imagem do país no mundo, onde a indústria esportivo-cultural passa a ser entendida pelas nações e empresas como um mecanismo mais influente do que campanhas publicitárias internacionais de consumo turístico de suas metrópoles (ELIAS; GOTARDO; VIEIRA, 2017, p. 4) e como uma plataforma de comunicação, que busca exibir a cultura, a imagem local, o prestígio e a atração internacional (GRIX, 2013 *apud* PIZARRO, 2017, p. 4).

Com caráter mais simbólico, outra ferramenta também passou a ser considerada pelos emergentes na corrida para sediar os megaeventos esportivos: o poder suave (BALLERINI, 2017). Este tipo de poder, que se opõe ao que se define por poder duro (NYE, 1994), calcado no poderio militar e coercitivo, é trabalhado simbolicamente por meio da cultura e é bem desenvolvido quando se consegue atrair o outro por meio de seus ideais, até que ele siga um comportamento previamente desejado. É a arte de persuadir e de modular o gosto alheio por meio de elementos culturais diversos – e não pelo uso de armas ou coerção social explícita. No caso da Rússia, que ao longo de sua história sempre foi conhecida pela demonstração de poder militar, a estratégia de receber eventos internacionais de interesse global fez com que eles conseguissem entrar, em 2016, na lista dos 30 países com melhor índice de *soft power*, divulgada anualmente pela revista britânica *Monocle*, desde 2015. Em 2016, os russos ficaram em 27º, melhoraram uma posição em 2017 (26º) e em 2018, caíram para o 28º lugar do ranking. Os outros dois integrantes dos BRICs que aparecem na lista são a China (27º) e o Brasil (29º). Os três países com mais poder suave, atualmente, são a Grã-Bretanha (1º), a França e a Alemanha, na sequência (SOFTPOWER30, 2018).

CAPÍTULO 3. ETNOGRAFIAS RUSSAS



FIGURA 8. Marco geográfico e imaginário que divide a porção europeia da porção asiática na Rússia. Ele foi demarcado e construído no século XVIII e é uma das atrações de Ecatimburgo.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

Ivan III se tornou o primeiro dirigente russo a se chamar “czar” – forma russificada de “César” – e, além disso, tomou emprestada a águia de duas cabeças. Em Constantinopla, o emblema aparecia apenas raramente. Na terra eslava setentrional, contudo, a águia de duas cabeças era exibida com destaque. Os moscovitas estavam ansiosos por exibir sua herança imperial.

Andrew Meier

3.1 A definição e a construção da atitude etnográfica

Antes de partirmos para desbravar as raízes culturais (BYSTRINA, 1990) dos três símbolos da cultura russa presentes na construção da Copa do Mundo 2018, é fundamental a definição de que a postura aplicada para este estudo é da atitude etnográfica²² (CANEVACCI, 2002; OLIVEIRA; PADOVEZ, 2018). Tal metodologia, que dialoga muito bem com a área da Comunicação e, como veremos adiante, também com o esporte, começou a ser modelada, inicialmente, com os estudos e as pesquisas do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942) nos primeiros anos do século XX.

O pesquisador da *London School of Economics* não concordava com os métodos utilizados pelos etnólogos na virada do século XIX para o XX, que consistia em construir uma visão de mundo dentro de casa, no escritório da universidade ou no museu repleto de itens trazidos de locais “exóticos”, conforme descreve Yves Winkin, antropólogo belga, em seu livro *A nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo* (1998):

Eles enviavam questionários etnográficos a viajantes, missionários, comerciantes, em suma, a todos que vão, por exemplo, à África ou à Ásia. Pede-lhes que respondam às perguntas e comprem, senão roubem, tudo o que possam encontrar (...) Todos os objetos são bons para recheiar os museus de etnografia (...) (WINKIN, 1998, p. 130).

Malinowski, irrequieto por natureza, decidiu ir rumo a uma faixa de terra colonizada pela Inglaterra, na porção Sul da Papua Nova Guiné, e passou a fazer um trabalho de campo com as tribos Mailu e Trobiland. Este trabalho viria a gerar uma das primeiras obras a falar sobre a etnografia, chamada *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922). Neste livro, o antropólogo procura “Captar o ponto de vista do indígena (...) compreender sua visão de mundo” (MALINOWSKI, 1922 *apud* WINKIN, 1998, p. 130). Os meses de imersão junto aos povos o ajudaram a compreender que um período extenso de estudo pode ajudar a conhecer uma sociedade específica e perceber o significado de sua lógica cultural (MATEUS, 2015, p. 85).

²² A atitude etnográfica se apropria de elementos presentes na etnografia, como a observação participante e o trabalho de campo, para que seja possível, ao se trabalhar com fenômenos vivos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, o pesquisador possa compreender melhor o contexto sócio-histórico-cultural do país-sede e consiga aplicar de maneira mais eficiente a metodologia proposta. Além da parte acadêmica, também propomos o uso deste método de observação para a cobertura de imprensa dos dois megaeventos mencionados acima, tendo como um dos exemplos práticos a obra do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski (1932-2007). Kapuscinski, que além da formação em jornalismo, era cientista social, se valia da atitude etnográfica em muitas de suas viagens de coberturas de eventos, como a guerra civil entre El Salvador e Honduras, em 1969, retratada por ele na crônica *a guerra do futebol* (1969).

Além dele, outros pensadores dos anos 1920 também tentaram romper com esta leitura mais passiva diante do “exótico” e passaram a praticar um olhar mais “endótico”, voltado para dentro. Dois nomes importantes e que devem ser citados são: Gregory Bateson (1904-1980), antropólogo inglês e autor de *Naven* (1927), e Mario de Andrade (1893-1945), escritor brasileiro que, no mesmo ano, lançou o livro *O Turista Aprendiz*, um relato sobre uma expedição ao Norte do Brasil.

Entre 1930 e 1950, pensadores estadunidenses, como Lloyd Warner (1898- 1970) e Ray Birdwhistell (1918-1994), questionaram se o trabalho de um etnógrafo deveria ser voltado a estudar culturas e povos distantes de sua realidade ou se esta metodologia poderia e deveria ser utilizada como forma de observação participante (PEIRANO, 1995; MAGNANI, 2009; MATEUS, 2015), com o que se passa ao redor do próprio país, no caso os Estados Unidos. Warner, após vivências com tribos aborígenes da Austrália, passou a aplicar seu meticuloso trabalho de observação de micro sociedades em cidades minúsculas dos estados de Illinois e Massachusetts (WINKIN, 1998, p. 130).

Birdwhistell também se voltou à observação dos costumes estadunidenses, a partir de adolescentes do Kentucky. Ambos tiveram forte influência da Escola de Chicago (criada em 1892), um dos centros de referência da antropologia social no país e que, junto com a proposta do Colégio Invisível, passou a dialogar por meio de intercâmbio de ideias entre estudantes e professores com as experiências geradas na Escola de Palo Alto (Califórnia) e na Universidade da Pensilvânia (Pensilvânia).

Paralelamente ao grupo dos “endóticos”, os Estados Unidos também foram pioneiros no surgimento da escola culturalista, entre 1940 e 1950 (ORTIZ, 2002, p. 25). Os culturalistas, cujos principais expoentes são Franz Boas (1852-1948), Margaret Mead (1901-1978) e Clifford Geertz (1926-2006), partem do princípio de que não existe o conceito de cultura, mas, sim, de culturas, e que cada uma delas impõe um modo de pensamento aos homens e às mulheres que nelas estão inseridos. A junção de ideias chega ao que conhecemos como Teoria da Cultura, uma matriz abrangente capaz de abarcar as expressões de todas as sociedades humanas, desde aspectos materiais até o universo simbólico que as rodeia (ORTIZ, 2002, p. 21).

3.1.1 As raízes alemãs da cultura

Mas a tentativa de conceituar o que é a cultura ou as culturas tem raízes mais profundas do que a escola culturalista norte-americana. Desde o final do século XIX, ferve

na Antropologia alemã o conceito de *Kultur*, que encontrou eco nos trabalhos dos sociólogos Alfred Weber (1868-1958) e Norbert Elias. Weber trouxe a ideia de que *Kultur* (cultura) e *Zivilisation* (civilização) deveriam ser analisadas como dois campos conflitantes. Tal proposição, apesar da originalidade na época, foi logo superada por Elias, um dos alunos de Weber na Universidade de Heidelberg. A partir de leituras da obra *O Processo Civilizatório* (1939), chegamos à proposta de que, a partir do traçado histórico da construção de hábitos e costumes europeus, desde a Idade Média, como o controle das instituições, percebeu-se que não seria possível dissociar as duas áreas, mas, sim, deixá-las caminhar integradas nos complexos meandros das Ciências Humanas dentro de uma sociedade organizada industrialmente no contexto dos novos centros urbanos.

Assim como os culturalistas da América propuseram uma Teoria da Cultura, os alemães, especialmente aquelas da Universidade Livre de Berlim, também abriram uma perspectiva no estudo das relações entre Comunicação e Cultura conhecido como *Berliner Modell*. Um dos pontos que dialoga diretamente com nossa pesquisa é aquele acerca dos rituais, inclusive os esportivos e midiáticos, que geram hábito e dependência. Harry Pross (1923-2010), que trabalhava com a concepção de que a comunicação começa e termina no corpo, encontrou eco nas produções do filósofo alemão Dietmar Kamper (1936-2001) e, mais adiante, nas obras do filósofo Gunter Gebauer, do antropólogo Christoph Wulf, e também do filósofo Hans Ulrich Gumbrecht. Estes pesquisadores introduziram a questão do corpo, inclusive na ótica esportiva, como um elemento de construção social, disciplinar, filosófica e, principalmente, mimética, no sentido de que o homem inventa uma segunda realidade, a simbólica – e confere a ela toda a autonomia para que essa realidade dite seu destino (BAITELLO, 2012, p. 17).

3.1.2 A etnografia multiplicada e comunicada

O método etnográfico, por dialogar com muitas das Ciências Sociais e por ser aplicável em fenômenos vivos, no início dos anos 1960, encontrou de forma seminal outra Ciência Humana conhecida por sua elasticidade de diálogos com outras frentes: a Comunicação. O termo Etnografia da Comunicação surgiu a partir dos estudos do sociólogo norte-americano Dell Heymes (1927-2009) que, em 1964, o utilizou pela primeira vez. Segundo Heymes, a Etnografia da Comunicação trata da relação entre a linguagem e a sociedade.

A comunicação acontece em contextos culturais específicos e envolve não apenas o uso de signos verbais como também signos não verbais e formais de relações tecnológicas,

que revelam ao etnógrafo da comunicação as relações sociais, as emoções e as identidades sociais em jogo (MATEUS, 2015, p. 87).

Tal metodologia, devido à sua elasticidade de diálogos, encontrou abrigo na Arquitetura, sobretudo, nos estudos do urbanista italiano Massimo Canevacci, que ajudou a cunhar o termo atitude etnográfica na década de 1990. No mundo virtual, um dos métodos possíveis é a etnografia digital, para a aplicação de pesquisas híbridas (quantitativa e qualitativa), proposto pelo antropólogo Juliano Spyer²³. Alguns elementos da etnografia, como o trabalho de campo, a preparação prévia para se viver *in loco* o fenômeno a ser estudado e a observação participante, também podem ser utilizados para os estudos socioculturais do esporte. A atitude etnográfica pode ser proposta como método de observação para cobertura de megaeventos esportivos²⁴. Esta última vertente foi escolhida como a metodologia para a construção desta pesquisa.

3.2 As raízes da cultura e a definição do símbolo histórico

Há muitas variáveis para se definir o que são a cultura e o símbolo. A cultura, que costuma ser tratada no plural, por não se fechar numa única variável, possui como grande força ser uma mistura de história, valores, herança, sentimentos, violência, língua, poder e geografia, que move e determina o homem em sua caminhada da terra (TEZZA, 2017). Nos estudos das escolas de Tartu (Estônia) e Moscou (Rússia), o texto cultural, é considerado a unidade básica da cultura e um portador de significado integral, se insere numa hierarquia de sistemas semióticos e de um arranjo de muitas camadas da esfera extra cultural que o rodeia (MACHADO, 2003, p. 104). Já na Escola de Antropologia Histórica da Universidade Livre de Berlim, os trabalhos de Ivan Bystrina nos levam à Semiótica da Cultura, que propõe que a cultura é constituída pelo que se denomina *códigos terciários*.

Bystrina chegou à esta denominação considerando enquanto códigos primários ou hipolinguais aqueles que antecedem a língua, como as informações no interior dos seres vivos. Entende-se, assim, como códigos linguais aqueles próprios das linguagens que possibilitam a vida em sociedade e como códigos terciários ou hiperlinguais aqueles que operam na chamada *segunda realidade*, na qual os símbolos têm um papel central. Outra leitura possível da segunda

²³ Assisti à aula magna do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, ministrada pelo professor Spyer e intitulada “O futuro da pesquisa e a pesquisa do futuro – o uso da etnografia na academia e no ‘mundo real’”, realizada no dia 28 de agosto de 2018.

²⁴ Ensaio escrito por Elcio Padovez e Eugênio Menezes, publicado no volume 18.1 da revista *Communicare*, com o tema o “Legado dos megaeventos esportivos”, em junho de 2018.

realidade, e que utilizaremos na análise das imagens presentes nesta dissertação, é a de Boris Kossoy, acerca da câmera que recupera fielmente a primeira realidade e, a partir daí, a fotografia ou a imagem fotográfica, se constrói uma segunda realidade ou a realidade da produção simbólica (KOSSOY, 2007, p. 14). Tal produção simbólica feita pela fotografia também pode ser observada como um documento histórico e social e que ajuda a construir e fixar uma memória histórica (IDEM, p. 28 e 31).

Para o desenvolvimento desta pesquisa sobre os símbolos da cultura russa na construção da Copa do Mundo da Rússia, nos fundamentamos nos códigos terciários propostos por Bystrina (1990), na ideia de que eles possuem raízes culturais e que se faz preciso mergulhar nelas. Compreende-se, a partir dos estudos de Bystrina, que o universo da cultura ou segunda realidade nasce de quatro raízes: o jogo, o sonho, os estados alterados de consciência e as variantes psíquicas. O jogo, por ser uma das quatro raízes da formação da cultura, permite a criação de símbolos com os quais os homens convivem e, através de processos de comunicação, deixam suas pegadas na terra (BYSTRINA; PROSS; BAITELLO JR, 2007).

O símbolo é outro elemento cuja definição exata não há, pois ele apresenta faces múltiplas, como nos estudos sobre o inconsciente coletivo do psicanalista suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) e sobre signos desenvolvidos pelo semiótico norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914). O comunicador alemão Harry Pross (1923-2010), em uma de suas conferências no Brasil, afirmou que “Os símbolos vivem mais que os homens” (1990), expressão que dialoga com outro pensador alemão, o filósofo Ernst Cassirer (1874-1945). Na obra *ensaio sobre o homem* (1994), Cassirer escreve que:

Nas camadas culturais mais elevadas – na religião, na arte, na história, na filosofia – esse protesto assume um novo aspecto. O homem começa a descobrir em si mesmo um novo poder, através do qual ele ousa desafiar o poder do tempo. Emerge no mero fluxo do tempo, esforçando-se para eternizar a vida humana (...) para resistirem, as obras do homem devem ser continuamente renovadas e restauradas (...) mas as obras humana são vulneráveis de um ponto de vista bem diferente. Estão sujeitas à mudança e a decadência não só em um sentido material, mas também no mental. Mesmo que sua existência continue, elas estão em constante perigo de perder seu sentido. Sua realidade é simbólica, não física: e tal realidade nunca deixa de exigir interpretação e reinterpretação. É neste ponto que começa a grande tarefa da história (CASSIRER, 1994, p. 301).

Para análise e melhor compreensão dos símbolos da cultura russa escolhidos para esta pesquisa, tais pontos de vista fazem bastante sentido, uma vez que a águia bicéfala, a cor vermelha e a disciplina dos corpos pela cultura ortodoxa e militar habitam há muitos séculos a memória histórica (KOSSOY, 2007) e o dia a dia dos russos. Mesmo com o passar dos anos,

tais características continuam lançando raízes e sentidos na construção simbólica do país, independentemente do momento sócio-histórico-político-ideológico que ele esteja.

O símbolo histórico, que propomos para a compreensão de como símbolos da cultura russa ajudaram na construção e na operação da segunda realidade (BYSTRINA, 1990; KOSSOY, 2007; BAITELLO, 2012) da Copa do Mundo 2018, também é uma das chaves para se entender a natureza do homem (CASSIRER, 1994). Ao contrário dos outros animais, que apenas possuem os sistemas efetuator e receptor, que compõem seu círculo funcional, o homem precisa criar e interpretar o mundo por meio dos símbolos e, devido a isso, se transforma em um animal simbólico e que, por meio deste universo de simbolismo, ajuda em seu desenvolvimento cultural e intelectual (CASSIRER, 1994, p. 47-65). Segundo Cassirer (IDEM, p. 72), “O pensamento simbólico permite que o homem tenha acesso ao ‘mundo ideal’ que lhe é aberto em diferentes aspectos pela religião, pela arte, pela filosofia, pela ciência e pela história”.

Outra leitura pertinente acerca do que é símbolo se encontra nas ideias do filósofo Jean Chevalier (1906-1993) e do escritor Alan Gheerbrant (1920-2013). Para os autores, o símbolo pode variar de acordo com os homens, as sociedades e a situação do momento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p. 13) e que, para buscar formas de compreendê-lo, é preciso observá-lo dentro de seu meio cultural – sua percepção, assim, se dá de maneira pessoal.

3.3 Duas cabeças pensam melhor do que uma – e têm mais poder

A águia bicéfala pode ser compreendida como um dos símbolos-chave da cultura russa e também um dos brasões mais ancestrais da história simbólica do homem. Suas raízes culturais remontam ao período antes de Cristo, tendo como “local de nascimento” a região da Turquia, onde habitaram os povos hititas, entre os séculos XX e VII A.C (DE OLIVEIRA, 2012, p. 226-227). Este animal, muito presente durante o Império Romano, a partir do século II A.C, por influência de Constantino I (272-337), mas com apenas uma cabeça, passou também a ser utilizado na sede mais oriental de Roma, porém com sua versão bi cefálica:

Constantinopla, a segunda Roma, herdeira assumida da primeira, terá usado inicialmente e de modo natural, a águia na forma habitual do Império, ou seja, a águia natural, de uma cabeça. A família real bizantina dos Paleólogos, a partir do século XIV, vai popularizar o símbolo bicéfalo dentro da corte e como comunicação imperial (...) ligada ao poder divino e ao poder supremo (DE OLIVEIRA, 2012, p. 224 e 226).

A partir da definição da cidade de Moscou como a capital russa, em 1326, o desejo moscovita de se tornar “A Terceira Roma” (BILLINGTON, 1970, p. 46) passou a ser imaginado e incentivado pela realeza local. A denominada “Teoria Moscovita” ganhara corpo com a queda de Constantinopla para os otomanos, em 1453 – além da decisão da Igreja Ortodoxa de transferir sua sede para a capital da Rússia, algo que na visão do patriarcado, traria maior senso de unidade nacional (IDEM, p. 49).

Em 1472, o Grão-Príncipe Ivan III, da Rússia, se casou com Zoe Paleóloga (1455-1503), sobrinha do último imperador bizantino, Constantino XI (1404-1453). Ela passou a se chamar Sofia após o matrimônio e, com esta junção arranjada de impérios, a águia bicéfala passou oficialmente a ser o brasão da Rússia imperial e ortodoxa. Segundo o pesquisador português Humberto Nuno de Oliveira, no livro *Estudos de Heráldica Medieval* (2012)²⁵, uma das muitas leituras possíveis deste símbolo é que ele representa a soberania dual do imperador, a unidade entre o Estado e a Igreja, o poder centralizado entre o Ocidente e o Oriente e a junção dos poderes espirituais e temporais.

Dentro da cultura russa, este símbolo camaleônico sofreu muitas transformações entre 1472 e 2018, mas sem nunca perder a essência de suas raízes. Alguns dos *designs* mais famosos e perenes que podemos citar nesta caminhada secular é o da dinastia Romanov, que durou de 1613 a 1917.

Ao longo destes 303 anos, a águia bicéfala recebeu a coroa da família, assim como o cetro e, em seu peito, passou a ostentar o ícone de São Jorge, um dos santos mais populares da religião ortodoxa e o padroeiro da Rússia. Outra informação relevante é que cada novo czar, coroado em Moscou, tinha toda liberdade para incluir ou retirar detalhes deste símbolo de acordo com suas crenças ou dos países que a Rússia mantinha relações bilaterais (RUSSIA BEYOND, 2018). Ao longo dos séculos XVII e XVIII, quando a corte russa manteve intensas trocas com a Prússia e a Áustria, a águia bicéfala ganhou uma geometria mais rígida (IDEM, 2018). Em outros períodos, quando o país se manteve mais fechado ao exterior, o design deste símbolo era feito de maneira mais arredondada e suave, assim como o número de coroas sobre as duas cabeças, que variava de uma a três.

Durante o último czarato antes da Revolução Russa, em 1917, Nicolau II (1868-1918), ortodoxo fervoroso, manteve a águia bicéfala com três coroas, o cetro, o globo terrestre, o ícone

²⁵ Além da Rússia, este símbolo mitológico passou a ser utilizado em países que, ao longo dos séculos, também mantiveram vivo este diálogo entre o Ocidente e o Oriente, como a Alemanha, a Turquia, a Grécia, a Sérvia, a Áustria, a Albânia e Portugal, no período das Grandes Navegações e dos contatos dos portugueses com esses dois mundos multiculturais.

de São Jorge centralizado e, sob as asas, os escudos das oito principais regiões do império. Uma das constatações de que este símbolo seria chave para se buscar compreender as raízes da cultura russa está no fato de que, mesmo durante as décadas que a União Soviética ditou os rumos deste novo país imaginário, a águia bicéfala, que remete diretamente ao imperialismo, não desapareceu ou foi retirada de monumentos e prédios governamentais. *Camaleônica como só ela consegue ser*, a águia de cabeça duplicada ganhou uma versão proletária, sem os detalhes que remetessem aos czares ou à ortodoxia, que, de 1917 a 1991, não poderia ser praticada nas 15 repúblicas, bem como outras religiões, como o islamismo.

Com o colapso soviético, em 1991, a águia de duas cabeças voltou a receber gradativamente os detalhes dos tempos czaristas e, de acordo com o professor Vladimir Krutarev, em entrevista ao site Russia Beyond, em 1993, o, então, presidente Boris Yeltsin (1931-2007), após um trabalho de seleção de quais seriam os símbolos nacionais que passariam a representar a Rússia, definiu a águia bicéfala como brasão do Estado. Ela, então, deveria ser utilizada em todas as comunicações oficiais. O modelo escolhido, dentre as muitas faces deste símbolo, foi o de inspiração soviética.

A última mudança significativa pela qual este símbolo *se metamorfoseou* ocorreu no início do século XXI, durante o primeiro governo de Vladimir Putin, entre 2000 e 2008. Putin, que fez a igreja ortodoxa aumentar prestígio e influência na sociedade russa, recolocou as três coroas e os outros apetrechos reais, assim como os religiosos, na águia.



FIGURA 9. Representação da águia bicéfala do século XV.

FIGURA 10. Modelo utilizado pela dinastia Romanov.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 11. Águia em estilo soviético.



FIGURA 12. O símbolo em 2018, sob o governo Putin.

CRÉDITO: Cortesia Consulado da Rússia.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

3.4 Vermelho é a cor mais quente e da política

Um objeto vermelho pode ser destruído, mas o vermelho não pode ser destruído e por isso o sentido da palavra “vermelho” é independente da existência do objeto vermelho (WITTGENSTEIN, 1998, p. 220).

A cor vermelha é outro símbolo, dentre os muitos possíveis, que tem ajudado na construção histórico-simbólica dos russos. Ao contrário da águia bicéfala, que desembarcou no país em 1472, herdada dos bizantinos, como vimos no item anterior, não há uma data precisa sobre quando o vermelho passou a ser percebido como código terciário (BYSTRINA, 1990; GUIMARÃES, 2004) e utilizado como informação e elemento da religião e da política na Rússia. Algumas pegadas na cultura deste povo nos ajudam a compreendê-lo.

A primeira delas se encontra na interpretação que o russo antigo (*drevnerúski*) faz. Durante a formação do país, a partir do século IX e ao longo da Idade Média russa, que durou até o fim do século XV, a palavra *krasny*, que também significa vermelho na língua russa atual, se referia a algo belo ou bonito. Somado a esta interpretação de elemento de beleza, o vermelho russo ganhou, a partir do reinado de Vladimir I (980-1015), o elemento da paixão que a igreja ortodoxa simbolizava por meio desta cor.

Até o final do século 10 d.C., tribos eslavas eram predominantemente pagãs, com diversas comunidades preferindo e enfatizando seus diferentes deuses locais (...) eles nunca teriam tentado mudar sua fé antiga se não fosse pela influência das elites. A princesa Olga (920-969) foi a primeira governante da Rus batizada no cristianismo ortodoxo em Bizâncio, na década de 950, mas apenas seu neto Vladimir (960-1015)

decidiu batizar o país inteiro (...) De acordo com a crônica medieval russa *Narrativa dos Anos Passados*, Vladimir, ávido por examinar todas as opções possíveis, convidou sacerdotes de diversos credos: um bizantino ortodoxo, um católico do Império Romano, um muçulmano do Volga búlgaro e um rabino de Khazar. Então, ele teria dito algo como: “Está bem, agora me contem sobre sua fé e me impressionem”. O muçulmano falhou quando mencionou que o Islã proíbe bebidas alcoólicas. Chocado, Vladimir respondeu: “Beber é a diversão de toda a Rus. Não podemos existir sem isso”, e imediatamente mandou o homem embora. O rabino também não inspirou o príncipe, que perguntou: “Está bem, então se o judaísmo é tão grande, onde está sua terra?”. Confuso, o rabino respondeu que a Terra Santa de seu povo estava ocupada. “Bem, se você perdeu a própria terra, como posso confiar na sua religião?”, disse Vladimir. E a Rússia perdeu a chance de se converter ao judaísmo também. Vladimir rejeitou o catolicismo alemão também, dizendo: “Voltem para o lugar de onde vieram, já que seus padres rejeitaram sua fé e assim faremos nós também”. Assim, lhe restou o padre bizantino, que conseguiu impressionar o príncipe. Diz-se que seus enviados a Constantinopla também retornaram fascinados pela beleza das igrejas ortodoxas e as missas divinas (RUSSIA BEYOND, 2017).

E assim, em 988, o príncipe de Kiev, a capital da Rus’ Kievana, oficializou o cristianismo ortodoxo oriental como religião obrigatória aos seus súditos e, além de reunir o país embaixo de um só governo e uma só igreja, também estreitou laços econômicos e culturais com os bizantinos, considerados um povo poderoso e estratégico pelos russos na Ásia Central. A partir desta relação de trocas simbólicas, a Rus passou a se espelhar em muitas referências bizantinas e, posteriormente, herdou símbolos históricos deles, como a águia bicéfala e o uso da cor vermelha pelos ortodoxos para representar a paixão dos mártires e santos. Segundo Vera Gers Dmitrov, especialista em cultura e história russa, nos séculos XI e XII, auge da época medieval russa, era um hábito comum as noivas se casarem com vestidos vermelhos, como forma de demonstrar pureza e devoção à igreja, algo que contrastava frontalmente com a visão de que o vermelho ser a cor do crime e do pecado, desde a Idade Média (PASTOREAU, 1993, p.22 *apud* GUIMARÃES, 2004, p. 119).

Outra raiz da dimensão histórica do vermelho na cultura russa se encontra nos três séculos nos quais os mongóis dominaram o país, entre os séculos XII e XV. Os soldados do país vizinho e, na época, invasor, instituíram como sistema cardeal oficial o mesmo utilizado na China. Para os chineses, cada ponto cardeal pode ser interpretado como uma estação do ano e uma cor (SIMONE, 2018)²⁶. Desta forma, o território russo passou a ser dividido pela seguinte paleta de cores: (1) o Norte é inverno e representado pelo preto; (2) o Oeste é a estação do outono e representado pelo branco; (3) o Leste é a primavera e representado pelas cores azul ou verde; e (4) o Sul simboliza o verão e é representado pelo vermelho. Esta divisão cromática

²⁶ Trecho retirado de entrevista feita em setembro de 2018 com o Doutor Lucas Simone, especialista em cultura russa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLC) da Universidade de São Paulo (USP).

influenciou, posteriormente, no nome que algumas regiões do império russo viriam a ganhar, como a Bielo-Rússia, localizada ao Oeste e que pode ser traduzida como a Rússia Branca.

Durante a reconquista dos príncipes de Moscou do país frente às tropas mongóis, no século XV, esta cor passou a ser utilizada como um dos símbolos da realeza. Durante as mais de cinco décadas do reinado de Ivan, o Terrível (1533-1584), a *Krasnaya Ploschad*, a Praça Vermelha e também bela, passou a ter a forma que se apresenta até hoje no coração de Moscou. A fortificação com tijolos vermelhos ganhou dentro de seus muros a Catedral de São Basílio (1551-1556) e outros prédios com a coloração avermelhada, como os muros que cercam o Kremlin. O vermelho seguiu firme ao longo da dinastia Romanov (1613-1917) e, como o império russo visava demonstrar sua força, a cada novo czar, a cor intensificava seu tom e a percepção de que era um símbolo ou texto cultural (BYSTRINA, 1990; MACHADO, 2003), que crescia à medida que novos territórios eram anexados. O poder da cor do sangue, do latim *vermiculo* (GUIMARÃES, 2004, p. 110), exercia tanta influência entre os monarcas que, após o assassinato do czar Alexandre II (1818-1881) por membros da organização Vontade do Povo, na, então, capital São Petersburgo, seu filho e herdeiro do trono, Alexandre III, ordenou que se erguesse no local onde o pai havia perdido a vida a Catedral do Sangue Derramado, também conhecida por Igreja da Ressureição do Salvador sobre o Sangue Derramado.

3.4.1 50 tons de guerra e vermelho

O simbolismo do vermelho possui muitas leituras possíveis, além das já citadas nesta pesquisa. Tal cor é um código cromático que pode produzir medo, desejo, prazer e também ser utilizada como um elemento de controle e agressividade. Nas cores do pintor russo Vassily Kandinsky (1886-1944), o vermelho pode ser interpretado como a expressão do gênero masculino (GUIMARÃES, 2004, p. 110 e 120). E ele está tão enraizado na cultura russa que durante o período mais inflamado da revolução, entre 1905 e 1921, não houve só o combate físico entre os bolcheviques e os mencheviques pelo governo do país, mas, também, uma guerra de símbolos, com cada grupo tendo um tom de vermelho estampado na bandeira e nos ideais.

Nesta batalha, o vermelho sangue da religião ortodoxa e das tradições do czar enfrentou o vermelho da revolução proletária soviética, herdado da Revolução Francesa (1789) e da bandeira do Partido Comunista Internacional. O materialismo do fogo que transforma e da revolução (GUIMARÃES, 2004, p. 120) venceu e, durante a Guerra Civil (1917-1921), os mencheviques, que defendiam a volta do regime de czarato, chegaram a mudar de cor e

batizaram seu exército de branco, para se distinguirem do exército vermelho, liderado pelos soviéticos.

Durante a formação da União Soviética e no período no qual a URSS esteve envolvida na Segunda Guerra Mundial (1941-1945), narrada por eles como a Grande Guerra Patriótica, a cor vermelha ganhou ainda mais força como um dos símbolos do regime proletário e, até nos países incorporados ao bloco, como a Ucrânia, ela se tornou um elemento de resistência às tropas nazistas que se apossavam cada vez mais de territórios antes dominados pela foice e pelo martelo.

Em Kiev, um grupo de trabalhadores de uma padaria formou, entre 1942 e 1943, o *Football Club Start*, time lendário que, segundo conta a história soviética, espalhada pelos países-satélites, nunca fora derrotado em campo. Após uma série de vitórias e por conta de terem inflamado o sentimento nacionalista ucraniano, o clube foi desafiado a enfrentar, em agosto de 1942, o *Flakelf*, time dos oficiais do III Reich. Neste jogo, os ucranianos usaram uniformes de cor vermelha, o que pode ser entendido como uma decisão dos soviéticos, mas não foi bem assim:

O uniforme que Trusevich e os demais jogadores do *Start* usavam parecia, à primeira vista, ter as cores nacionais da União Soviética. Era, como ele lhes disse quando apresentou as camisas na garagem da padaria, uma cor que não seria derrotada. O significado não poderia ser ignorado pela multidão esperançosa de que a convicção de Trusevich não estivesse equivocada. A competição era entre o *Flakelf* e o *Start*, mas aos olhos dos dois grupos de espectadores era também entre a Alemanha e a União Soviética, entre o fascismo e o bolchevismo (DOUGAN, 2001, p. 144).

A partida, conhecida como *o jogo da morte*, foi vencida pelo *Start* por 5 a 3, o que causou um grande desconforto nos círculos germânicos. Como represália, o time ucraniano foi enviado a um campo de concentração nos arredores de Kiev e, logo nos primeiros dias, alguns jogadores foram assassinados, como o goleiro Nikolai Trusevich (1909-1943), que antes de ser fuzilado, gritou: *krasny sport ne umriot*, traduzido como *o esporte vermelho nunca morrerá* (DOUGAN, 2001, p. 177).

Mesmo após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991, a cor vermelha seguiu como informação em terras russas, especialmente no governo Vladimir Putin, que, em sua política de retomada das tradições da cultura local, oficializou o uso nas comunicações oficiais do governo e na composição de outros símbolos nacionais, como a bandeira e também durante a realização da Copa do Mundo, entre junho e julho de 2018. Nesta competição, o uso do vermelho esteve bastante capilarizado pelas cidades-sede, como nas comunicações visuais do torneio e nos uniformes dos voluntários, por exemplo.

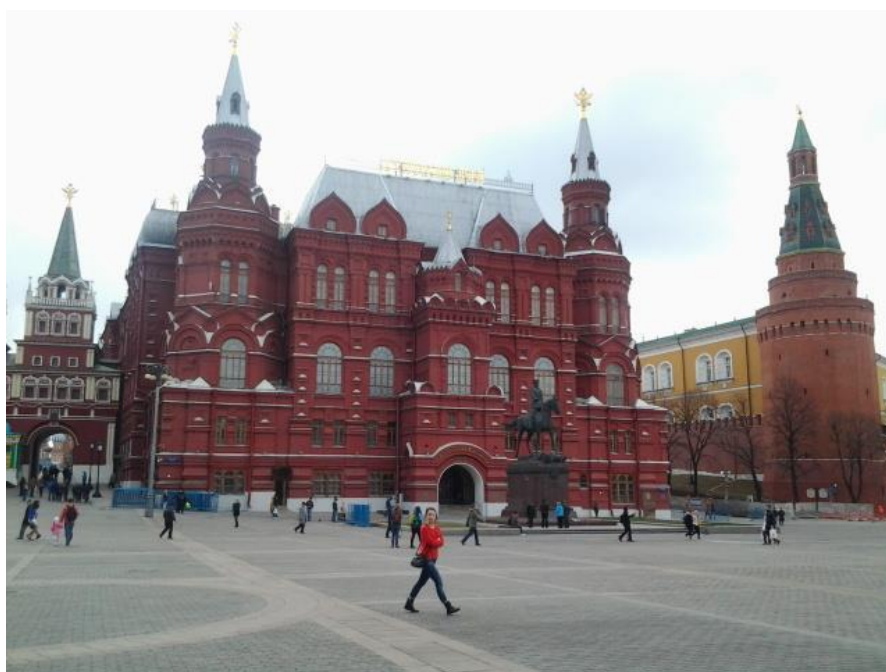


FIGURA 13: Fachada do Museu Histórico, parte do complexo da Praça Vermelha, cujas primeiras obras datam do século XII.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2015.



FIGURA 14. O vermelho sanguíneo e ortodoxo foi a cor predominante na era dos czares na Rússia.
CRÉDITO: Museu Hermitage/1760.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 15. O vermelho soviético, de tom mais intenso, simboliza a chama da revolução e da mudança.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

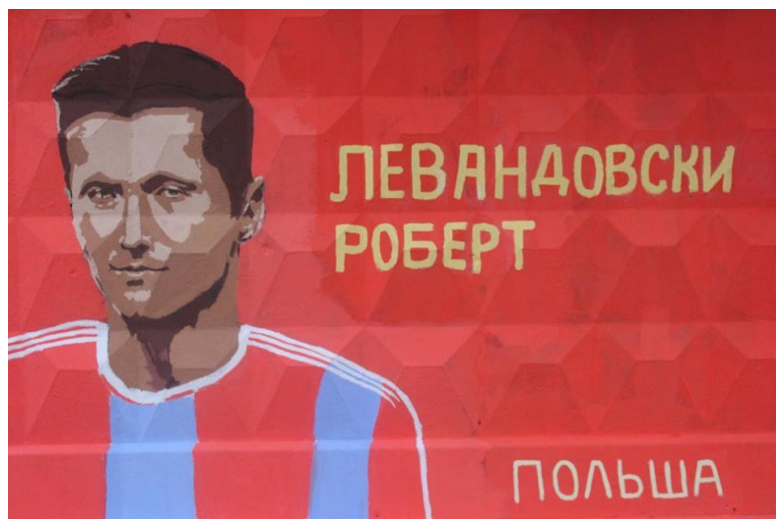


FIGURA 16. Aplicação da cor vermelha em muro da cidade de Volgograd durante a Copa
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

3.5 Corpo, cultura e disciplina pelos rituais militares e ortodoxos

O DNA russo carrega a guerra em sua composição molecular. Não é exagero dizer que, desde os primeiros anos da formação da Rússia, no século IX, os verbos defender e atacar são parte do vocabulário local. Seja para se defender de algum invasor, como no caso dos mongóis e dos alemães, seja para atacar e invadir algum vizinho, enquanto estratégia de alargamento das fronteiras, como nos conflitos com os tártaros e os suecos. Um exemplo desta cultura bélica está no significado do nome Vladimir, que batiza não só o atual presidente do país, como príncipes, uma cidade e nome de ruas, entre outros monumentos históricos. Ele é o senhor da guerra e da paz, a dualidade para manter a nação protegida do invasor, seja por via militar ou pelo poder suave (BALLERINI, 2017), ao mesmo tempo que espalha as tropas e a cultura por outras nações.

Estar preparado para defender a pátria é um símbolo imaterial da cultura russa e que vem sendo trabalhado socialmente para que seja herdado como recordação ou memória histórica (CASSIRER, 1994, p. 301; KOSSOY, 2007). É importante também que essa herança atinja a sociedade disciplinar (TANNUS, 1985) construída ao longo dos séculos, tendo como um dos objetivos o controle dos corpos nas atividades socioculturais. Desse modo, Foucault (1999, p. 141) afirma que: “Assim, a disciplina corporal é minuciosa, desenvolvendo-se de formas diversificadas de algum modo semelhantes e inter cruzadas tanto na pedagogia escolar quanto na organização militar, no espaço hospitalar quanto nas prisões de modo a cobrir o ‘corpo social por inteiro’.

Este controle sobre os corpos, via instituição militar, possui raízes longas na cultura russa. Antes da oficialização do czarato no país, em 1554, os príncipes de Moscou defendiam o Estado central e com poderio militar vasto. Este é um dos pontos fundamentais na reconquista da Rússia após três séculos de domínio mongol. O alistamento militar no país foi obrigatório ao longo dos 303 anos de dominação dos Romanov. Pedro, o Grande (1682-1721), criou a Marinha russa e a instalou em São Petersburgo para a defesa via mar do recém conquistado território dos suecos no Golfo da Finlândia. Outros monarcas, como Nicolau I (1825-1855) e Nicolau II (1894-1917), também eram a favor da defesa da nação via Exército, Marinha ou Aeronáutica. Tal exigência permaneceu nos tempos soviéticos, como forma de ter homens fortes, preparados para a guerra e sem vícios, conforme vimos no “Capítulo 1”, e continua obrigatória até hoje para homens de 18 a 27 anos.

O serviço militar é levado tão a sério pelo governo russo que atinge até mesmo o jovem que está na faculdade, que deve se alistar após a conclusão dos estudos. Só há duas maneiras de ser dispensado: (1) pela troca de serviço militar por dois anos de trabalho em hospitais, correios, bibliotecas ou organização estatal ou (2) pela liberação por ser professor, ter três ou mais filhos ou por razões médicas comprovadas (RUSSIA BEYOND, 2016).

Putin, dentro de sua política de valorizar a tradição e a história russa em outros períodos, como o tempo dos czares e dos soviéticos, estimulou a reformulação das tropas nacionais e sua reinserção geopolítica como uma das maiores do mundo, fato que havia sido posto de lado no governo Yeltsin, no começo dos anos 1990, presenciou a debandada dos jovens do alistamento militar e a queda no número de soldados em todo o país. Segundo levantamento do site *Global Firepower*²⁷, em 2017, os russos ficaram em segundo lugar de uma lista de 125 países medidos enquanto potência militar mundial – só perdem para os Estados Unidos. O Kremlin investe, a cada ano, U\$44 bilhões em uma comunidade estimada em três milhões de soldados (na ativa ou aposentados), 20.216 tanques, 3.724 aeronaves e 63 submarinos. Para efeito de comparação, o Brasil ocupa a 17ª colocação, com um investimento anual de U\$24,5 bilhões, uma tropa de 2,1 milhões de soldados, 469 tanques, 697 aeronaves e cinco submarinos (EXAME, 2018).

O “Senhor da Paz e da Guerra” também passou a financiar desfiles e paradas militares, como forma de demonstrar o novo arsenal e o poder diante dos olhos do mundo. Em 2015, por conta da parada militar pelos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Rússia organizou na Praça Vermelha o maior desfile já realizado na história do país,

²⁷ Disponível em: <www.globalfirepower.com>.

com 16.500 militares, 200 veículos blindados e 140 aviões e helicópteros de guerra (SPUTNIK NEWS, 2015). Três anos depois, em setembro de 2018, Putin ordenou e coordenou o maior exercício paramilitar em terras russas desde a Guerra Fria (1945-1991). Em 1981, cerca de 200 mil soldados soviéticos ensaiaram exercícios em solo polonês. Mais de três décadas depois, a região de Zabaikalski (no Leste da Rússia) recebeu a Vostok-2018, que contou com aproximadamente 300 mil combatentes russos e 3.200 membros do exército chinês, amparados por 36 mil carros blindados e mil aeronaves da Rússia, além de 30 aeronaves da China, o que representou para Pequim a maior saída de tropas e arsenal militar do país desde 1979, quando os chineses combateram uma investida vietnamita no Camboja (FOLHA, 2018).

Este grande jogo da guerra, que durou sete dias, foi mais uma flexão de músculos da batalha simbólico-diplomática entre russos, chineses e americanos, que, não por acaso, possuem os três maiores e bem armados exércitos no mundo. Enquanto Donald Trump²⁸, o Pentágono, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a Organização das Nações Unidas (ONU) se preocupavam com seus respectivos interesses, bem como deliberavam sob a possibilidade de um confronto a nível global e condenavam os exercícios paramilitares chinos-russos, Putin e Xi Jinping tomavam vodka às margens do lago Baikal e celebravam o alinhamento político-ideológico entre os vizinhos que *não se bicam muito com a águia americana*.



FIGURA 17. Os mongóis, ao conquistarem Kiev, em 1240, deram início ao domínio de três séculos sobre as terras russas e só foram reconquistadas pelos príncipes de Moscou no século XV, ao unificar o Estado central.

CRÉDITO: Amino.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

²⁸ 45º Presidente dos Estados Unidos, eleito para o período de 2016 a 2020.



FIGURA 18. A guarda imperial russa marcha em uma das muitas batalhas disputadas na Primeira Guerra Mundial.
CRÉDITO: Vastraman/1916.
REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 19. Tropa de fuzileiros navais marcha na parada militar que celebrou os 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.
CRÉDITO: Serguei Karpukhin/Reuters/2017.
REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

3.5.1 Minha casa, minhas regras

Além do apeço às instituições militares, a cultura russa também possui em sua constituição apeço secular à religião ortodoxa e a junção desses dois pilares simboliza tempos nos quais os russos assumiram o controle de seus territórios e se destacaram e assombraram mundo afora, devido seu poderio bélico-militar-disciplinar.

Internamente, essa parceria entre Igreja e Exército contribuiu para gerar uma das primeiras raízes culturais de controle o livro *Domostroi*, atribuído a um sacerdote moscovita do século XVI chamado Silvestre. A obra, que, em russo, pode ser traduzida como “a ordem doméstica”, foi escrita e propagada durante o governo de Ivan, o Terrível (1533-1584), como um conjunto de 67 capítulos com informações, ensinamentos e conselhos para todo bom cristão: marido, esposa, crianças, criados e criadas (AMÉRICO; BARBOSA, 2008, p. 333) e que ensinava os russos a disciplinar o lar com a Bíblia e a vara (DE MEDINA, 2017, p. 48). O *Domostroi* deveria servir como referência para a normatização dos bons costumes dentro de casa e ser seguido à risca pelas famílias ortodoxas. A obra ainda previa, dentre muitos pontos, a afirmação da autoridade monárquica e patriarcal do homem da casa sobre as mulheres.

A Igreja ortodoxa, com seus rituais arcaicos (DE MEDINA, 2017, p. 48), não só passou a ditar as regras de conduta caseira desde que foi instituída na Rússia por Vladimir I, em 988, mas, também, em todos os aspectos culturais da vida russa, como a música instrumental, considerada pecaminosa pelos patriarcas ortodoxos, e naquilo que era escrito e comunicado.

A literatura também era refreada pela Igreja onipresente. Não havia nem jornais nem revistas impressos, nenhuma peça de teatro nem poesia, embora houvesse uma viçosa produção de contos e versos populares publicados na forma de gravuras ilustradas (*lubki*) depois que técnicas de impressão barata se tornaram disponíveis no final do século XVII. Quando Pedro subiu ao trono em 1862, apenas três livros de natureza não religiosa tinham sido publicados pela imprensa de Moscou desde sua criação nos anos 1560 (DE MEDINA, 2017, p. 42).

Pedro, o Grande, controlou o poder cada vez mais onipresente da Igreja ortodoxa dentro da Rússia, especialmente em São Petersburgo, a nova capital, e considerada a “janela para o Ocidente” – muito diferente do clima considerado por ele provinciano e supersticioso de Moscou, enraizada na cultura patriarcal e nas tradições. Mas, como já pudemos observar ao longo desta pesquisa, os símbolos russos são fortes demais para serem quebrados ou esquecidos, e o pensamento ortodoxo sobreviveu às reformas modernizantes e ocidentais de Pedro e Catarina II e voltou com tudo com os czares dos séculos XVIII e XIX, em especial, com Nicolau II, ortodoxo fervoroso e defensor do poder da Igreja e do Exército como forma de guiar o país rumo ao futuro.

Na União Soviética, professar a religião ortodoxa, assim como qualquer outro tipo de crença, era proibido, em especial nos governos de Vladimir Lênin (1917-1924) e Josef Stalin (1924-1953) – decisão que foi se abrandando a partir dos anos 1960, com Nikita Khrushchov, Leonid Brejnev e outros secretários-gerais do Partido Comunista. A partir de Boris Yeltsin e após Putin, a Igreja voltou a ocupar um lugar de destaque na vida cultural e social russa e o patriarca, líder supremo, caminha de mãos dadas com o presidente e influenciar nas decisões dos rumos do país. Uma dessas recentes “mãozinhas” que o conservadorismo do patriarcado de Moscou deu ao governo Putin foi o apoio da lei de descriminalização da violência doméstica, aprovada pela Duma, a câmara do país, em 2017, e chancelada pelo presidente em seguida.

A lei, duramente criticada por órgãos de defesa dos Direitos Humanos, prevê que agressões que causam dor física, mas não lesões, e deixam hematomas, arranhões e ferimentos superficiais na vítima passam a não ser consideradas crime, mas uma falta administrativa. Apenas em casos de reincidência no período de um ano e mediante comprovação da denúncia é que o agressor pode responder criminalmente pelo fato. O problema é que a maioria das agressões na sociedade russa são do homem contra a mulher e os filhos, e a morosidade e o constrangimento do processo inibem quase 90% dos agredidos a procurar os órgãos de defesa, como a polícia. Putin, em sua coletiva anual de balanço de governo, em 2016, respondeu à uma ativista que concordava com uma lei que flexibilizasse “encarcerar um pai por alguns tapas que a criança tenha merecido” (G1, 2017).

Assim como na sociedade contemporânea russa, a violência doméstica encontrou espaço na obra de grandes nomes da literatura do país, como Dostoiévski, que, no livro *Os irmãos Karamazov* (1889), é cirúrgico ao tratar este tema, narrando um caso de pais que foram levados à Justiça por conta das agressões à filha ainda criança. Mesmo com em um espaço onde as leis deveriam prevalecer, a força da tradição da cultura russa se faz mais forte.

Um senhor culto e sua senhora sentem imenso prazer chicoteando sua filha de sete anos. E papai se sente muito feliz quando a vara tem espinhos: “isto produzirá melhores resultados”, diz ele (...) golpeia-se a criança um minuto, cinco, dez minutos, cada vez mais forte. A criança grita, depois não consegue mais gritar, sufoca. O caso se torna um escândalo e vai ao tribunal. Contrata-se um advogado... “O caso é muito simples, familiar e banal, o pai castigou um pouco a filha, e eis que, para a vergonha dos nossos tempos, levam-no ao banco dos réus!” (...) os jurados, convencidos, se retiram e trazem o veredito de inocente. O público uiva de alegria, ao ver o carrasco absolvido (DOSTOIEVSKI, 2013, p. 268).

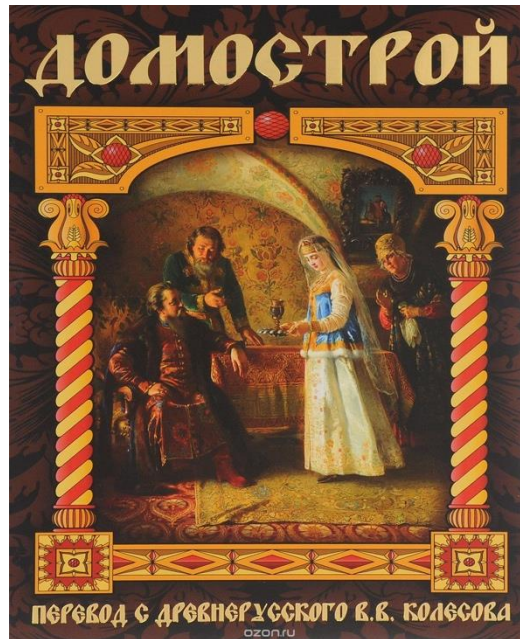


FIGURA 20. Uma das muitas edições do *Domostroi* no século XX.
CRÉDITO: Ozon.ru/1990.
REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 21. A opressão patriarcal russa segue viva e no curso da história. Protesto de mulheres contra a lei que descriminaliza a violência doméstica.
CRÉDITO: Serguei Fadeichev/Agência TASS/2017.
REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

Assim, faz-se necessário observar que a aplicação contemporânea dos três símbolos da cultura russa contextualizados, dos itens 3.3 a 3.5, será vista no próximo Capítulo, com foco na viagem feita ao longo de 33 dias, 41 mil quilômetros e 18 cidades durante a Copa do Mundo da Rússia de 2018.

4. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA COPA SIMBÓLICA



FIGURA 22. Símbolos e cores da cultura russa na Fan Fest de Nijni Novgorod, que exibiu no 28 de junho de 2018 a vitória da Bélgica sobre a Inglaterra por 1 a 0.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

4.1 Tem uma águia bicéfala na pia do banheiro, *Tavaritch!*

Dois dias de viagem já haviam se passado, com 12 mil quilômetros entre São Paulo, Lisboa e Moscou, até que o avião desembarcou em Sochi, no extremo sul da Rússia, a primeira das cidades-sede da Copa do Mundo de 2018 que eu iria, como um etnógrafo-andarilho, buscar lugares que guardassem os três símbolos analisados neste texto. No aeroporto de Adler, na cidade de mesmo nome e vizinha à Sochi, eu ainda juntava as forças de uma ultramaratona pelos ares e procurava o melhor e mais barato caminho até o quarto que havia alugado no centro da cidade-balneário às margens do Mar Negro. O nome da rua não poderia ser mais simbólico: vermelha.

Olhei em um mapa no celular e de eu onde estava até a *Krasnaya Ulitsa 5* dariam 40 minutos de ônibus. Apesar de arranhar e entender um pouco de russo, dificilmente chegaria sozinho lá do jeito que queria, num coletivo regular aeroporto-centro de Sochi. Gastar rublos à toa em um táxi não estava nos planos e, desta vez, a sorte piscou para mim. Fui ao balcão de voluntários da Copa, todo envelopado de vermelho e azul, e uma das voluntárias, Lídia, com

seu chamativo casaco avermelhado, iria para um lugar próximo daquele que eu procurava e fez o trajeto comigo no ônibus, cuja passagem custou 40 rublos, pouco menos do que um dólar.



FIGURA 23. Início da rua vermelha, em Sochi, onde me hospedei durante três dias.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

No caminho, se entende o porquê de Sochi ter se tornado o *point* dos russos endinheirados e é um alívio quando a temperatura no país começa a congelar, a partir de outubro. A cidade tem clima ameno para quente durante todo o ano e no verão se transforma na Ibiza russa, com mansões e hotéis-spa encravados nas montanhas. Apenas como curiosidade: a seleção brasileira escolheu a cidade e o Camelia Swiss Hotel, um complexo de luxo e privacidade, como base para o Mundial. O apartamento que eu havia alugado de Elena não era nenhum cinco estrelas, mas pelas fotos, parecia bom. Lídia e eu descemos do ônibus na estação do teatro. As ruas do centro da cidade estavam muito floridas, com Sol agradável de junho na Europa e nada me lembrava a Rússia mais gelada e carrancuda da primeira vez que estive por lá, em 2015.

Só me lembrei dela por um detalhe: por conta própria, tinha anotado o número 51 no endereço ao invés do cinco e, subindo a rua vermelha com minha guia-voluntária, começamos a entrar em vielas caindo aos pedaços e em um beco atrás da rua repleto de lixo, móveis abandonados e um aspecto nada amigável. Lídia se preocupou e me aconselhou a buscar outro lugar para ficar e que ela conhecia *hostels* para indicar. Mas eu me recusava a acreditar

que aquelas fotos vistas no *Airbnb*, de um apartamento organizado e limpo, eram uma cilada. Aquele desvio de rota, no entanto, acabou sendo ótimo para um jornalista curioso, pois a 500 metros da via principal de Sochi, repleta de turistas e milionários russos vindos para o verão e a Copa do Mundo, não havia maquiagem institucional – e atrás dos prédios suntuosos se escondiam cortiços e um depósito de lixo a céu aberto.

Ao voltarmos à rua, encontramos o número 51, mas não havia ninguém na casa e o vizinho, um russo mal-encarado e com poucos dentes na boca, nos disse que ao lado não vivia nenhuma Elena. Eu ainda não tinha comprado um chip de celular local e estava sem acesso à internet no celular, mas, por ter anotado todo o itinerário da viagem em um caderno de campo, propositalmente da cor vermelha, avisei ao meu anjo da guarda selecionado pela FIFA que eu tinha o telefone da Elena e, em apenas uma ligação e cinco minutos de caminhada, fui deixado no local certo, no número cinco, casa um. Ao abrir o portão, saiu uma mulher de meia idade, cabelo negro escorrido e dois olhos verdes enormes, a *Елена*. Me estendeu a mão, pois na Rússia é normal que uma mulher que não lhe conhece não o saúde com um beijo na bochecha, e com uma AK-47 de russo saindo dos lábios, me entregou as chaves, explicou as regras e me mostrou o apartamento, que possuía um quarto com cama de casal, uma janela ampla com uma cortina fina e sem bloqueio de luz, uma divisória com uma barra de ferro para pendurar roupas e ao lado, uma pia com louças e um frigobar. Tudo bem, até entrarmos no banheiro. Olho para a pia e não acredito no que está ali: uma águia bicéfala dourada, camarada!



FIGURA 24. A águia bicéfala na pia do banheiro de Sochi foi o primeiro símbolo da cultura russa que encontrei e que começou a me confirmar a hipótese inicial da pesquisa.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

O impacto de ver um símbolo tão ancestral da cultura russa em um lugar tão inesperado me deixou em choque num primeiro momento, mas logo comecei a pensar em uma maneira de perguntar à Elena o porquê de ela ter decorado o banheiro com o animal de duas cabeças. Eu teria três dias para isso e, enquanto andava por Sochi, a hipótese inicial do projeto de Mestrado começou a se confirmar e, em cada esquina, algum lugar tingido de vermelho me fazia lembrar do simbolismo desta cor para os russos: um mosaico formando o rosto de Lênin, um posto de gasolina e as comunicações visuais da Copa, no qual o vermelho e o azul se destacavam em totens, placas de sinalização, outdoors e bandeiras decoradas com o Zabivaka, a mascote local do megaevento.

Também notei que, não só em Sochi, mas também nas outras oito das 11 cidades-sede que visitei, a presença dos três símbolos da cultura russa presentes nesta dissertação. No Sul do país, a região na qual ele começou a ser construído, no século IX, a incidência deles foi maior e em Rostov-on-Don e Volgogrado, duas cidades de passado e presente militaristas, é difícil andar sem topar com um monumento a algum conflito no qual os russos tenham participado. A disciplina marcial perceptível nos corpos dos muitos oficiais que patrulharam as ruas durante o torneio de futebol e muitas águias bicéfalas capilarizadas em monumentos históricos e até mesmo num maço de cigarro velho que encontrei em um parque de Rostov numa caminhada de fim de tarde. Se eu não tivesse estudando tais símbolos, diria que estava sofrendo uma perseguição, mas era justamente atrás dela que eu havia viajado à Rússia.



FIGURA 25. Os símbolos da cultura russa se espalham pelas mais diferentes superfícies e se perpetuam desta maneira na sociedade.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

Junto com a cor vermelha, como informação simbólica e a disciplina dos corpos por meio da cultura ortodoxa e militar, comecei a notar, conforme mergulhava no universo russo e país adentro, a formação de um ambiente comunicacional, formado a partir da capilaridade da comunicação tridimensional, ligada ao corpo e às funcionalidades humanas (BAITELLO, 2008 *apud* GIDARO, 2014, p. 8).

E quanto à resposta de Elena sobre a águia de estimação no banheiro, ela veio. No último dia em Sochi, 8 de junho, preparei o Google Tradutor com a pergunta que queria fazer (*o que significa para você ter uma águia bicéfala no banheiro?*) e enquanto entregava as chaves do apartamento, mostrei a tela do celular para a russa. Ela me olhou meio perplexa, como se eu estivesse fazendo a pergunta mais estúpida possível e talvez pensando que no Brasil as pessoas não decorassem seus banheiros com um *ordem e progresso*. Pediu o aparelho e escreveu: “*é o orgulho de nossa nação, nossa tradição e história*”. Assim que me despedi e bati o portão, ainda dei uma última olhada em um adesivo da águia de cabeça ao quadrado pregado ao lado da campainha e pensei: melhor não ter perguntado.

4.2 A glória dos cossacos exposta como símbolo da cultura disciplinar

A cena é bucólica. Olga, uma das guias do Museu da Guarda Real dos Cossacos do Don, aproveita que eu sou o último dos visitantes daquele dia 10 de junho e me oferece uma xícara de chá com biscoitos em uma mesa ao lado da bilheteria-recepção do museu. Ela já sabia que eu era jornalista e visitava o local, inaugurado no dia 14 de setembro de 2016, em um dos prédios da Universidade Estatal Técnica do Don, interessado em buscar pegadas das raízes militares dos russos. A guia, além do esforço em falar inglês comigo, mas que não passava de anglicismos soltos no meio da língua russa, me dizia que eu estava com sorte e queria me apresentar a Nicolau Novikov, responsável e dono daqueles mais de 400 itens que estavam expostos em duas grandes salas.

Nicolau, com um inglês fluente, me conta que há 27 anos se dedica a colecionar itens que remontem às origens dos exércitos cossacos, que se desenvolveram às margens do rio Don, ao longo do século XVIII, e ajudaram na fundação da cidade de Rostov-on-Don, em 1776, e que, hoje, além de ser a maior cidade do Sul da Rússia, com cerca de 1,3 milhões de habitantes, é a capital da região de Rostov Oblast. Este povo, no entanto, é bem mais ancestral e, desde o surgimento do país, no século IX, teve papel importante na construção social, histórica e cultural dos russos.

O russo *kozak* vem do turco *kazak*, cujo significado original era “homem livre”. “Eles foram um dos povos que formaram a Rússia”, diz o historiador Osvaldo Coggiola, da USP. Durante muitos séculos, constituíram tribos nômades de camponeses que queriam fugir dos impostos, do serviço militar ou de contratos de servidão. A partir do século XV, se fixaram no sudoeste do país, entre o Mar Negro e o Mar Cáspio e também no Ural, no Turquestão e na Sibéria (SUPER INTERESSANTE, 2018).

Nicolau, o colecionador, e Olga, uma das duas guias que trabalham no Museu da Guarda Real dos Cossacos do Don, me contaram na roda animada de chá que, do século XVI ao XVIII, os cossacos aumentaram seu poder de influência e prestígio, em especial na frente que ajudou na expulsão das tropas lideradas por Napoleão Bonaparte da Rússia, no fim de 1812, e na defesa de bordas e expansões territoriais do império russo. A exposição das glórias militares cossacas narra também, por meio de 30 uniformes completos, armas, 50 pinturas, 20 mil fotos, entre outros itens, todas as batalhas e guerras nas quais os russos se meteram e que contaram com figuras importantes dos cossacos, que, até 1917, integraram a guarda real do czar, condecorado como líder máximo deste povo de raízes militarizadas. Na Guerra Civil (1917-1921), eles se juntaram às tropas do Exército Branco, que defendia o retorno da monarquia ao poder e durante a Grande Guerra Patriótica (1941-1945) lutaram contra os nazistas e resistiram aos avanços dos alemães pelo Sul da Rússia, tendo como episódio mais conhecido a Batalha de Stalingrado, desenrolada entre o verão de 1942 e o inverno de 1943.

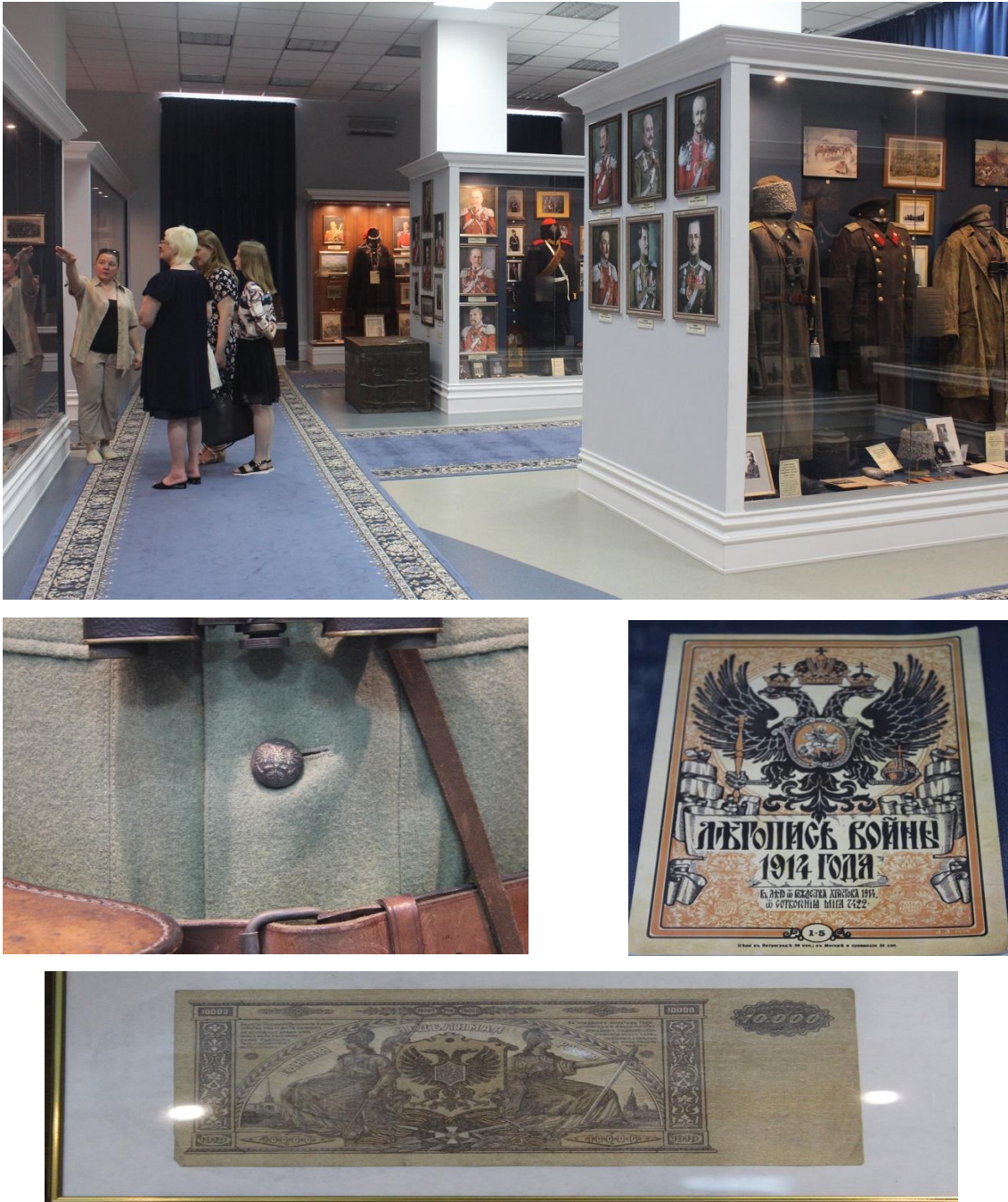


FIGURA 26. No novo museu de Rostov-on-Don, é possível observar uma profusão dos três símbolos da cultura russa que ajudaram a operar a segunda realidade na Copa do Mundo de 2018.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

Ao sair da exposição, a percepção que eu estava construindo acerca de Rostov-on-Don e do Sul da Rússia fez ainda mais sentido. As ruas estavam cheias de turistas por conta da Copa do Mundo, mas a atmosfera fechada de um passado militarizado reverberava em várias frentes, como na grande oferta de passeios pela região de Rostov para conhecer as tradições dos cossacos do Don. A 40 quilômetros ao Norte da capital desta região, se encontra a cidade de Novocherkassk, que abriga, desde 1899, o primeiro centro de memória deste povo, com ampla

exibição de artefatos militares e pertences do *ataman* (cargo máximo entre os cossacos) Matvei Ivanovich Platov, o fundador da cidade e um dos heróis da história militar russa na resistência a Napoleão. Entre Rostov e Novocherkassk há muitas vilas e comunidades rurais, que zelam pela tradição e pelo estilo de vida cossaca, nos quais um dos pilares centrais da cultura prega que o homem deve ter papel central na formação de seus descendentes.

Um dos segredos do nível tão elevado da preparação militar deste povo é a maneira de criar seus filhos. Os cossacos faziam questão de ensinar seus filhos a serem guerreiros ágeis desde a tenra infância, dado que às mulheres não era permitido participar da educação dos meninos. Andar a cavalo para um cossaco é algo indispensável, por isso os pequenos começavam a treinar essa atividade na faixa de três a cinco anos (...) já na adolescência, os futuros cossacos tinham que passar por uma prova peculiar destinada a melhorar a agilidade: em um campo, o menino tinha que escapar à bala disparada por seu tio, enquanto seu pai estava ao seu lado para o salvar no último momento caso fosse preciso (SPUTNIK, 2017).

Nas barracas de *souvenirs* em Rostov-on-Don, a cultura cossaca também é destaque e chega até a ofuscar a lembrança número um da Rússia: as *matrioskas*. Há modelos delas pintados como se fossem mulheres e homens cossacos, assim como é possível levar para casa uma tábua de corte com a idealização de família nesta comunidade imaginada (ANDERSON, 1983). Há também chaveiros, medidores de temperaturas e outras quinquilharias com símbolos da cultura russa estampados e reproduzidos ao infinito. E, sim, é bem alta a possibilidade de encontrar pelas ruas do centro um grupo de cossacos vestidos à moda antiga, sempre agrupados em pares e com o homem andando à frente da mulher.

O apego à tradição e à heteronormatividade nesta cidade-sede da Copa do Mundo revelou-se cerca de um mês antes de a bola rolar na Arena Rostov e em outros pontos da Rússia. No início de maio, um grupo de cerca de 300 paramilitares de origem cossaca anunciou que vigiaria a cidade como forma de evitar demonstrações homossexuais em público, como beijos e carícias entre pessoas do mesmo sexo. Leis a Vladimir Putin e à lei de anti-propaganda gay, aprovada e em vigor no país desde 2013, o grupo que se denomina ultranacionalista (ESTADÃO, 2018) defende os bons costumes passados entre as gerações guerreiras, ortodoxas e heterossexuais.



FIGURA 27. Tábua de corte que comprei em Rostov-on-Don com a idealização da “família margarina” entre os cossacos daquela região da Rússia.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

No fim de semana que andei pela cidade, procurei conversar com homossexuais locais por aplicativos para perguntar como era viver em um local tão hostil para quem não segue as normas de controle sexual e cultural. Após muitas mensagens e negativas, um estudante de Engenharia, que se identificou apenas como Baby e não quis revelar seu verdadeiro nome, andou comigo no centro de Rostov-on-Don e na praça que encontrei o maço de cigarro com o símbolo da águia bicéfala. Ele me contou um pouco de sua vida: veio de uma cidade pequena da região para estudar na Universidade Estatal Técnica do Don, a família desconhecesse sua verdadeira sexualidade e ele se abre sobre este ponto apenas com o grupo de dança que participa. Em Rostov, não há balada nem bar voltados para o público gay e a única maneira de vivenciar a condição sexual é por meio de aplicativos e na casa de amigos que vivem sem os pais ou que são ativistas da causa – em apartamentos, fazem reuniões e festas para a comunidade LGBTQ+. Fora da vida privada de casas e apartamentos, a realidade é árida, controladora e de raízes culturais cossacas simbolicamente arraigadas no solo rostovita.

4.3 O sol da vitória nunca se põe – a Segunda Guerra Mundial vive em Volgogrado

A poesia não é uma simples imitação da natureza; a história não é uma narração de fatos e acontecimentos mortos. A história, assim como a poesia, é um sistema do nosso autoconhecimento, um instrumento indispensável para construir nosso universo humano (CASSIRER, 1994, p. 335).

Dentro do cinema do Instituto Moreira Salles (IMS), em São Paulo, eu não imaginava que arrumaria uma máquina do tempo com uma passagem direto para o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Era 14 de outubro de 2018, já fazia três meses que havia retornado da experiência etnográfica, esportiva e cultural pela Rússia, mas aquela imersão não havia saído de mim e, mais uma vez, ficava viva por conta das imagens do documentário *O Dia da Vitória*, do diretor bielo-russo Sergei Loznitsa (2018). No filme, ao longo de 94 minutos, Loznitsa acompanha um grupo de russos residentes em Berlim, que todo dia 9 de maio, considerado pela narrativa militar soviética como o Dia da Vitória (*Den' Pobedy*). Neste dia, há 73 anos, os russos celebram a batalha final sobre as tropas nazistas e, na capital alemã, é organizada uma grande parada militar no Treptower Park, que, entre 1946 e 1949, recebeu a construção do memorial do soldado soviético, erguido por ordem de Josef Stalin para lembrar aos alemães orientais, que, até 1991, faziam parte da cortina de ferro da URSS, cujas tropas vermelhas os haviam libertado da suástica de Adolf Hitler. E para que não restem dúvidas do apego dos russos por seus símbolos históricos (CASSIRER, 1994), o topo do monumento exibe um soldado, orgulhoso de sua cultura militar, com uma espada na mão e uma criança na outra. Abaixo deles, uma suástica destrozada.

Inquieto na cadeira ao ver aquela multidão vestida como combatentes de guerra, postura marcial e com o orgulho russo exalando, foi impossível não relembrar os três dias passados em Volgogrado, às vésperas da abertura da Copa do Mundo, em 14 de junho de 2018. Nesta cidade, localizada ao Sul do país, o ar é sufocante e, a cada esquina, a percepção é a de que a Segunda Guerra Mundial (conhecida pelos russos como a Grande Guerra Patriótica) está viva na memória russa e eles se recusam a deixá-la se apagar. Já, ao descer na estação central de trens, se retorna imediatos 70 anos no tempo. Há esculturas de soviets vigiando as saídas do prédio e uma estrela dourada enfincada no topo da estação. Alguns passos adiante e, na primeira esquina, uma águia bicéfala descansa no jardim do Museu Histórico Municipal, com tijolos avermelhados à vista.

Parecem muitos símbolos da cultura russa em alguns poucos metros quadrados, mas aquilo era só um cartão de visitas de Volgogrado, já batizada de Tsarstin, em homenagens aos

czares, e Stalingrado, entre 1924 e 1991, em referência a Stalin. O nome atual homenageia o rio Volga, o maior da Rússia e que corta, além da cidade, grande parte do Sul do país.

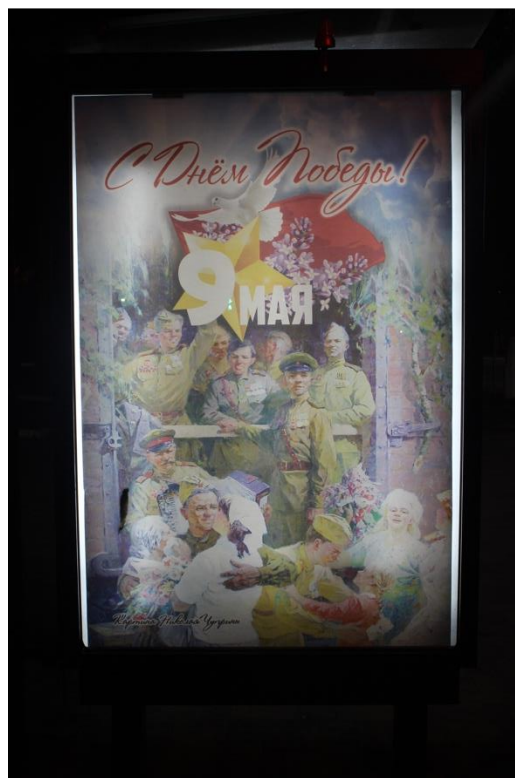


FIGURA 28. Águia bicéfala com cruz de São Jorge homenageia os combatentes russos da Primeira Guerra Mundial.

FIGURA 29. Cartaz em ponto de ônibus da parada militar de 9 de maio.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

A avenida central da cidade concentra os principais atrativos turísticos, sendo a maioria voltada a contar as glórias militares vividas naquele solo, em especial, a Batalha de Stalingrado, confronto que durou entre agosto de 1942 e fevereiro de 1943 e marcou a resistência das tropas soviéticas, que impediram os alemães de avançar mais em direção a Moscou. Na narrativa histórica da URSS, esta vitória-chave marcou o início do fim da Grande Guerra Patriótica, encerrada quando o exército vermelho marchou sobre Berlim em 9 de maio de 1945. Além de monumentos que homenageiam as raízes militares em Volgogrado, é possível observar até letreiros de pontos de ônibus e murais de lojas cenas deste conflito.

O principal museu local é o Panorama da Batalha de Stalingrado, instalado em um prédio que mais parece uma torre arredondada de usina nuclear, muito pelo fato de abrigar no último andar do prédio um panorama, um mural pintado nas paredes em 360 graus. Nos outros dois andares, uma infinidade de itens ajuda a reconstituir o passo a passo e os desdobramentos do confronto, regado a muito vermelho nas salas de exposição. Nos arredores do museu, de

frente para o rio Volga, crianças brincam tranquilamente em cima de canhões e tanques, que se misturam aos jardins de rosas e aos russos que aproveitavam o tempo aberto para tomar sorvete, um gosto local consumido em grandes quantidades até no inverno, e passear pelas alamedas, enquanto a noite não cai.

Quando a noite começa a surgir no horizonte, o melhor ponto de observação da cidade é a colina onde 200 mil homens perderam a vida por conta de Stalingrado, além de outros 1,8 milhões que se feriram ou desapareceram. Ao começar a subir e a vencer os 200 degraus, que simbolizam a duração da batalha, a história começa a pulsar e entrar pelos poros. A cada canto do complexo, uma estátua gigantesca e em estilo soviético alerta o visitante trata-se de um local de reverência e silêncio. O som ambiente, criado de propósito para te levar para dentro de um campo de batalha, reproduz sons de tiros, canções para embalar os soldados e as movimentações das tropas. Não importa o local onde esteja, uma coisa é certa: a Mãe Rússia te vigia lá do topo.

O monumento *Mamayev Kurgan* (Mãe Pátria) já impressiona pela grandeza na parte baixa da colina onde se desenrolou a Batalha de Stalingrado. Em frente dela, se construiu a Arena Volgogrado, com design futurista e leve e que destoa da arquitetura em bloco dos tempos da União Soviética. Conforme se encaminha para o topo dos pés da estátua, de 85 metros e inaugurada no início dos anos 1960, a estrutura simbólica aumenta o grau de intimidação. Até o fim de 2018, ela reinou como monumento mais alto do mundo – neste momento a Índia inaugurou um monumento de 182 metros, em memória de Sardar Vallabhbhai Patel, o líder da independência indiana em relação à colonização da Grã-Bretanha.

De volta a Volgogrado, os olhos da Mãe Rússia observam firme no horizonte e lhe encaram até mesmo no teto do *Zal Voynskoy Slavy* (Salão da Glória Militar). Quando se alcança a base dela, se sente o peso da tradição da cultura russa e de sua história, pois, evocam para o chamado da Mãe Rússia na defesa da terra contra o invasor. Mas, como ela também é maternal, saúda os visitantes não-bélicos e que desejam conhecer os feitos daquela terra, nos quais dia após dia, a Segunda Guerra Mundial é revivida. No dia 9 de maio, toma as ruas da cidade com uma parada militar, que só perde em números e importância para Moscou, o que não é pouca coisa, já que esta data é considerada por muitos russos como a mais importante da história contemporânea do país. No exterior, consulados e embaixadas russos celebram o dia com eventos fechados a convidados e não dão expediente. Já nas comunidades russas emigradas, como a de cerca de dez mil migrantes que vive em São Paulo, a maioria na Vila Zelina, na Zona Leste, o Dia da Vitória não é celebrado, segundo Victor Selin, integrante do grupo de cultura e folclore russo Volga. E há dois motivos para isso. O primeiro é que, apesar de parte da colônia

rusa buscar manter as tradições e a cultura vivas, muitos emigrantes vieram ao Brasil fugindo da perseguição política da União Soviética e não seguem as datas históricas do extinto bloco. O segundo é que, no Ocidente, a narrativa do fim da Segunda Guerra contada é a dos norte-americanos, terminada com a carta de rendição do imperador japonês Hirohito, em 9 de agosto de 1945 – 90 dias após os soviéticos terem entrado e tomado Berlim.

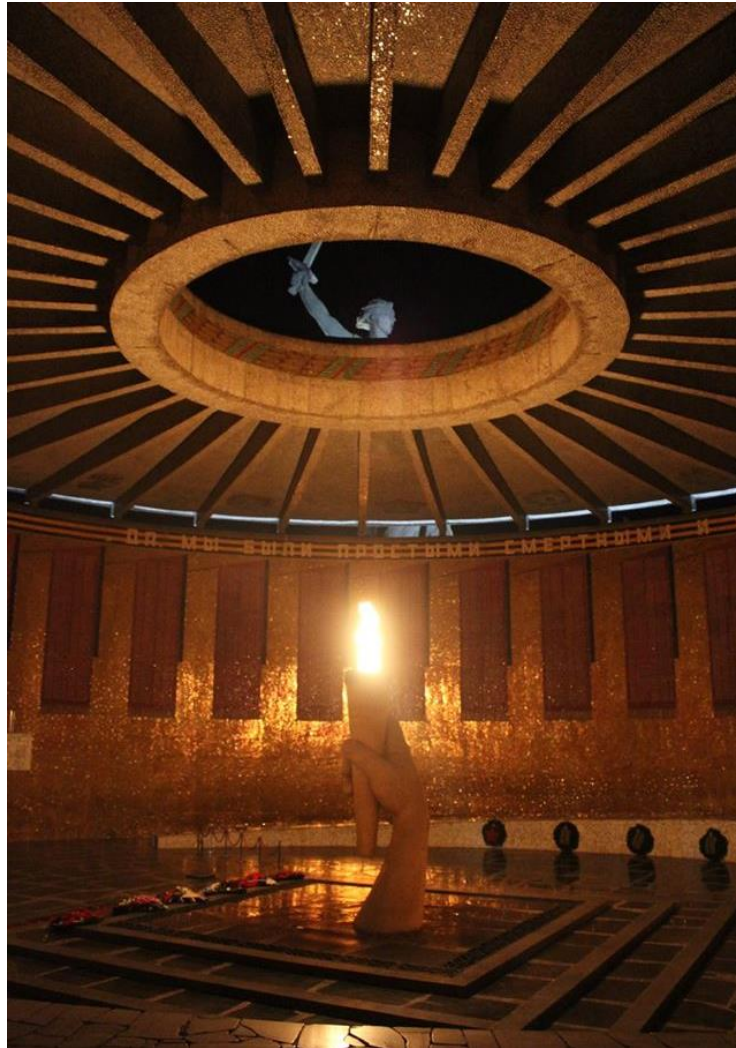


FIGURA 30. A Mãe Rússia parece pequena ao surgir no salão das glórias militares, mas consegue “vigiar” a colina de Stalingrado de qualquer ponto.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 31. No cemitério militar, exposto pelas ruas de Volgograd, é cena comum ver crianças brincando de guerra e revivendo a história que se recicla diariamente em Volgograd.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 32. O diálogo entre passado e presente na Rússia é uma constante. As glórias soviéticas convivem lado a lado com os novos tempos, como a Copa do Mundo no país.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

4.4 Símbolo artilheiro e geopolítico

O chute que o atacante da Suíça, Xherdan Shaqiri, acertou nas redes da seleção da Sérvia, valeu muito mais do que a virada no placar, terminado em 2 a 1, e os três pontos, que em 22 de junho, deixaram os suíços a uma vitória contra a Costa Rica para passar às oitavas de

final da Copa do Mundo da Rússia. Na Arena Kaliningrado, lotada com 33 mil pessoas, a maioria de sérvios e russos, povos culturalmente “irmãos”²⁹, Granit Xhaka e Shariqi, filhos de casais albaneses-cossovares e ambos naturalizados suíços, fizeram questão de reproduzir com as mãos um símbolo que há séculos mexe na geopolítica e nos ânimos na região dos Balcãs e partes da Eurásia: uma águia bicéfala.



FIGURA 33. A comemoração politizada dos descendentes de albaneses-cossovares Xhaka e Shaqiri, jogadores da seleção suíça de futebol.

CRÉDITO: Laurent Gligerson/EFE/2018.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

Como já eram 44 minutos do segundo tempo e o jogo iria até os 48, os jogadores sérvios ainda tentaram o empate para, após o apito final, partirem para a reclamação do que eles entenderam ser uma provocação ao país. A Federação de Futebol da Sérvia também cobrou a FIFA para que a entidade tomasse uma atitude contra algo que ela busca a todo custo evitar nos eventos que organiza: as mensagens políticas. Além do símbolo com as mãos, Shaqiri ainda exibiu em uma das chuteiras uma bandeira do Kosovo, país que foi parte da Iugoslávia, a partir de 1945 e que, desde 2008, se proclamou independente do território sérvio. A independência cossovar não é aceita pela Sérvia e não há um consenso entre países sobre se este pedaço de terra é um país. Para a Federação Europeia de Futebol (UEFA) e a FIFA, o Kosovo foi

²⁹ Tanto os russos quanto os sérvios, por possuírem raízes culturais ortodoxas, herdadas dos bizantinos, fazem uso do mesmo alfabeto, o cirílico. A maioria da população nos dois países segue a religião do patriarca também. O clima de irmandade entre os povos eslavos é tão alinhado que durante a Copa, foi possível ouvir as duas torcidas cantando “o Kosovo é Servia” durante a vitória sérvia contra a Costa Rica e que antecedeu o jogo contra a Suíça, fato que se repetiu ao longo do primeiro tempo e na vitória parcial por 1 a 0. Na Arena Kaliningrado, grupos russos-sérvios cantavam canções ofensivas aos jogadores e torcedores da Suíça com ligações com ex-países da Iugoslávia, como o técnico, o bósnio Vladimir Petkovic, Haris Seferovic (país croatas), Valon Behrami (nascido no Kosovo), Josip Drmic (descendente de croatas) e Mario Gavranovic, o autor da assistência para Shaqiri e filho de bósnios-croatas (TRIVELA, 2018).

autorizado, em 2016, a se filiar às instituições esportivas e disputar as eliminatórias pela Europa para a Copa do Mundo.

Mas os problemas geopolíticos, culturais e territoriais entre sérvios, cossovares e albaneses vai além das fronteiras dos séculos XX e XXI. Para se compreender as origens do gesto de Xhaka e Shaqiri, é preciso mergulhar nas raízes culturais dele.

Do século VIII ao século XII, Kosovo foi o núcleo do Estado medieval de Raska (Rascia); em fins do século XII o governador sérvio Estêvão Nemanja o anexou e, durante algum tempo, Prizren foi a capital dos príncipes sérvios. Em 1389, um exército invasor otomano derrotou as tropas sérvias durante a batalha de Kosovo e, em 1455, conquistou este território. Entre os séculos XVI e XVIII, os vastos territórios dos Bálcãs, que incluíam Kosovo, foram divididos entre o império otomano (que ficou com a Sérvia, Bósnia, Herzegovina, Montenegro e Macedônia); os Habsburgo (que ficaram com a Croácia, a Eslovênia, parte da Dalmácia e Voivodina) e a República Veneziana (Ístria e Dalmácia) (FOLHA, 2008).

Os sérvios, assim como os russos, mantinham relações comerciais e culturais com os bizantinos e, a partir deles, herdaram a águia bicéfala como símbolo imperial, como já vimos no “Capítulo 3”. Com o avanço dos muçulmanos otomanos sobre Constantinopla, tomada dos bizantinos, em 1453, os territórios sob domínio sérvio, como o Kosovo, também passaram a sofrer influência islâmica, sendo que os líderes otomanos, que não conseguiam controlar todas as regiões conquistadas na Eurásia, negociavam a conversão religiosa e davam em troca o direito de fazer parte da administração de seu império (UOL EDUCAÇÃO, 2008). Desta forma, os albaneses convertidos à religião de Alá receberam o Kosovo para ocupar e propagar a cultura muçulmana, além de aumentar ainda mais a temperatura dos conflitos contra os sérvios ortodoxos. Um desses desentendimentos, no campo simbólico, está no fato de os albaneses também terem se apropriado da águia de duas cabeças como um de seus símbolos nacionais, herdado dos otomanos, que tem como uma de suas raízes formadoras os hititas, habitantes do Norte da Turquia e o primeiro povo com registros históricos comprovados do uso da águia bicéfala, entre os séculos XX e VII a.C (DE OLIVEIRA, 2012, p. 226-227).



FIGURA 34. A guerra de águias bicéfalas se expandiu além das bandeiras e fronteiras da Sérvia e da Albânia para um jogo de Copa do Mundo.

CRÉDITO: Cortesia Consulado da Sérvia e da Albânia/2018.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

Ao longo dos séculos XVI e XX, sérvios e albaneses alternaram o poder e a influência nas terras cossovares, com maior presença dos albaneses até 1912, quando, finalmente, os príncipes e as tropas sérvias conseguiram recuperar o território ao Sul do país, cuja maioria da população já seguia o islamismo e não gostava da ideia de ter um novo “proprietário”. Durante as duas grandes guerras mundiais, a Albânia chegou a anexar o Kosovo enquanto os confrontos se desenrolavam – para voltar a perder o país entre 1919-1939 e de 1945 em diante, quando os cossovares passaram a ser um dos povos constituintes da extinta Iugoslávia, formada por Sérvia, Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro, Macedônia e as regiões autônomas do Kosovo e Voivodina. Com a desintegração deste bloco balcânico, em 1992, a população cossovar, inicialmente neutra nas guerras de libertação dos países vizinhos, também passou a reclamar o direito de se tornar independente da Sérvia, conflito bélico e ideológico que durou até 2008. Neste ano, a população albanesa-cossovar, que compõe mais de 90% da população do Kosovo, declarou a independência de forma unilateral, não sendo reconhecida até os dias de hoje pela Sérvia e pela Rússia, por exemplo.

Imagine, então, o gosto de Xhaka, cujos pais Ragip e Eli precisaram fugir do Kosovo por conta de perseguição política, ao marcar o gol que empatou o jogo entre Suíça e Sérvia, e multiplique por dois para entender a comemoração ainda mais extravasada de Xhariqi ao marcar o gol da vitória e ao olhar as arquibancadas cheias de sérvios e russos nervosos pela derrota e, mais ainda, por assistir um gesto que, simbolicamente, reviveu os conflitos seculares entre os povos. A família de Shariqi também precisou sair de lá com ele ainda bebê e pedir asilo à Suíça. O hoje atacante do Liverpool (Inglaterra) nunca escondeu suas rusgas com a dominação sérvia no Kosovo e, sempre que pode, se posiciona sobre o assunto e, durante alguns jogos da

seleção que defende, chegou a carregar nos pés as três bandeiras dos países que têm raízes: Albânia, Kosovo e Suíça (TRIVELA, 2018).

4.5 Roteiros sagrados e macabros de Ecaterimburgo

O trem entre Saransk, no centro da Rússia, e Ecaterimburgo, na fronteira geográfica e imaginada da Europa com a Ásia, foi um exercício de paciência. Os 1.115 quilômetros de linha férrea entre essas duas cidades-sede da Copa do Mundo costumam resultar em uma viagem de trem com duração de 24h e, no caso de um mundo que cada vez mais se proclama digitalmente conectado, fazer esta travessia se torna também um problema, uma vez que, em quase todo o trecho, não há acesso à internet. Mesmo viajando em um dos 700 trens gratuitos de longa distância, disponibilizados pelo comitê local aos torcedores que possuíam ingressos dos jogos, o Wi-Fi dentro dos vagões se resumia às placas escritas em russo, inglês e espanhol. Sinal que é bom, nada.

A visita à cidade de Caterina, localizada na região dos montes Urais, tinha como propósito ir além de assistir ao jogo França x Peru, pela segunda rodada do Grupo C, no dia 21 de junho. A quarta maior cidade da Rússia, com 1,4 milhões de habitantes, guarda memórias e histórias da formação do país desde que foi criada como a “janela para o Oriente”, em 1723, fruto das expansões russas ao Leste durante os czaratos no século XVIII, com destaque para Catarina I (1725-1727) e Catarina, a Grande (1762-1796), ambas nomeadas rainhas de todas as Rússias. É preciso observar que, os russos, sob a coroa e o cetro de Pedro, o Grande, já haviam aberto a “janela para o Ocidente” em 1703, com a fundação de São Petersburgo.

De 21 a 24 de junho, me dediquei a mergulhar nas raízes histórico-culturais de Ecaterimburgo, famosa mundialmente por ser o local onde os últimos descendentes do Romanov foram assassinados, em 1918, e, 100 anos depois, por conta da canonização de Nicolau II e sua família pela igreja ortodoxa russa, em 2000, se tornou um ponto de peregrinação e ótimo centro de observação de símbolos da cultura russa. Não é preciso andar muito pelas ruas e avenidas do centro para dar de cara com uma águia bicéfala, muitos tons de vermelho ou sentir o forte esquema de policiamento armado na capital de Sverdlovsk Oblast para a Copa, assim como a força da tradição ortodoxa por lá. Na Igreja do Sangue, um complexo religioso construído em 2003, cujo objetivo central é o de lembrar aos visitantes e fiéis que naquele sítio, chamado de casa Ipatiev, se derramou o sangue do czar, da esposa, Alexandra, dos cinco filhos, do cachorro e dos criados na noite de 17 de julho de 1918, após mais de um

ano de prisão a 1.300 quilômetros de Moscou, imposição de Lênin aos últimos no país que ainda simbolizavam a monarquia e tudo o que os bolcheviques combatiam.

Já na entrada do mausoléu-complexo religioso, uma escultura em tamanho real representa o sofrimento dos Romanov durante a execução. Ao subir a escada que dá caminho até a catedral, os olhos dos visitantes se deparam com um Nicolau II atordoado e clamando pela vida de sua família. Dentro do templo ortodoxo, o silêncio é absoluto e fotos não são permitidas. O único barulho lá de dentro vem das três lojas de repletas de souvenirs dos “portadores da paixão”, título concedido à família real pela igreja ortodoxa e que significa que eles enfrentaram a morte com resignação, de uma forma semelhante à de Cristo e que, por esta razão, são distintos daqueles considerados mártires, mortos explicitamente por sua fé e pela perseguição religiosa. Mas na prática não é bem assim que acontece, já que em Ecaterimburgo, os peregrinos que viajam até lá buscam honrar as tradições pré-União Soviética e os símbolos que remetem a este tempo. Tanto que, por todo o terreno e prédios que compõe a Igreja da Paixão, há bandeiras com águias bicéfalas imperiais tremulando, assim como nas paredes, esculturas e em lembranças postas à venda.

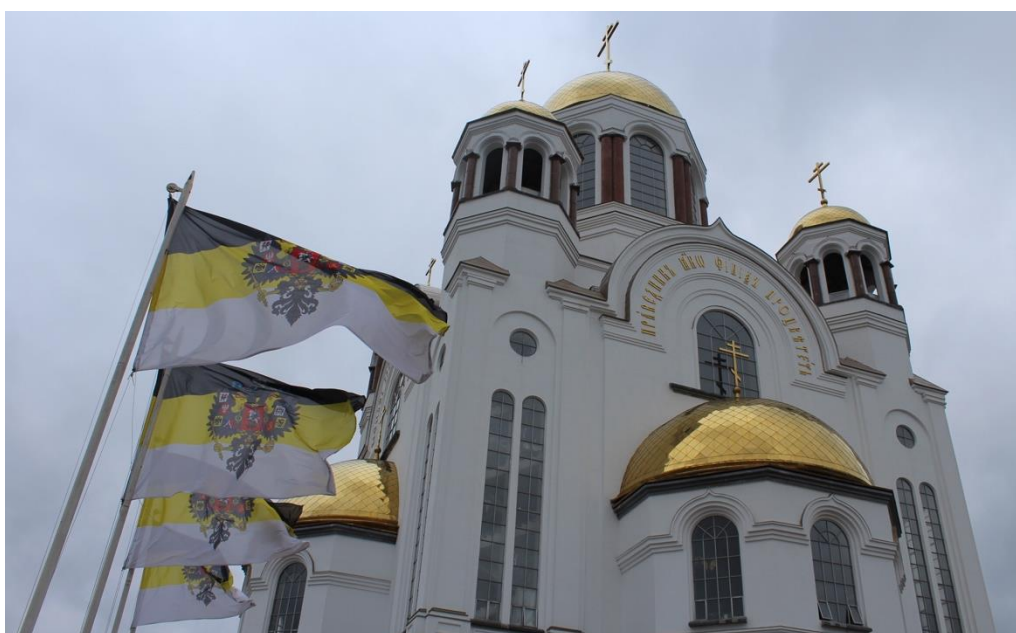


FIGURA 35. Bandeiras com símbolos da família Romanov na Igreja do Sangue, em Ecaterimburgo.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 36. Águia bicéfala no museu construído em cima da casa de Madeira na qual os Romanov foram mortos, em 1918.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

Mas o *tour* que mistura sagrado e macabro por Ecaterimburgo não termina na catedral em honra aos últimos Romanov. Cerca de 15 quilômetros ao Norte da cidade, o complexo ortodoxo de Ganina Yama atrai ainda mais fiéis em busca dos últimos dias e atos dos “portadores da paixão”. Neste sítio, coberto de pinheiros, oficiais do exército vermelho abandonaram os cadáveres da monarquia e seus servos para se decomporem em um fosso coletivo de nove metros de profundidade. Desde 2001, após décadas de debates sobre o destino dos restos mortais da família do czar e a autenticidade dos ossos encontrados no buraco, a Igreja ortodoxa anunciou que aquele pedaço de terra era sagrado e deveria servir à honra da memória dos nobres que perderam a vida por conta da perseguição política.

Decidi visitar o complexo no último dia que passei em Ecaterimburgo, no domingo, dia 24 de junho. De lá, voltaria mais uma vez à Kazan e iniciaria o caminho até o Norte da Rússia, para chegar a São Petersburgo e acompanhar a fase de oitavas de final da Copa do Mundo. A cidade ao Leste do país, mesmo com o apelo dos jogos do Mundial, não parecia muito interessada em futebol e registrava bem menos estrangeiros do que as outras dez sedes. Como Ganina Yama é um ponto turístico que poucas pessoas conhecem ou ouviram falar,

pensei: “hoje deve estar vazio”. Ledo engano. Ao chegar ao portal de madeira de cedro, o estacionamento lotado de carros, ônibus e van, além de um sem número de mulheres com a cabeça coberta por lenços e homens trajando calças e camisas de mangas me deram as boas-vindas e, com eles, aprendi que o fim de semana é quando os 11 pontos sagrados da *via crucis* dos Romanov pela região recebem mais peregrinos. Acerca de visitantes estrangeiros, nas duas horas que permaneci por lá, só contabilizei eu e um casal de japoneses curiosos.



FIGURA 37. Grupos de fiéis ortodoxos visitam o complexo, formado por sete capelas em honra aos Romanov.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 38. Os símbolos dos czares estão em toda parte como forma de manter a tradição viva.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

Cada uma das sete capelas do lugar simboliza uma vida real que foi abatida por tiros e, dentro delas, fotos não são permitidas, assim como roupas curtas e comportamentos considerados desrespeitosos, como falar alto, ao telefone e qualquer outro gesto que atrapalhe o momento de reverência aos ícones expostos nas paredes e nas imagens cobertas por um vidro, que deve ser beijado três vezes, seguindo a liturgia ortodoxa. Naquela imensidão de verde e de paz, os Romanov parecem que nunca morreram, devido ao cultivo constante da memória histórica e da capa mitológica na qual foram envolvidos pelos seguidores da Igreja ortodoxa na Rússia e em países nos quais se desenvolveram comunidades russas, como o Brasil e os Estados Unidos.

O clima de morte em Ecatereburgo vai além da *via crucis* czarista. Dentro do roteiro macabro e do sangue, é possível visitar dois cemitérios (Uralmasch e Sherencheskoye), que, nos anos 1990, passaram a ser controlados pelos dois grupos mafiosos mais temidos do Leste do país: o Uralmasch e a Facção Central. Com a desintegração da União Soviética, em 1991, e a abertura frenética da Rússia ao mercado internacional, o país deu abertura ao surgimento de grupos ligados ao crime organizado e que gerenciavam o comércio interno dos produtos que eram importados, além do tráfico de drogas e da segurança paralela nos grandes centros. Na cidade que delimita o fim da Europa e o início da Ásia, as duas facções reinaram absolutas e promoveram um banho de sangue e perseguição entre eles e quem os enfrentassem. Na nova geopolítica delimitada pela máfia russa em Ecatereburgo, até o local de enterro dos membros assassinados deveria ser feito para que os corpos não fossem violados. Assim, o cemitério de Uralmasch, na periferia, recebia mafiosos do grupo de mesmo nome, enquanto que os da Facção Central eram sepultados em Sherencheskoye, na região central. Os dois locais só tinham uma semelhança: a opulência que os mortos mafiosos recebiam. As lápides encomendadas pela máfia eram feitas de mármore negro e, nelas, se costumava desenhar o rosto do falecido ou uma imagem de corpo inteiro. Quanto maior o cargo na organização, maior as honras, a ponto de os chefes serem imortalizados com bens de valor, como carro do ano, anéis e joias ou também objetos de *status* no meio, como luta de boxe e armas. Enquanto andei pelo cenário sombrio, de chão de terra e rodeado de pinheiros enormes, também encontrei em algumas lápides, algumas delas ligadas à máfia e outras não, águias bicéfalas e coroas de flores apenas na cor vermelha.



FIGURA 39. Túmulos no cemitério Sherencheskoye, que ficou no controle da Fação Central durante os anos 1990.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

4.6 Chapeuzinho Vermelho traz simpatia e vigilância na cesta

O primeiro jogo na Arena Kazan, no dia 16 de junho, marcou a suada estreia da França, que, seis jogos depois, venceria por 4 a 2 a Croácia, em Moscou, e conquistaria o bicampeonato da Copa do Mundo. Mas, naquele dia quente na capital da República do Tartaristão, uma das 22 que compõe a Federação Russa, a seleção francesa venceu por 2 a 1 os australianos. Esta foi a primeira das cinco partidas que acompanhei de dentro dos estádios da Rússia e já foi possível experimentar o forte esquema de segurança armado para os jogos. Antes de entrar na arena, uma barreira de voluntários com jaquetas vermelhas com capuz checava se o espectador tinha em mãos o ingresso referente à partida e o FIFA Fan ID, espécie de credencial implementada pela primeira vez em Copas e obrigatória a todos que possuíam *tickets*.

Ao passar por este primeiro controle, o espectador se via diante de uma catraca alta e deveria apresentar os mesmos documentos a um oficial, que checava a validade deles, enquanto outro funcionário, do outro lado da catraca, olhava uma pequena tela de LED mostrar a fotografia tirada da pessoa enquanto ela esperava o sinal verde para avançar. Após a triagem dois, era a hora de passar por um detector de metais e colocar os pertences em uma máquina de raio-X. Como uma última medida de segurança, os policiais pediam que, quem portasse câmeras a ligassem e fizesse uma foto e, no caso de celulares, que ele fosse desbloqueado em frente ao oficial. Este zelo excessivo se explica tanto pelo fato de Vladimir Putin e o comitê

organizador local terem prometido realizar a Copa do Mundo mais segura da história, como também devido a um documento de normas imposto pela FIFA aos países-sede.

Com a Copa da França, passou a vigorar o documento *Estádios de Futebol: Recomendações e quesitos técnicos* (MAZZEI; ROCCO, 2014, p. 191), com os 11 pontos fundamentais que na visão da FIFA devem ser seguidos para a boa realização do megaevento esportivo. A segurança é um desses pontos centrais e, segundo dados de uma pesquisa qualitativa realizada sobre os hábitos de consumo e o tipo de público local do presente torneio do Brasil por Rocco e Mazzei (2014), as classes A e B, com maior poder aquisitivo e o tipo de público direcionado que a entidade máxima do futebol quer atrair para a Copa do Mundo, consideraram que ter segurança é um dos principais fatores para se adquirir um ingresso do megaevento esportivo (PADOVEZ; ROCCO, 2018, p. 4-5).

No assento demarcado no ingresso e que deveria ser respeitado por todos os torcedores, a experiência de controle e dos dispositivos como medida de segurança continuava. Não eram só as 32 câmeras da transmissão oficial da instituição esportiva que vigiavam o gramado e todas as jogadas. Para qualquer canto que se olhasse, havia uma câmera para registrar o que acontecia. Não bastassem os olhos digitais, a cada ala, que dava acesso às cadeiras, se posicionavam dois voluntários, que deveriam checar se os *tickets* apresentados eram daquela área e também zelar para que todos permanecessem sentados e assistissem à partida de maneira mais contemplativa e dócil. Ao lado deles, estavam dois seguranças, os *stewards*, caso algo fora do roteiro acontecesse. Eles tinham como reforço equipes policiais que circulavam pelos anéis da Arena Kazan.

Já buscando voltar para o centro de Kazan, cidade-sede que visitei dos dias 16 a 18 e 25 a 27 de junho, entrei em um ônibus e, na parada seguinte, sentaram ao meu lado dois estrangeiros e uma voluntária. Conforme o veículo envelopado de vermelho e comunicações da Copa se movia, nada me fazia lembrar o caminho da ida. Os outros três passageiros também se olhavam e não pareciam seguros se haviam escolhido a rota correta. Kazan não é nenhuma metrópole, mas seus 1,3 milhões de habitantes e avenidas largas renderam à cidade o título de uma das dez maiores da Rússia. Na indefinição sobre onde seguir, a moça de jaqueta vermelha, calça azul marinho e cabelos loiros se levanta e, após algumas conversas, pede para que eu e os dois australianos desçamos do ônibus, pois ela, Lisa Dudka, nos ajudaria a chegar aos endereços buscados. Lisa pediu um Uber, deixamos os turistas da Oceania em frente a um *hostel* e fizemos uma caminhada até a estação de trem, onde eu buscaria minhas bagagens para, então, seguir até o quarto que havia alugado em uma pensão.

Lisa é uma estudante universitária local e é fluente em inglês e francês. O domínio destas duas línguas é uma raridade em um país que fala majoritariamente russo e que, na maioria

dos casos, só aprende o segundo idioma nas regiões nas quais há grupos étnicos diferentes dos *ruskii*, como é o caso do Tartaristão, terra natal dos tártaros, povos que, apesar de viverem no guarda-chuva russo desde o século XVI, conseguiram manter sua cultura viva. Nas cidades desta república, as comunicações são feitas em russo e tártaro e, para a Copa do Mundo, se acrescentou o inglês, idioma ainda pouco acessível à população de mais de 145 milhões de russos que vive no país.

Enquanto caminhamos, ela me contou que tem orgulho de viver na cidade e que se inscreveu no programa de voluntariado da FIFA para ajudar a mostrar aos estrangeiros que foram ao Mundial uma nova Rússia, longe do estereótipo de lugar repleto de mafiosos e hábitos tratados pelo Ocidente como “atrasados”, como o excesso de superstições e vídeos facilmente encontrados no YouTube de ursos dirigindo carros, o que, para Lisa, passa a ideia de uma terra sem lei. Aliás, a preocupação de se amenizar esta imagem construída do país se mostrou uma constante nas conversas que tive com voluntários ao longo de toda a viagem. De acordo com dados da instituição esportiva, 17.040 voluntários foram selecionados para o megaevento esportivo de 2018, de um total de 176.870 inscrições. Cerca de 93% dos escolhidos declararam nacionalidade a russa e o maior contingente deste mar vermelho foi o de mulheres, com 63% de declarações (FIFA, 2018).

Além dos voluntários que trabalharam na Copa do Mundo após processo seletivo e treinamento, cujas etapas chegam a somar dois anos, cada comitê local recrutou voluntários para ajudar a melhorar a logística de cada cidade-sede. Ao contrário do uniforme russificado e produzido pela fornecedora oficial do torneio, a Adidas, este outro grupo recebeu roupas bem menos “*estilosas*” e deveriam se limitar a auxiliar em informações turísticas e de transporte nos centros. Juntos, os voluntários formaram a interface simpática para suavizar o uso maciço dos dispositivos como medida de segurança instalados em cada ponto que os cerca de um milhão de estrangeiros que estiveram na Rússia entre junho e julho de 2018 se locomovessem. Nas ruas e arenas, o efetivo policial estava por toda parte e zelou para que os turistas tivessem a experiência em um destino seguro para a realização de megaeventos e para a prática do turismo³⁰. O consumo de bebidas alcólicas em locais públicos e fora de estabelecimentos

³⁰ Durante a realização da Copa do Mundo da Rússia, poucos incidentes dignos de perturbação do “sossego” policial russo foram registrados. No dia da abertura, o ativista gay Peter Tatchell, da Grã-Bretanha, foi detido em Moscou após protestar com um cartaz contra as supostas denúncias de perseguição e confinamento de homossexuais na República da Chechênia. O ato fere a lei anti-gay em vigência na Rússia, acerca de manifestações públicas. Dois dias depois, também na região da Praça Vermelha, um motorista de táxi do Quirquístão perdeu o controle do carro e atropelou oito pedestres. Em 21 de junho, na Arena de Nijni Novgorod, parte da torcida argentina, revoltada com a derrota por 3 a 0 para a Croácia, entrou em confronto com um torcedor croata, que chegou a levar socos e pontapés até a ação policial terminar a briga. Os argentinos foram detidos e, na sequência, tiveram o FIFA Fan ID retirado e foram extraditados da Rússia. Três dias após o incidente, a Polícia Federal russa,

comerciais foi temporariamente permitida, mas era comum ouvir entre os russos que o país estava tão vigiado que, se alguém quisesse jogar uma garrafa de vidro para o alto, ela nem chegaria a cair, pois cinco policiais cercariam o infrator em questão de milésimos. Só para se ter uma ideia das estruturas de controles montadas e executadas para a Copa: em uma das 12 viagens que fiz entre as cidades-sede, cheguei a passar quatro vezes pelos detectores de metal e raio-X em uma estação de trens em Moscou: duas vezes só para ter acesso à estação e mais duas para entrar na área de trens para fora da capital.



FIGURA 40. O reencontro com Lisa, em Kazan. Atrás, um segurança vigiava para que o fluxo seguisse em ordem no jogo entre a Alemanha e a Coréia do Sul.

CRÉDITO: Arquivo pessoal/2018.

Quanto à Lisa, mantivemos contato por redes sociais e contei a ela que voltaria alguns dias depois à Kazan, para assistir Alemanha x Coréia do Sul, no dia 27 de junho. Para meu espanto, ao entrar na arena e buscar o assento no ingresso, lá estava ela no espaço antes das cadeiras, que também pareceu surpresa com o fato de nos encontrarmos de novo entre 41.835 torcedores que estiveram na partida. Sorridente, me deu as boas-vindas e disse para contar com ela para o que precisasse. Aquele encontro, uma mera coincidência, também poderia

em cooperação com a brasileira, prendeu um brasileiro do Espírito Santo acusado de roubo à uma agência dos Correios na cidade de Itarana. A detenção na Arena São Petersburgo, momentos antes do jogo Brasil x Costa Rica, só foi possível pelo cruzamento de dados do Fan ID com uma lista de procurados internacionais pela polícia do Brasil.

ser, no campo do simbólico, um sinal de que meus passos pela Rússia não eram tão livres quanto eu pensava. A Chapeuzinho Vermelho, uma simpatia, escondia uma câmera de vigilância dentro da cesta.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Depois da segunda visita à Kazan, continuei a viagem em direção à São Petersburgo, a última cidade-sede da Copa do Mundo e a última estadia até retornar ao Brasil. Antes, parei em Nijni Novgorod, Vladimir e Suzdal, três locais que fazem parte do Anel de Ouro, região histórica da Rússia e que remonta à formação do país ao longo dos séculos IX ao XVII. Em Suzdal, cidade fundada no século XI e que chegou a ser a capital da Rússia no século seguinte, tendo Moscou como território subordinado, presenciei a cena mais surpreendente da viagem em relação ao futebol. Em um bar na cidade, que hoje tem cerca de dez mil habitantes, a TV transmitia a vitória da Rússia sobre a Espanha nos pênaltis, o que fez com que o país chegasse, pela primeira vez, às quartas de final do evento. Os torcedores, enlouquecidos, passaram a beber, a levantar bandeiras e a celebrar com músicas nacionalistas algo inesperado. Em Vladimir, a 30 minutos de ônibus dali, a festa foi mais estridente e com índices alcóolicos mais desafiantes ainda.

O comitê organizador local havia se planejado para entregar os jogos mais seguros da história. Este discurso foi endossado por Vladimir Putin, que também enxergou na Copa do Mundo uma plataforma de promoção da Rússia como um destino turístico ideal para as férias e procurou não se pronunciar sobre as expectativas acerca do time nacional. A torcida local também se esforçou em criar um clima de festa internacional pelas ruas e poucos acreditavam que o time comandado pelo ex-goleiro do Spartak, Stanislav Cherchesov, passaria da primeira fase. Minha exploração etnográfica terminou justamente no dia da despedida dos russos do torneio. Em 7 de julho, a Croácia eliminou a Rússia nos pênaltis por 4 a 2 e avançou às semifinais. Os torcedores aplaudiram e reconheceram que a missão daquela equipe desacreditada, que estava a sete jogos sem vencer e fazer gols antes do início da Copa, estava cumprida. A minha estava apenas começando.

Ainda no caminho do Aeroporto de Guarulhos para minha casa, comecei a fazer um balanço sobre a experiência e como o uso da atitude etnográfica como metodologia aplicada à esta pesquisa havia se mostrado eficiente e ajudou a confirmar as hipóteses iniciais levantadas na construção do projeto. A preparação prévia que fiz também foi fundamental para absorver ao máximo o trabalho de campo de 33 dias. Esta preparação incluiu leituras não só recomendadas ao longo do Mestrado, como também aquelas buscadas por conta própria sobre a história e cultura russas. Pude ainda participar de eventos relacionados ao fenômeno estudado, realizar entrevistas com especialistas em assuntos ligados à Rússia e também investir em um curso de língua russa para viagens no primeiro semestre de 2018. Sem a construção desta bagagem social e histórica, dificilmente o trabalho *in loco* se desenvolveria como planejado ao

longo dos últimos quatro anos, fato que dialoga com a recomendação de que o uso de métodos etnográficos demanda tempo e paciência, pois eles acontecem no tempo lento das observações e das vivências.

O recorte escolhido para esta pesquisa, que trata de utilizar o elemento da cultura dentro dos megaeventos esportivos, também se mostrou uma escolha acertada, pois, cada vez mais, a cultura tem se inserido em eventos desta magnitude – atrai e desafia por sua complexidade e capacidade de abarcar num mesmo terreno história, língua, religião, poder, geografia e geopolítica, num jogo dinâmico e repleto de carga simbólica. Outra vantagem observada é que, pelo fato da Copa do Mundo e das Olimpíadas ocorrerem a cada quatro anos, existe um tempo maior de preparação sócio-histórica e que pode ser utilizado para melhor compreensão desses fenômenos contemporâneos, tanto no campo da academia quanto no campo jornalístico.

No meu caso, o estudo das relações entre a cultura e os megaeventos esportivos pode gerar novas pesquisas a partir da Copa do Mundo da Rússia, uma vez que já existe uma agenda internacional definida até o ano de 2026, com a realização inédita de um Mundial de Futebol a ser jogado em uma sede tripla, formada pelo Canadá, Estados Unidos e México. Nos próximos anos, outros eventos de impacto estrutural e simbólico serão realizados, como as Olimpíadas de Tóquio, em 2020, e a primeira Copa do Mundo a ser realizada no mundo árabe, no Catar. Apesar dela começar apenas em novembro de 2022, já podem se observar a produção de estudos acadêmicos sobre este fenômeno, assim como materiais gerados pela imprensa a partir do uso de elementos presentes na etnografia e que ajudarão a construir a atitude etnográfica de se buscar as raízes da cultura do país árabe, bem como compreender como ela impactará a realização da próxima Copa – especialmente no que diz respeito a temas considerados caros à religião muçulmana, como a proibição de consumo de bebidas alcoólicas, a dominação masculina sobre a mulher e a perseguição ao pluralismo de gêneros, como os dos grupos LGBTQ+.

Um dos exemplos de que o fenômeno dos megaeventos esportivos tem gerado novas conversas é a série *A Copa do Deserto*, produzida pelo repórter Marcos Uchoa, em 2018, e veiculada entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019 no Esporte Espetacular, da TV Globo. Em cinco episódios, Uchoa narra como foi a experiência de percorrer cinco países do Oriente Médio (Arábia Saudita, Catar, Dubai, Egito e Israel), além de territórios na Palestina, e de como eles vem se apropriando do futebol como ferramenta de poder suave e de promoção de uma imagem mais “aberta” aos países ocidentais e que representam potenciais turistas e consumidores. Em tempos de ascensão de governos construídos em bases do nacionalismo exacerbado e no combate do que se vem tratando como globalismo, como o da Rússia, desde 2000, e mais

recentemente, no Brasil, se faz cada vez mais necessário aumentar os diálogos entre as ciências humanas e as culturas, como forma de se compreender de forma mais clara e crítica o uso de símbolos a partir da política e que podem enriquecer tanto o trabalho do jornalista quanto o do pesquisador nas áreas ligadas à Comunicação..

Outro exemplo que pode ser utilizado para ilustrar o uso da atitude etnográfica é o jogo entre Suíça e Sérvia, abordado no “Capítulo 4” desta pesquisa. O gesto dos jogadores suíços ao imitar uma águia bicéfala, após os gols da vitória, passou “despercebido” pela maioria dos veículos que cobriram a Copa do Mundo, que mantém a linha editorial do esporte relacionando-o ao *entretenimento*, descolado de análises mais elaboradas. Apenas em veículos que investem na cobertura do futebol por ângulos mais plurais e sem ignorar a carga sócio-histórica, como o site brasileiro Trivela, foi possível explicar corretamente aos seus leitores as raízes e os motivos de os jogadores Xhaka e Shariri, de descendência albanesa-cosovar, terem provocado os adversários sérvios e, simbolicamente, todo o passado de dominação sérvia no que hoje é o Kosovo.

Após o levantamento das raízes culturais presentes em símbolos, como a águia bicéfala, o uso da cor vermelha como informação na sociedade russa e da disciplina dos corpos pela cultura ortodoxa e militar, é possível compreender que o último Mundial pode ser entendido e observado de duas maneiras: como um megaevento esportivo de caráter global, segundo os padrões FIFA, e como um evento no qual o poder local recorre a cultura para compartilhar símbolos próprios da denominada “segunda realidade” presente no ambiente comunicacional no qual a Copa FIFA 2018 foi realizada, no caso a Rússia.

REFERÊNCIAS

FILMES

O dia da vitória. Direção: Sergei Loznitsa. [S.I.]: 2018. 1 DVD (94 min). NTSC, color. Título original: Den's Pobedy (Victory Day).

LIVROS

AMÉRICO, Ekaterina Volkóva; BARBOSA, Melissa Teixeira Siqueira. “Minha ordem doméstica: uma tradução”. In: **Cadernos de literatura em tradução**. São Paulo: USP, 2008. vol. 20. p. 333-338.

ALEKSIEVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia dos Livros, 2008.

BAITELLO JR., Norval; GUIMARÃES, Luciano; MENEZES, José Eugênio de Oliveira; PAIERO, Denise (Orgs.). **Os símbolos vivem mais que os homens**. São Paulo: Annablume, 2007.

BAITELLO JR, Norval. “A ciência dos vínculos”. In: BORNHAUSEN, Diogo Andrade; MIKLOS, Jorge; SILVA, Maurício Ribeiro da (Orgs.). **CISC 20 anos: Comunicação, Cultura e Mídia**. São Paulo: Bluecom, 2012. p. 11-25.

BALLERINI, Frantiesco. **Poder suave**. São Paulo: Summus, 2017.

BILLINGTON, James. **The Icon and the Axe: An interpretative history of Russian Culture**. New York: Vintage Books, 1970.

BURAWOY, Michael. **Marxismo Sociológico: Quatro Países, Quatro Décadas, Quatro Grandes Transformações e uma Tradição Crítica**. São Paulo: Alameda, 2014.

CASSIRER, ERNST. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTRO, Ruy. **A estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

DE MEDINA, Maria Beatriz. **Uma história cultural da Rússia**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

DE JESUS, Diego Vieira. Foices e Martelos no Olimpo: A Política Esportiva da União Soviética e as Relações com o Mundo Capitalista. In: **Revista História do Esporte**. Rio de Janeiro: 2010. vol. 3. n.2.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

FIDALGO, Gabriel; GURGEL, Anderson. Talvez o maior legado da Copa do Mundo foi criar uma consciência. In: **Communicare**, São Paulo, v. 18.1, p. 14-32, 2018.

FREITAS, Ricardo; LINS, Flavio; CARMO, Maria Helena. **Megaeventos, Comunicação e Cidade**. Curitiba: CRV, 2016.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Husitec, 1985.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GEBAUER, Gunter; WULF, Christoph. **Mímesis na Cultura**. São Paulo: Annablume, 2004.
- GIDARO, Alexandre. “Ambientes comunicacionais: as relações entre a Caixa e a torcida corintiana”. In: **10º Interprogramas de Mestrado Faculdade Cásper Líbero**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2014.
- GOUNOT, André. **Between Revolutionary Demands and Diplomatic Necessity: The Uneasy Relationship Between Soviet Sport and Worker and Bourgeois Sport in Europe from 1920 and 1937**. London: Sports and International Politics, 1998.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2004.
- JENKINS, Andrew; SIMON, Vyv. **Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas modernas**. São Paulo: Best Seller, 1992.
- KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- MACHADO, Irene. “Teses para uma análise semiótica da cultura (uma aplicação aos textos eslavos)”. In: **Escola de Semiótica: A experiência de Tartu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- MATEUS, Samuel. “A etnografia da comunicação”. In: **ANTROPOLÓGICAS**. Lisboa: RCAAP, 2015. n.13.
- MAZENREITER, Wofram. “The Beijing Games in the Western Imagination of China: The Weak Power of Soft Power”. In: **Journal of Sport and Social Issues**. Viena: SAGE, 2010.
- MAZZEI, Leandro; ROCCO JUNIOR, Ary José. “Os novos estádios e arenas do futebol brasileiro, o padrão Fifa e o consumidor do esporte: o legado da Copa do Mundo 2014 e suas aproximações com o entretenimento”. In: ARAUJO, Allyson Carvalho de (Org.). **Copa do Mundo 2014: debates sobre cultura e mídia**. Natal: EDUFRRN, 2016.
- MENEZES, Eugenio; PADOVEZ, Elcio. “A etnografia como método de observação e cobertura de megaeventos esportivos”. In: **Communicare**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2018. v. 18.1, p. 55-64.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Etnografia como prática e experiência”. In: **Horizontes Antropológicos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. v. 15, n.32, p. 129-156.
- MEIER, Andrew. **Terra Negra**. São Paulo: Globo, 2003.
- MUCHAIL, Salma Tannus. “O lugar das instituições na sociedade disciplinar”. In: RIBEIRO, Janine. (Org.). **Recordar Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- OSTAPENKO, Nikolai. “Nation Branding of Russia through the Sochi Olympic Games of 2014”. In: **Journal of Management Policy and Practice**. USA: North American Business Press, 2015. v. 11.
- ORTIZ, Renato. “As ciências sociais e a cultura”. In: **Tempo Social**. São Paulo: FFLCH/USP, 2002. v. 14, n. 1, p. 19-32.

OLIVEIRA, Nuno. “Em torno das origens da águia bicéfala – De Bizâncio a Sérvia”. In: DE SEIXAS, Miguel Metelo; ROSA, Maria de Lourdes (Orgs.). **Estudos de Helrística Medieval**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2012.

PADOVEZ, Elcio. “Sementes de compreensão em tempos sombrios de intolerância e totalitarismo”. In: **III Simpósio Internacional Brasil-Colômbia de estudos de compreensão**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2018.

_____. “Vamos combinar com os russos? 100 anos de programas, desprogramas e esporte”. In: **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2017.

_____. “A bola que vigia e pune: o uso do dispositivo como medida de segurança em arenas de Copas do Mundo”. In: **41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Joinville: Intercom, 2018.

PEPPARD, Victor. The Soviet critique of sport and physical culture. In: USA: Quest., 1990. v.34, n.1, p. 133-145.

PIZARRO, Juliano Oliveira. “FIFA e o soft power do futebol nas relações internacionais”. In: **Revista Recorde**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. v. 10, n. 2, p. 1-19.

RIORDAN, James. **Sport in Soviet Society**. Development of Sport and Physical Education in Russia and the URSS. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

ROCHE, Maurice. **Mega-events and Modernity: Olympics and Expo in the Growth of Global Culture**. London: Routledge, 2000.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Rússia: Europa ou Ásia?** São Paulo: Vozes, 2016.

_____. “Nações e nacionalismo na Rússia desde 1914”. In: LIMONIC, Flávio; MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Orgs.). **A experiência nacional: identidades e conceitos de nação na África, Ásia, Europa e na Américas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 311-329.

SPERANCETE, Luis Fernando Mocelin. “A ascensão de Vladimir Putin e a correção dos rumos: o ressurgimento da ‘grande nação russa’”. In: _____. **A correção de rumos de uma nação: a Rússia sob o comando de Vladimir Putin**. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo. p. 89-133.

SIGOLI, Mario André; ROSE JUNIOR, Dante de. “A história do uso político no esporte”. In: **Revista brasileira de Cidadania e Movimento**. Brasília: UNB, 2004. v. 12, n. 2, p. 111-119.

TEZZA, Cristóvão. “O mundo e a tribo”. In: Folha de S.Paulo. São Paulo: Jornal Folha de S.Paulo, 27 de dezembro de 2017. Caderno Ilustrada. p. C8.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado lógico filosófico**. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2008.

WASHBURN, John N. “Sport as Soviet Tool”. In: Foreign Affairs Magazine.

WINKIN, Yves. “A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo”. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998.

SITES

ESTADÃO. **Copa do Mundo mais cara da história salva a Rússia da estagnação econômica.** Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo-mais-cara-da-historia-salva-a-russia-da-estagnacao-economica,70002343354>>. Acesso em: 26 ago. 2018, às 13h03.

_____. **Grupo paramilitar impedirá carícias entre gays durante a Copa do Mundo.** Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,grupo-paramilitar-impedira-caricias-entre-gays-durante-copa,70002338153>>. Acesso em: 26 dez. 2018, às 17h51.

EXAME. **As maiores potências militares do mundo em 2017.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/as-maiores-potencias-militares-do-mundo-em-2017/>>. Acesso em: 21 dez. 2018, às 19h40.

FOLHA. **Soft Power da cultura também é arma de países colonizados, diz autor.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/05/soft-power-da-cultura-tambem-e-arma-de-paises-colonizados-diz-autor.shtml>>. Acesso em: 9 ago.2018, às 11h24.

_____. **Livro que regia vida privada sugeriu até maltratar a sogra.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/falando-russo-livro-que-regia-vida-privada-sugeriu-ate-maltratar-a-sogra.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2018, às 16h53.

_____. **Em sinal ao Ocidente, Rússia faz maior exercício militar desde a Guerra Fria.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/em-sinal-ao-ocidente-russia-faz-maior-exercicio-militar-desde-a-guerra-fria.shtml?loggedpaywall?loggedpaywall>>. Acesso em: 13 set. 2018, às 10h20.

_____. **Como serão os megaexercícios militares da Rússia, os maiores desde a Guerra Fria.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/como-serao-os-megaexercicios-militares-da-russia-os-maiores-desde-a-guerra-fria.shtml>>. Acesso em: 13 set. 2018, às 10h23.

_____. **Conheça a história e a origem do nome Kosovo.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u373640.shtml>>. Acesso em: 31 dez. 2018, às 16h40.

G1. **Quebra do banco Lehman Brothers completa 10 anos relembra a crise de 2008.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/09/15/quebra-do-banco-lehman-brothers-completa-10-anos-relembra-a-crise-de-2008.ghtml>>. Acesso em: 31 out. 2018, às 18h11.

GLOBO ESPORTE. **Putin recebe Khabibi e apoia o campeão. Quando nos atacam que esperem o inferno de volta.** Disponível em: <<https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/putin-recebe-khabibi-e-apoia-o-campeao-quando-nos-atacam-que-esperem-o-inferno-de-volta.ghtml>>. Acesso em: 27 out. 2018, às 10h26.

PORTAL VERMELHO. **Pequena história da cor vermelha.** Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=5683&id_coluna=74>. Acesso em: 14 dez. 2018, às 17h37.

ROSSYISKAYA GAZETA. **Por que da águia de duas cabeças no brasão russo.** Disponível em: <https://br.rbth.com/arte/2014/07/07/o_porque_da_aguia_de_duas_cabecas_no_brasao_russo_26313>. Acesso em: 9 ago. 2018, às 09h42.

RUSSIA BEYOND. **Por dentro do serviço militar obrigatório.** Disponível em: <https://br.rbth.com/multimedia/inpictures/2016/12/21/por-dentro-do-servico-militar-obrigatorio_664601>. Acesso em: 21 dez. 2018, às 19h01.

SUPER INTERESSANTE. **Quem foram os cossacos?** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foram-os-cossacos/>>. Acesso em: 26 dez. 2018, às 13h40.

SPUTNIK. **Cinco razões para visitar a terra dos cossacos do Don durante Copa 2018 na Rússia.** Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/rostov-on-don-worldcup-2018/201711199872816-cossacos-don-rostov-copa-visita-aguardente-comida/>>. Acesso em: 26 dez. 2018, às 17h46.

UOL EDUCAÇÃO. **Balcãs:** região é marcada por divisões históricas. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/balcas-regiao-e-marcada-por-divisoes-historicas.htm>>. Acesso em: 31 dez. 2018, às 16h34.

TRIVELA. **Xhaka, Shaqiri e comemorações que significam muito mais que gols.** Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/xhaka-shaqiri-e-comemoracoes-que-significam-muito-mais-que-gols/>>. Acesso em: 30 ago. 2018, às 9h50.

APÊNDICE

Os símbolos da cultura russa analisados nesta pesquisa foram encontrados nas 15 cidades russas que visitei durante o trabalho de campo no país-sede da Copa do Mundo 2018, sendo nove delas cidades-sede. Tanto a águia bicéfala, como a cor vermelha enquanto informação simbólica e a disciplina do corpo pela cultura ortodoxa e militar se reproduziram ao infinito pelos mais diferentes lugares e superfícies. Abaixo, selecionei alguns exemplos com o objetivo de demonstrar a capilaridade destes símbolos no dia a dia dos russos.

ÁGUA BICÉFALA



FIGURA 41. Torcedores no jogo Argentina x Islândia.

CRÉDITO: Cortesia FIFA/Welcome 2018.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 42. Capas para celular à venda em um shopping de Moscou.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 43. Caixa de correspondência dos correios da Rússia.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 44. Estação de metrô Gorkoievskaya, em Nijni Novgorod.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 45. Adesivo para carro com o formato da águia bicéfala, em Rostov-on-Don.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 46. Trono do czar Palácio Petergrof – São Petersburgo.
CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.

A COR VERMELHA COMO INFORMAÇÃO



FIGURA 47. Uma das salas de exposição que recria a Batalha de Stalingrado no museu Panorama Batalha de Stalingrado – Volgogrado.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 48. Mosaico feito em homenagem a Vladmir Lênin – Centro de Sochi.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 49. O chamado para a defesa da pátria que atravessa gerações, como os guerreiros do século XIV até o século XX.

CRÉDITO: Museu Panorama Batalha de Stalingrado.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 50. Posto de gasolina com a predominância da cor vermelha na comunicação visual – Centro de Sochi.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 51. A cor vermelha também predominou no uniforme dos voluntários do Mundial, estava visível e em destaque em jaquetas, camisetas, bonés e mochilas desenhados pela Adidas.

CRÉDITO: Welcome 2018/Divulgação.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 52. A cor também foi um dos destaques da festa de abertura, ao “vestir” Robbie Williams e sua equipe para o show principal.

CRÉDITO: Cortesia FIFA Welcome 2018.

REPRODUÇÃO: Elcio Padovez/2018.

DISCIPLINA DOS CORPOS PELA CULTURA ORTODOXA E MILITAR



Figura 53. Ritual ortodoxo de reverência aos ícones. A tradição pede que homens e mulheres entrem cobertos nos templos.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.



FIGURA 54. Formatura de um aspirante da Marinha Russa – Cidade de Vladimir.

CRÉDITO: Elcio Padovez/2018.